Diário de Lisboa

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Piteira Santos**

ANO 56.º/ 191 20 4$00

QUARTA-FEIRA 4 AGOSTO 1976

No prazo aproximado de dois meses

Luanda abre embaixada

Prevê-se para daqui a dois meses a abertura da embaixada da República Popular de Angola em Lisboa ao mesmo tempo que a RPA prepara a normalização das suas relações com vários países europeus com a consequente abertura de representações diplomáticas.

Por via disto, o MPLA decidiu extinguir o seu Órgão Coordenador para a Europa, e que funcionava em Lisboa. As funções deste Órgão Coordenador passam a ser desempenhadas, no que respeita a Portugal, por duas entidades distintas. As funções políticas partidárias, propriamente ditas, são da atribuição do Comité 4 de Fevereiro, constituído por militantes do MPLA a residir em Lisboa e que já foi criado há muito tempo; as funções burocráticas e as estritamente de carácter diplomático serão exercidas pela embaixada. Até à troca de embaixadores irão sendo postos em funcionamento os diversos serviços — a RPA já tinha comprado um prédio antes de as relações bilaterais se complicarem — e as tarefas de repatriamento de cidadãos angolanos residentes no nosso País são entretanto asseguradas pela Comissão Mista Luso-Angolana para o efeito criada a partir da visita de Paulo Jorge e de uma delegação da RPA a Lisboa.

A Comissão mista anuncia, aliás, para breve, a publicação de um comunicado sobre a marcha dos trabalhos de repatriamento dos refugiados angolanos.

Sudão ao amanhecer:
81 fuzilamentos

. LONDRES, 4 — (R.) — Oitenta e uma pessoas foram executadas ao alvorecer de hoje no Sudão pela sua participação no abortado golpe de Estado contra o presidente Jaafar Nimeiri em Julho, segundo anunciou Rádio Omdurman.

A Rádio, captada em Londres, disse que dois tribunais julgando os conspiradores concluiram as audiências e o presidente Nimeiri aprovara as sentenças de morte.

Cartoze outros réus foram condenados a prisão perpétua, continuou a Rádio.

O presidente Nimeiri sobreviveu a várias intentonas desde que ocupou o poder em 1969, e, no passado, pelos menos, 33 pessoas foram executadas por conspirarem contra ele.

As execuções de hoje foram a sequência de um abortado golpe de Estado levado a cabo em Cartum, em 2 de Julho, quando o presidente Nimeiri regressava de uma visita aos Estados Unidos e à França.

A intentona, em que dissidentes armados atacaram o aeroporto de Cartum e travaram luta nas ruas da capital sudanesa, foi esmagada num dia.

Fogo no paiol alarmou Pontinha

Parecia um cogumelo alaranjado a violenta deflagração que ontem às 14 horas sacudiu o paiol militar situado entre a Pontinha e o Lumiar. Posta de parte a hipótese de acção criminosa, foi mandado instaurar um inquérito. A porta do paiol foi projectada com um forte impacto — o soldado do posto dois, de sentinela no local às 14 horas, que conta. O incêndio alastraria à mata próxima, sem prejuízos (em termos materiais) de grande monta.

Dada a natureza e a quantidade das munições nos paiois, a população da zona ficou justamente alarmada. Espectacular, a deflagração não passaria, porém, de um susto de algumas horas.

PÁG. 5

REESTRUTURAR AS FORÇAS ARMADAS
(PÁG. 3)

●

P.C.P. FAZ CONGRESSO DE 12 A 15 DE NOVEMBRO
(PÁG. 20)

●

ALBERTO ARONS DE CARVALHO E O P.S.
(CENTRAIS)

●

TRÊS NEGROS MORTOS NO SOWETO
(PÁG. 13)

20 PÁGINAS

PARTIDOS E ELEIÇÕES REGIONAIS

Lei eleitoral em causa

O «ano eleitoral» vai encerrar com as eleições das autarquias. Previstas inicialmente para Outubro, não decorrerão provavelmente antes de Novembro ou Dezembro. O P.S., partido governamental, anunciou já que fará subir à Assembleia da República, até 10 de Outubro, a lei que regulará as eleições das autarquias, por forma a que o acto eleitoral se concretize até 15 de Dezembro.

Surgindo depois das flutuações provocadas pelas legislativas e pelas presidenciais, os diversos partidos não escondem as suas preocupações e lançam as respectivas máquinas partidárias na preparação do próximo acto eleitoral.

Neste momento, porém, os principais problemas relacionam-se com a Lei Eleitoral. O P.P.D. e o C.D.S. inclinam-se para o abandono do princípio do método proporcional no sistema de eleição, favorecendo antes o voto em torno de listas de partidos. O projecto de lei eleitoral, elaborado pelo VI Governo, consagrava porém o método proporcional e Mário Soares anunciou já que, apesar do diploma não ter sido promulgado pelo Presidente da República cessante, tenciona solicitar ao Conselho da Revolução a sua devolução, a fim de ser examinado pelo actual Governo. Não se exlui assim a hipótese de vir a ser apresentado à Assembleia da República na sua forma primitiva. Aliás este foi o princípio defendido pelos ministros P.S. do VI Governo, juntamente com o P.C.P.

Mas se é certo que o P.S., com o apoio evidente do P.C.P., não teria dificuldade em fazer «passar» a lei na Assembleia, não é menos certo que isso implicaria um primeiro confronto dos socialistas com a direita parlamentar. E isso é coisa em que Mário Soares não parece interessado. Apresenta-se, desta forma natural que o projecto de lei sofra algumas alterações por forma a manter um certo «equilíbrio».

A posição mais difícil apresenta-se, neste momento, precisamente para o P.S. Tendo perdido nas legislativas, tendo registado consideráveis deslocações de voto nas presidenciais, não se pode dar ao luxo de novo revés. A alternativa parece ser, ou insistir no método proporcional e votá-lo na Assembleia com o P.C.P., ou ceder às pressões da direita e embarcar num jogo de alianças eleitorais com o P.P.D.

Esta última hipótese tem sido posta ao nível do aparelho do P.S., podendo vir a traduzir-se numa coligação eleitoral P.S./P.P.D. no Norte que, além de outros efeitos, teria o de impedir uma aliança P.P.D./C.D.S. com o mesmo fim.

Acima de tudo o P.S. vai empenhar-se a fundo em impedir

Continua na pág. 20

Nacional

José de Freitas à banca de trabalho

FOI A SEPULTAR JOSÉ DE FREITAS

Foi esta manhã a sepultar o jornalista José de Freitas, redactor-principal do nosso prezado colega «Diário Popular», falecido ontem de madrugada após prolongada enfermidade. Contava 66 anos de idade.

Homem de grande integridade cívica e vasta cultura, apaixonado das coisas do mundo, José de Freitas era filho de um jornalista (Amadeu de Freitas) e cedo se interessou pela Imprensa, entrando muito novo para a redação de «O Rebate». Dali passaria para o «Diário de Notícias» e mais tarde para o «Diário Popular», de que foi um dos fundadores.

Deixou alguns livros de qualidade, ligados a temas políticos: «Esta hora dramática da vida italiana», «A batalha do Extremo-Oriente», «O plano japonês para a conquista do mundo», «A China antiga e moderna», enfim «A China vence o passado», de 1964, que fez data entre nós. O seu estilo caracterizava-se pela extrema vivacidade da escrita e por um raro sentido da reportagem, que sempre o confirmou como um homem de profissão, dos melhores destes últimos quarenta anos.

Anti-salazarista convicto, José de Freitas só depois do 25 ee Abril aceitaria voltar para o Sindicato dos Jornalistas, de onde saíra por discordar da orientação de sucessivas direcções afectas ao regime deposto. Conheceu-o a classe como um cidadão vertical, exemplar mesmo, e essa é também parte da saudade que nos fica dele.

José Mongiardim Mendes de Freitas, de seu nome completo, era casado com a sr.ª D. Elsa Ester Trigo Mira de Freitas, pai de D. Aida Maria Pereira de Freitas Martinho Simões, padrasto do jornalista José Mensurado e tio do também jornalista Amadeu José de Freitas.

À família enlutada, em especial a D. Elsa Ester de Freitas, apresentamos a expressão do nosso pesar, extensível aos companheiros de trabalho do «Diário Popular».

NA PRÓXIMA SEMANA

Ministros da República para os Açores e Madeira

Prevê-se já para a próxima semana a designação dos ministros da República nos Açores e na Madeira. A indicação foi fornecida ontem pelo secretário-geral do PPD, Sá Carneiro, à saída de um encontro em Belém com o Presidente da República, general Ramalho Eanes. O PPD é maioritário nos dois arquipélagos, dominando as respectivas Assembleias Regionais e tendo-lhe competido formar os Governos Regionais.

Sá Carneiro, em declarações à Imprensa, diria ainda que a situação política nas ilhas foi abordada durante o seu encontro com Ramalho Eanes, que se prolongou por mais de uma hora. Na audiência foi igualmente focada a posição do PPD face ao programa de Governo apresentado anteontem à Assembleia da República pelo Primeiro-Ministro Mário Soares.

Depois desta audiência, o Presidente da República recebeu também o actual ministro da Defesa, tenente-coronel Firmino Miguel.

GOVERNO REGIONAL AÇORIANO ULTIMADO

«Existe já um consenso dentro do PPD quanto à pessoa que irá desempenhar as funções de chefe do Governo Regional dos Açores», segundo confirma Álvaro Monjardino, presidente da Assembleia local, em declarações publicadas no jornal «Correio dos Açores».

Adiantando que tal consenso «contempla igualmente a equipa governamental», Monjardino, escolhido pelo PPD e pelo PS para desempenhar o seu novo cargo, afirma que «a julgar pelas declarações do Primeiro-Ministro no sentido de não entrar em conflito com as regiões Autónomas, tenho a impressão que quem vier para ministro da República não quererá contrariar esse consenso, que existe dentro do partido maioritário, e creio que essa escolha está já feita».

Referindo-se, noutro passo da entrevista, às dificuldades que o Governo Regional irá enfrentar, Monjardino salienta as de ordem estrutural.

O presidente da Assembleia Regional analisa, seguidamente, o sector de finanças, a que tem estado ligado desde há vários meses, advogando a criação de uma direcção Regional de Finanças, nos Açores, «com superintendência sobre as repartições e a alfândega». «Creio que o esquema é simples, pois tudo que é aqui cobrado aqui fica como receita dos serviços regionais, nos termos da Constituição. Outro problema que terá grande interesse, mas será tarefa do Governo Regional e da Assembleia Regional é a eventual criação de um regime tributário especial para os Açores. Este sistema tributário deve exercer uma acção selectiva quanto a empreendimentos, mesmo estrangeiros, que por causa de alguns benefícios que lhes sejam dados queiram vir instalar-se nos Açores. Talvez seja esta a maior chave do nosso futuro desenvolvimento» — conclui o entrevistado.

REESTRUTURA DO EXÉRCITO NOS AÇORES

Está em curso o plano de reestruturação do Exército no arquipélago dos Açores.

O Batalhão de Infantaria 17, de Angra do Heroísmo, passou já a Regimento de Infantaria, estando também prevista a mudança de designação do Batalhão de Infantaria 18 em Regimento de Infantaria de Ponta Delgada e do B.A.G. 1 em Grupo de Artilharia dos Açores.

O novo Regimento de Angra destacará uma companhia operacional para a cidade da Horta, um pelotão para o Pico e outro para a ilha das Flores, o mesmo sucedendo com o regimento desta cidade que destinará um destacamento, no efectivo de uma companhia, para Santa Maria. O Grupo de Artilharia dos Açores manterá duas baterias, respectivamente, em Santa Maria e na Terceira, e a bateria aquartelada na Horta será extinta.

VICE-CHEFE DO E.M.E. NA MADEIRA

De regresso do arquipélago da Madeira, chegou hoje a Lisboa o vice-chefe do Estado-Maior do Exército, general Galvão de Figueiredo.

No Aeroporto da Portela, o gen. Galvão de Figueiredo declarou aos jornalistas que a visita teve como objectivo um contacto local com os problemas de algumas unidades militares, «no que diz essencialmente respeito a instalações e algumas carências de material», que se tentarão resolver.

O gen. Galvão de Figueiredo disse ainda ter encontrado as unidades militares totalmente diferentes, depois da visita que ali efectuou há um ano, «tanto no aspecto de disciplina, como no aspecto de enquadramento e até no aspecto de instalações».

Portugal não é prioritário para a banca norte-americana

Portugal não figura entre os países que constituem a «zona prioritária» dos banqueiros norte-americanos para a expansão dos seus empréstimos internacionais durante este ano. Na verdade, um estudo da secretaria norte-americana do Tesouro revela que a Espanha, a República Federal Alemã e a França são países europeus prioritários para esse efeito — segundo informa a EFE em serviço distribuído pela ANOP.

Outros países citados como suscitando o interesse dos banqueiros norte-americanos: Jugoslávia, Roménia, Polónia, Brasil, México, Coreia do Sul, Formosa e Filipinas.

Quase metade dos empréstimos da banca norte-americana vai para a Europa Ocidental, e um quarto, para a América Latina.

O estudo da secretaria de Tesouro explica que a banca norte-americana não gosta de emprestar dinheiro aos países mais pobres pois estes têm uma dívida substancial.

EXIGEM EX-PRESOS POLÍTICOS

"Pides deverão ser julgados como elementos de uma organização fascista"

«Os elementos da Pide não deverão ser julgados isoladamente, como presumíveis delinquentes, mas no seu todo como pertencendo a uma organização de repressão fascista» — afirma-se num documento ontem entregue ao capitão Sousa e Castro por elementos da Associação dos Ex-Presos Políticos Antifascistas (AEPPA).

Contactado pela agência ANOP, um porta-voz da AEPPA afirmou que o documento entregue surgiu a partir de uma anterior reunião, havida há cerca de quinze dias, com o capitão Sousa e Castro, em que este solicitou a elaboração de um relatório para apresentar num encontro com juízes e magistrados encarregados do processo da ex-Pide-DGS, a fim de se poder ter em conta as considerações apresentadas pela AEPPA.

Mintoff convidou Mário Soares

Desconhece-se ainda se Mário Soares, Primeiro-Ministro português, aceitará o convite feito pelo seu homólogo de Malta para visitar aquele território durante a próxima semana — revelou à ANOP uma fonte ligada ao gabinete de Soares.

Recorda-se que o primeiro-ministro de Malta, Don Mintoff, convidou o seu homólogo português para uma visita oficial àquele país, a realizar na segunda semana de Agosto.

Na ocasião Mário Soares inauguraria o novo Parlamento em La Valleta e teria conversações com o chefe do Governo de Malta, prevendo-se uma troca de impressões sobre a situação política do Mediterrâneo — apurou ainda a ANOP de fontes fidedignas.

Debates de Governo na R.D.P.

A Radiodifusão Portuguesa, transmitirá, directamente, do hemiciclo do Palácio Nacional de S. Bento, o debate do programa do Governo, através de toda a rede de emissores do Programa 1, emissor regional e emissor regional dos Açores.

Ramalho Eanes recebeu "Relatório das Sevícias"

O general Ramalho Eanes recebeu ontem, na qualidade de presidente do C.R., no Palácio de Belém a «Comissão de Averiguação às Violências sobre Presos sujeitos às Autoridades Militares», a qual lhe fez entrega do Relatório, cuja elaboração fora iniciada em Janeiro deste ano.

O brigadeiro Henrique Calado, presidente da citada comissão — composta ainda pelo tenente-coronel Galamba de Castro, capitão-de-fragata Rogério Tavares Simões, tenente-coronel da Força Aérea, Alvarenga de Sousa, juiz de Direito Gomes Lourenço Martins e advogados Rodrigues Pereira e Francisco Sousa Tavares — referiu, no momento da entrega o documento, algumas das dificuldades encontradas pela comissão, nomeadamente «a ram «mais de duzentas queixas, por parte de muitas pessoas que foram vítimas de violências ou de tratamento inumanos, de discriminações ou de prisões arbitrárias».

Disse ainda que se averiguaram «mais de duzentas queias, ouviram-se algumas centenas de pessoas, examinaram-se centenas de documentos e organizaram-se processos totalizando milhares de páginas», e considerou que «o trabalho da comissão não foi orientado, por não ser essa a sua missão, no sentido de uma investigação exaustiva com vista à incriminação de eventuais culpados».

Segundo afirmou, também, o responsável da comissão, «o relato e apreciação dos factos surge com referência, às prisões efectuadas na sequência dos acontecimentos de 28 de Setembro de 1974, de 11 de Março de 1975 e de 28 de Maio de 1975 e de Novembro de 1975 e as ocorridas no Regimento de Polícia Militar e Regimento de Artilharia de Lisboa, passando por outros grupos de casos de menor relevo e pela actuação das autoridades que estiveram no centro destes acontecimentos».

O Presidente da República por sua vez, considerou no discurso que proferiu, «pensar que não se podia proceder de forma diversa da que foi seguida. As Forças Armadas que tomaram a responsabilidade de derrubar um regime totalitário e de criar as condições de estabelecimento de um Estado de Direito, não poderiam eximir-se à clarificação das responsabilidades dos seus membros no abuso de um poder que não souberem pôr ao serviço das metas estabelecidas e aceites pelo Povo Português».

Ramalho Eanes disse por outro lado que «à delicadeza da tarefa presidiu a escolha criteriosa de alguns «homens bons» deste país para constituírem esta comissão», e garantiu «aos culpados a observância rigorosa da legalidade e dos meios de defesa de que fizeram tábua rasa quando se arvoraram em donos do poder».

Israel vê com agrado relações com Portugal

Em círculos políticos israelitas afirmou-se ontem que Israel veria com agrado o estabelecimento de relações diplomáticas com Portugal, assim refere um telegrama da agência norte-americana UPI, via Anop.

Nos referidos círculos respondia-se — informa a UPI — à declaração proferida pelo primeiro-ministro português Mário Soares, na Assembleia da República, segundo a qual o Governo considera possíveis relações pacíficas com o Estado de Israel e com a China.

Recorda-se que existem, desde 1958, relações consulares entre os dois países, que nunca tivera relações a nível de embaixadas.

SE PRETENDE COMPRAR MÓVEIS

Visite a nossa exposição de mobiliário de todos os estilos, estofos, lustres, quadros a óleo, estatuetas, bibelots e enorme variedade de peças decorativas.

GALERIA ACTUAL—MÓVEIS e DECORAÇÕES

Avenida da República, 12 — Telef. 4 69 28
(defronte estação metro do Saldanha)

Em FARO o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na PAPELARIA-LIVRARIA MAGALHÃES

post-scriptum

Palavras como bombas

No mesmo dia em que uma bomba explodia nas instalações em Lisboa da companhia de transportes aéreos da República de Moçambique, 24 horas depois de ter explodido outra bomba nas instalações da Casa de Angola, podia ler-se num jornal matutino de grande circulação, propriedade do Estado (democrático) Português, que os portugueses haviam deixado em África «estradas, pontes, barragens, liceus, aeroportos, cais e por aí adiante», além da própria língua portuguesa. E tudo isto «em troca de quê», interrogava-se o prosador saudosista com acesso às páginas desse importante órgão de comunicação social e à consciência de muitos milhares de portugueses.

A prosa em questão, da autoria de um jornalista que se destacou nas páginas da Imprensa colonial como relator da «gesta» das visitas oficiais e inaugurações, levanta uma vez mais o problema da cobertura ideológica dada pelos autores de certos textos aos autores de outros desmandos, uns e outros apostados contra a normalização das relações entre Portugal e os novos Estados africanos.

Com efeito, textos como o que está em referência, e que são aliás frequentes naquele como noutros jornais, têm como evidente objectivo criar dificuldades ao estabelecimento de relações normais com os povos outrora submetidos à ditadura colonial-fascista.

No caso que nos ocupa, o autor faz o elogio da obra de «engrandecimento» levada a cabo nas ex-colónias, escamoteando todos os aspectos de fundo da questão: que as pontes e barragens se construíram não para engrandecer aqueles territórios ou as suas populações, nem sequer a economia portuguesa, mas porque eram instrumentos necessários para aumentar a exploração colonial; que, com o mesmo objectivo, o capitalismo nacional e internacional não só ergueu pontes e barragens como também cavou os cemitérios de Wyriamu e de Inhaminga e construiu a fortaleza do Ibo e o campo de concentração da Machava; que não foram os portugueses que ergueram os instrumentos para a pilhagem das riquezas das colónias nem para a exploração e opressão dos povos daqueles territórios, mas sim os monopólios sem pátria que também aqui, em Portugal, «construíram» com os mesmos objectivos.

Que os portugueses não devem ter complexos de culpa pelos crimes cometidos para encher os cofres dos monopólios norte-americanos, alemães, ingleses ou sul-africanos e dos Champalimauds, Jorge Jardim, Moreira Longo, Satúrio Pires ou Mesquitelas, é uma verdade. Como é verdade que não devem orgulhar-se pela construção dos instrumentos da pilhagem e da exploração coloniais.

Não é neste sentido, no entanto, que com excessiva frequência, e sem contrapartida, se escreve nas páginas de quase toda a grande Imprensa portuguesa. Pelo contrário. Salvo as honrosas excepções, o que na generalidade dessas páginas — de amarga impotência perante a irreversibilidade da libertação dos povos das ex-colónias — se procura é a consciente inoculação de preconceitos em relação aos novos Estados africanos, aos povos que se libertaram do jugo colonial, à própria descolonização. Sementeiras de ódios e preconceitos, são palavras como bombas que todos os dias deflagram na consciência de muitos e muitos portugueses.

Depois que venham as bombas mesmo. Contra a libertação dos povos cada inimigo da liberdade dispara as armas que tem. Ou que lhe põem nas mãos.

Carlos Marques
LISBOA

Colonizadores colonizados

Há dois aspectos que gostaria de focar nesta minha carta, concorrentes para uma mesma finalidade: barrar o caminho à Sociedade Socialista que se pretende instaurar no nosso País após o 25 de Abril de 74.

Em primeiro lugar quero salientar as visitas do sr. Carlucci a unidades das Forças Armadas e à abertura da Assembleia Regional dos Açores; aliás, não sei até que ponto este senhor teve influência na exoneração do vice-almirante Leonel Cardoso.

O segundo aspecto que me confrange é ver nas ruas de Lisboa e não só, rapazes e raparigas (portugueses ?) envergando camisetes com dísticos alusivos a universidades americanas e outras mesmo com a bandeira ou as cores da bandeira americana. Estrelas, riscas azuis e vermelhas, mal disfarçando o fim publicitário do Imperialismo Americano.

Quando é que estes «meninos» se libertarão da mentalidadezinha de escravatura e submissão aos *DITADORES AMERICANOS?*

Aquele *facho da liberdade* que se encontra à entrada de Nova Iorque já não é mais que um «FACHO», pelo menos para alguns países como o nosso!!!

Portugal deixou de ser um País colonizador para passar a ser um País colonizado? Até quando teremos de suportar traidores que em troca duns dólares se prestam a Centuriões de um Povo escravizado ao Imperialismo Americano?

João Fernando de Matos Velez
CACÉM

REESTRUTURAÇÃO DAS FORÇAS ARMADAS

CIVICUS

. . Que as Forças Armadas Portuguesas carecem de reestruturação profunda é algo de óbvio e quanto a isso não parece haver vozes discordantes. Resta, porém, saber como deverá processar-se tal reestruturação e por que princípios deverá reger-se. A tese que defendemos dá prioridade à definição duma política de defesa nacional de responsabilidade do Estado.

As Forças Armadas de que actualmente dispomos constituem um encargo para o Estado da ordem dos 15 milhões de contos. A questão primeira que imediatamente se levanta é para que servem tais Forças Armadas, se tais custos se justificam ou se, pelo contrário, se impõe a sua redução. Poderá inclusivamente pôr-se o problema da própria utilidade das Forças Armadas. Não será aliás difícil reunir argumentos a favor da sua extinção. O principal é que as Forças Armadas Portuguesas não têm nem poderão ter capacidade de resposta perante um ataque eventual de que o País fosse alvo. Inúteis ou insuficientes não se entende pois que o Estado suporte tão elevado encargo, bastando forças policiais para a manutenção da ordem pública. Uma solução desta natureza nem seria de resto original. Outros países já a adoptaram e baseados em argumentos similares.

Entre nós o argumento por vezes surge. Lembremos por exemplo a homilia do Natal de 75 proferida pelo bispo do Porto favorecendo a desmilitarização do nosso país. Para além de individualidades isoladas também forças políticas, regra geral minoritárias, favorecem idênticos argumentos. Dum modo geral, porém, no que se refere às forças políticas mais representativas, não se vai tão longe, defendendo-se a ideia de manter as Forças Armadas atribuindo-lhes as missões clássicas de garantia da independência nacional e integridade territorial. Igualmente se reconhece que as Forças Armadas terão de readaptar-se à sua nova condição territorial e política, reequipando-se na conformidade. Até 25 de Abril de 1974 Portugal combatia em várias frentes suportando uma máquina militar numerosa e pesada, mas tecnicamente pouco sofisticada senão mesmo obsoleta. Terminada a guerra em África põe-se o problema do redimensionamento, tipo de forças e respectiva máquina e tecnologia. É aqui que intervém a dimensão política. Mesmo sem entrar em linha de conta com a questão da NATO, duas concepções opostas se defrontam. Segundo uns o modelo a adoptar deve reger-se pelo princípio da alta eficiência e especialização. Assim deveríamos reestruturas as Forças Armadas por forma a dispormos de efectivos reduzidos mas altamente treinados e especializados e dispondo de material moderno e sofisticado. Esta será a chamada solução tecnocrática sempre tão atenta ao binómio custos/eficácia como desatenta às implicações políticas. Económica e tecnicamente inviável, em termos de estrita independência, tal solução seria todavia possível no quadro duma aliança, naturalmente da NATO. Daí nos viria material e «know-how» sendo os custos muitos mais políticos do que financeiros.

No outro extremo a solução aponta para a rejeição do profissionalismo, limitado quando muito ao pessoal mínimo necessário para equipar material mais complexo e de manutenção mais exigente como é o caso de aviões ou de navios. Afora estes casos extremos as Forças Armadas aproximar-se-iam mais do modelo das milícias populares, especializadas na guerra defensiva de guerrilha, com larga mobilização das massas para a defesa colectiva. Pensamos na Jugoslávia mas pensamos também na Suiça. É evidente que esta última solução é aquela que mais aproxima as Forças Armadas do povo enquanto que a primeira solução tende a separar e a criar «ghettos». É evidente também que esta última solução seria menos adaptável à aliança com a NATO, quadro que é justamente regidos pelos princípios tecnocráticos. Mas não se pense que a incompatibilidade fosse absoluta. O importante seria que Portugal se identificasse com o cenário estratégico previsto para a sua actuação, sem se subordinar a tutelas externas à sua vontade. Se estas são posições extremas haverá de certo outras intermédias e outros compromissos possíveis. O que é todavia importante sublinhar é a metodologia recomendada. Concebemos com efeito argumento a formar-se a partir da estrita obediência aos princípios consagradas na Constituição e, precisamente por isso, consideramos imprescindível que os silogismos sejam amplamente participados e com respeito pelas prioridades. Só assim poderemos ter a garantia de que a política optada corresponde a uma vontade, a uma responsabilidade democrática.

É dentro desta perspectiva que julgamos útil indagar quanto à distância entre os princípios e a realidade entre

Continua na pág. 4

SARA OCIDENTAL

UMA GUERRILHA INCESSANTE E DISPENDIOSA

DANIEL JUNQUA

O rei de Marrocos e o presidente mauritaneano Moktar Ould Daddah reforçam a sua cooperação em face da Argélia e dos guerrilheiros saharovis, a quem apoiam. A primeira de uma série de conversações, que durariam três dias, efectuou-se em Tâmara a alguns quilómetros de Rabat. Os dois países tencionam harmonizar os seus pontos de vista na previsão de uma eventual «cimeira» da O. U. A. e da próxima conferência dos países não alinhados de Colombo, onde os argelinos tencionam levantar de novo o problema do Sara Ocidental.

UMA GUERRILHA CONSTANTE E DISPENDIOSA

A agitação da África e do mundo árabe relegaram para segundo plano da actualidade o conflito sobre o Sara (que opõe a Argélia (de um lado) e o Marrocos e a Mauritânia (do outro). A assinatura dos acordos de Madrid, em Novembro de 1975, a retirada definitiva da Espanha, em 27 de Fevereiro de 1976, e a implantação dos militares e dos funcionários mauritaneanos e marroquinos no território, não puseram, no entanto, ponto final numa situação que cada vez ameaça mais a paz na região.

A Argélia, referindo as resoluções das Naçoes Unidas e da O. U. A. reclama com obstinação que seja reconhecido o direito à autodeterminação das populações saharovis, e recusa ratificar aquilo que aos seus olhos não passa de um **golpe violento**. Se desde os sangrentos acontecimentos de Amgala, em Fevereiro, parece ter renunciado a uma intervenção militar directa, nem por isso deixa de apoiar activamente a Frente Polisário, fornecendo, sem as contar, armas, munições e instrutores aos guerrilheiros saharovis. Estes também podem ir buscar homens aos campos que, na região de Tindouf, abrigam dezenas de milhares de refugiados.

Essa acção no campo tem também uma intensa actividade diplomática, visto os representantes de Alger aproveitarem todas as ocasiões para reabrir o «dossier» do Sara nas instâncias internacionais. Eles também conseguiram, em princípios de Julho, fazer adoptar pelo Conselho de Ministros da O. U. A. uma resolução em que se pede a **retirada das forças de ocupação** do Sara Ocidental. Este texto não foi ratificado pelos chefes de Estado e de Governo, que decidiram, por proposta da Nigéria, reunir uma conferência «de cimeira» sobre o Sara. Enquanto esperam, os argelinos não escondem a sua intenção de pôr de novo as Nações Unidas perante as suas responsabilidades, por ocasião da próxima sessão.

O facto de a Argélia ter marcado pontos nessa guerrilha diplomática não preocupa assim tanto os Governos de Rabat e de Nouakchott, mais preocupados com a continuação da luta armada. É certo que o «raid» lançado em Junho contra a capital mauritaneana fracassou, e o secretário-geral da Frente Polisário, Sayed El Ouali, cujo objectivo era talvez «desestabilizar» o regime mauritaneano, encontrou a morte nessa aventura. Segundo os marroquinos e os mauritaneanos, a tentativa prova, em todo o caso, que a Argélia fornece aos rebeldes um equipamento cada vez mais considerável.

Ainda recentemente, um comando saharovi atacou um campo marroquino próximo de Tan-Tan, no Sul de Marrocos, fazendo várias mortes e apoderando-se de vinte e três prisioneiros, que depois foram apresentados à Imprensa. As forças marroquinas do rei dominam as cidades mas não podem impedir os guerrilheiros de circular. A exploração dos fosfatos de Bou-Craa não pôde continuar, visto o tapete rolante que permitia evacuar o mineral estar a ser constantemente sabotado.

Nem o rei Hassan II nem o presidente Boumedienne querem a guerra, mas nem um nem outro parecem dispostos a fazer concessões de natureza a pôr fim ao **impasse**. O Governo marroquino está disposto a discutir tudo excepto **a marroquinidade do Sara Ocidental**, e as autoridades argelinas põem antes de qualquer discussão o problema do **reconhecimento do direito do povo saharovi à autodeterminação**. Preocupados com o apodrecimento da crise, vários países africanos e árabes tentaram uma mediação. Fracassaram, porém.

Em Marrocos e na Mauritânia a opinião pública está cada vez mais voltada contra a Argélia, acusada de **puxar os cordelinhos da Polisário**, a fim de atingir os **objectivos hegemónicos** que tem sobre a região. O exército cherifiano, cada vez mais exasperado com os ataques dos guerrilheiros, pretende autorização para atacar as bases saharovis em território argelino. O soberano multiplicou nestes últimos tempos advertências à Argélia e assegurou à Mauritânia o seu total apoio militar. É neste contexto inquietante que decorrem as conversações entre o rei Hassan II e o presidente Ould Daddah. Neste quadro sombrio, um só elemento é de natureza a manter um optimismo relativo: as grandes potências têm pouca vontade de ver uma nova região africana a arder. Tanto os Estados Unidos como a União Soviética, que mantêm com as duas partes importantes relações económicas e comerciais, incitam os dirigentes argelinos e marroquinos à moderação. A história destes últimos anos prova, no entanto, que os pequenos países nem sempre seguem os conselhos dos seus amigos poderosos...

Le Monde

Nacional

Barcos do Pico

DIAS DE MELO

Não se assemelham às fragatas e aos cacilheiros do Tejo, nem aos rebelos do Douro, nem aos saveiros de Aveiro, os antigos barcos dos Açores, com mais propriedade os barcos do Pico, iates e chalupas (mais iates que chalupas) — que no Pico, na freguesia de Santo Amaro, são eles todos construídos e mais do Pico foram e são a maioria de todos. Nem sequer se parecem com as traineiras, seja de onde for, da costa do Continente.

Há uns bons setenta anos atrás, veleiros de dois ou três mastros, de sessenta a setenta pés de comprimento, popa de rabo de pata, proa avançada e oblíqua por trás do garoupé espetado adiante, eram embarcações de convés corrido de ponta a ponta e de lado a lado, com uma pequena câmara empoçada à ré, sem vigias nem clarabóias, onde os passageiros se encafuavam, uns por cima dos outros, para as viagens de ilha para ilha, que tanto podiam demorar algumas horas de convívio descontraído, cadenciado pelo balanço suave, como longos dias ou compridas semanas de enjoos aflitivos e pasmaceiras de enlouquecer: dependia dos ventos que enfunavam as velas, a mesena e o traquete, a bujarrona e a giba, e das calmarias podres que lhas deixavam pandas, caídas dos mastros como trapos de secar ao sol, dependurados de uma linha, ou como corpos sem vida. Muitas vezes se amarrava a lancha de bordo a rebocar na proa, os homens esfalfando-se agarrados aos remos que rangiam, lúgrebes, nos toletes — trá-trá...trá-trá...trá-trá...: se a maré ia mansa e lhes corria de favor, lá conseguiam avançar meia dúzia de milhas por dia; se não, nem se aguentavam aonde estavam, que a maré os arrastava ao invés, a recuar a recuar sempre, por horas e horas pesadas como montanhas.

Então se ratinhava na comida, a massa de milho ou de centeio, de cevada ou de trigo, que cada um levava de casa em sua saquinha de retalhos de chita, de cores variegadas — se ratinhava na comida e se poupava na água, aquecida, choca, ao braseiro do sol, no bojo do barril de cedro ou de castanho, calçado contra a borda.

Assim andavam por estes mares dos Açores (e antes tinham sido os barcos de boca aberta), o «S. Joaquim» e o «S. João», o «Bom Jesus» e o «Andorinha», a «Helena» e o «Espírito Santo», este com matrícula de Santa Cruz da Graciosa.

Um dia, chegaram os motores. E com os motores chegou um calafona endinheirado da freguesia das Ribeiras, que mandou, nos estaleiros de Santo Amaro, construir um novo barco, de «Ribeirense» baptizado. Meteu-lhe dentro um motor, que o libertava da dependência dos ventos e das marés, e no convés lhe plantou, à ré, a triola de um casinhoto, com janelas, porta, assentos de madeira, para abrigo dos passageiros.

Há muito naufragara o «S. João», encalhado, numa noite, ao sul do Pico, no Baixio dos Cedros, defronte da nossa casa, — tragédia recordada, como tantas em que muitas vidas se perderam, pelos velhos da minha infância. E também há muito apodrecera, varado em qualquer buraco, o cansado «S. Joaquim».

O «Bom Jesus», a «Helena», a «Maria Eugénia», o «Espírito Santo» não se foram na cantiga da moda: continuaram por essas águas a arrastar-se, com a lentidão de sempre, à força das velas e à força dos remos da lancha que os rebocava, quando a calmaria tombava. A «Helena» me lembro de ver, um dia, anoitecer ao largo da minha terra, para, no outro, quando a manhã despontou, a ver pairando muito aquém do ponto em que na véspera anoitecera.

Porém, o «Andorinha» e o «Loureiro», de nome trocado pelo de «Santo Amaro», enfrentaram o calafona: meter um bom motor no porão, armaram casinhoto no convés e, aproveitando a vela, agora como meio de propulsão auxiliar, davam carreiras bonitas, no dorso do grande mar, quando o vento ou a brisa lhes caíam de feição.

Mais tarde, passada a hecatombe da Segunda Grande Guerra Mundial, pela frente lhes apareceu novo concorrente de temer: o «Terra Alta», construído, como todos, em Santo Amaro, segundo planta gizada, por filho do mesmo povoado, em S. Diego da Califórnia. Grandalhão, perto de cem pés de comprido, casario da proa à popa, cozinha, casa de jantar, quartos de banho separados, para homens e para mulheres, não sei quantos camarotes, não sei quantos beliches, dois motores a puxarem por ele, dois salva-vidas por cima, ponte de comando no alto, — tinha um arremedo de comodidades e pretensões de navio.

Não se amedrontaram o «Santo Amaro» e o «Ribeirense» (o «Andorinha, vendido para S. Miguel, acabara desfeito, em dia de borrasca feia, na doca de Ponta Delgada). Instalaram motores mais potentes, ampliaram os casinhotos, altearam-nos à frente nuns arremedos de pontes de comando, enfiaram-lhes duas ou três cafuas em cada um, a que chamaram camarotes, onde se asfixiava com abundância de calor, fartura de falta de ar e cheiro azedo do que vomitavam os parceiros de destino.

E os três — o «Terra Alta», o «Ribeirense», o «Santo Amaro» — navegavam por todo o Arquipélago. Saltitavam de portinho em portinho, ao longo do Pico e de S. Jorge, tomando e desembarcando passageiros e carga, com bixarada à mistura, porcos muitas vezes, algumas cavalos, burros, bois, levando e trazendo cestas com lembranças que os pais mandavam aos filhos, em serviço militar na Terceira ou em S. Miguel, lá nos confins da distância.

Até que Américo Tomás, quando ministro da Marinha, para proteger os naviozecos que a Insulana nos impingiu e sem qualquer atenção pelos interesses da bolsa do nosso povo, os encurralou nos limites do Grupo Central — um pulo do Faial ao Pico, outro do Pico a S. Jorge, uma passada de vinte e nove milhas de S. Jorge à Terceira, outra de quarenta e tantas da Terceira à Graciosa, sempre de terra à vista.

Apartaram-se destas andanças, de rendimentos diminuídos, o «Ribeirense» e a «Helena», transmudados em traineiras da pesca da albacora. Persistiram o «Terra Alta», o «Santo Amaro» e mais o novo «Espírito Santo», de linhas todas catitas e boa proa para as vagas alterosas destes mares irrequietos.

E os barcos do Pico, com seus marinheiros valentes e seus mestres afamados — mestre José Gaspar, mestre João Alves, mestre Alvernaz, mestre Francisco Terra — deixaram de ser aquilo que sempre tinham sido: o generoso traço de união, que na sua esteira irmanava a alma, a vida, o sentir das gentes e das terras das nove ilhas dos Açores.

São-no, ainda: mas apenas para aquelas que os deixam agora escalar.

S. Miguel em risco de ficar sem pão

O Governo Militar dos Açores pediu ao Governo de Mário Soares o envio urgente para os Açores de 700 toneladas de farinha e 100 toneladas de sêmea, o que deverá ser feito a partir de amanhã através de aviões da Força Aérea.

Esta requisição urgente de farinha deve-se ao facto de se ter quase esgotado o stock deste produto nos Açores, onde só existiria um último lote de 200 toneladas, quantidade esta de que durante algumas horas não se conhecia a existência. Foi assim que a ilha de S. Miguel esteve em riscos de ficar sem pão.

A greve que se verificou durante cerca de uma semana na fábrica local de moagem não deve ser alheia a esta súbita carência.

Entretanto, e segundo as últimas notícias, o envio da farinha teria sido suspenso, em virtude do problema estar em vias de solução a nível local, devendo apenas ser enviadas as 100 toneladas de sêmea.

MADEIRA

Azeredo faz as malas

FUNCHAL, 4 — Deverão custar cerca de 100 mil contos ao erário público, as obras projectadas com vista à melhoria e encurtamento do percurso entre o Funchal e o respectivo aeroporto.

Os trabalhos incidirão especialmente no troço Porto Novo-aeroporto, estando prevista a construção de quatro viadutos e dois túneis. Pelo menos um daqueles viadutos terá dimensões espectaculares: 350 metros de comprimento por 60 de largura.

Os viadutos serão apoiados em conjunto de seis colunas, que sustentarão os tabuleiros rodoviários.

Entretanto, o brigadeiro Carlos Azeredo, governador do arquipélago, regressará muito em breve ao continente. Azeredo iniciou já os seus cumprimentos de despedida, nomeadamente junto do pessoal do Palácio de S.Lourenço, residência oficial do governador.

Enquanto não fôr nomeado o substituto do brigadeiro, aquelas funções serão exercidas pelo coronel Santos Ferreira, 2.º governador militar da Madeira.

CONTRA O GASÓLEO

Entretanto, a Juta Regional pediu ao Governo Central a redução do preço do gasóleo destinado às embarcações de pesca.

Na origem deste pedido, o descontentamento generalizado, entre os que trabalham na indústria piscatória e que pretendem que o gasóleo regresse «ao preço antigo».

Terra expropriada em Portalegre

Uma portaria do ministro da Agricultura e Pescas, publicada no «Diário da República» de ontem expropria 99 propriedades, situadas em nove concelhos do distrito de Portalegre que abrangem uma área de 194887 hectares.

Entre os latifundiários expropriados sobressaem alguns nomes de peso no «antigo» Alentejo tais como Castelo Branco e Bourbon, Maldonado Cortes, e Paul Hamish

Fronteira de Miranda

Segundo comunicação do Ministério dos Negócios Estrangeiros, a nova fronteira de Miranda do Douro-Torregamones, recentemente inaugurada, tem um horário de abertura que se estende das 8 da manhã à uma da madrugada.

Este posto fronteiriço era uma velha aspiração das populações raianas da zona.

A reestruturação das F.A.

Continuação da pág. 3

aquilo que julgamos dever ser a actuação correcta e o que parece anunciar-se como facto consumado. Diríamos, quanto a isto, que se assiste com inquietação a uma preocupante inversão de prioridade tomando-se decisões segundo uma lógica política que nada tem a ver com a lógica que nos parece reger a Constituição e por conseguinte o projecto do próprio país. Assim, parece ser premissa maior que estaremos na NATO, participando mais, empenhando mais forças, recebendo mais ajudas. Por decreto, sem consultar seja quem for, sem atender a custos políticos e económicos, ou então precisamente por isso, o que não será menos grave. Depois é o que segue. O que já se fez e o que vai fazer-se. À base de Beja chegaram já FIAT's, **oferecidos** pela República Federal da Alemanha. A notícia é dada, constata-se, sabe-se que para isso os dirigentes político-militares fizeram viagens e assinaram acordos. O que não se sabe é tudo o mais. Porquê e para quê, quais as implicações imediatas, sejam elas económicas, políticas ou militares. Por parte das instâncias oficiais procede-se pois à moda antiga. Parte-se do princípio que se actua em defesa dos interesses nacionais e que se possui carta branca para fazer seja o que for. Por seu turno do lado da opinião pública uma total passividade que só encoraja que assim se continue a proceder. É contra este tipo de reacção que aqui nos revoltamos.

Outros exemplos todavia estão em curso. No que se refere ao Exército anuncia-se também, em total impunidade, a criação de uma Brigada Mista Independente, que deverá actuar no quadro da NATO e para a qual convergem instrutores e técnicos, vindos de fora, para já não citar as movimentações de triste memória de embaixadores que mais parecem altos-comissários em terra ocupada do que simples representantes diplomáticos.

Enfim, e no que se refere à Marinha, parece igualmente em fase avançada todo um plano de estruturação que visa compatibilizar a estrutura com os requisitos da NATO, sem um mínimo de reflexão prévia e largamente participada do que sejam as reais necessidades navais e dos meios para lhes fazer face.

A política de defesa nacional é assim invertida, surgindo como consequência da restruturação das Forças Armadas e não como seu princípio regulador. É isto que nos parece grave sobretudo pelos enormes riscos que se correm, e a que já fizemos referência logo de início, da política dos factos consumados e irreversíveis e para os quais não haverá resposta política possível. E não nos venham com a estafada evidência de que a história julgará os responsáveis. É evidente que sim. Para já ,são os avós, ainda vivos, e não os netos, por nascer, que reivindicam o direito a uma dignidade que parece de novo arredar-se deste país.(1)

Julho de 1976

1) Extractos do artigo «O Problema da Política de Defesa Nacional», a publicar proximamente em **Economia e Socialismo**.

PUB

SINDICATO DOS METALÚRGICOS DO DISTRITO DE SETÚBAL

Rua Miguel Pais, 35-A — Barreiro

CONTENCIOSO

Por virtude de férias, não haverá, durante o mês de Agosto, consultas aos Advogados. Mantém-se, no entanto, o habitual serviço de «informações», nas horas normais de expediente.

Barreiro, 3 de Agosto de 1976

Pel' A Direcção

a) ilegível

Vá ao Restaurante

«O GANGA»

Estrada Calhariz de Benfica, Lote 1 - Loja E

Tel. 742971 — Lisboa

Experimente almoçar ou jantar no Ganga

VÁ AO GANGA QUE NÃO SE ARREPENDE

BATAS PROFISSIONAIS

ALTAMENTE ESPECIALIZADOS

PARA HOMEM E SENHORA

TINTURARIA GUANABARA — Dep. de confecções

Av. João XXI, 5-D — Rua Infantaria 16, 55-C — LISBOA

CABELEIREIROS AVISAM SENHORAS

NÃO TRABALHAM AO SÁBADO — O AGOSTO — SÓ

SÉRGIO E MARGARIDA

AV. DA REPÚBLICA, 5 — TEL. 57 24 01

(ao Saldanha Metro)

Ensino Particular

As actividades de uma Escola e o modo como são aproveitadas e estimuladas as potencialidades das crianças por competentes Educadoras, Professoras, assistência psicopedagógica, etc., podem ser avaliados através dos trabalhos escolares realizados durante o ano lectivo.

Visita a exposição do Colégio Sá de Miranda, até 15 de Setembro.

R. Alexandre Braga, 17

Telefs 45310 e 537532

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE CASCAIS

ANÚNCIO

. . Por este Juízo e 2.ª secção correm éditos de 30 dias, que se contarão da data da publicação do anúncio, citando o réu DELFIM DA SILVA ALMEIDA, casado, residente em parte incerta e com último domicílio na Rua António Enes, 25, em Luanda-Angola, para, no prazo de VINTE DIAS, findos os éditos, contestar, querendo, a acção de divórcio n.º 1298, que lhe move a autora, sua mulher, Adélia de Jesus Matias Carvalho da Silva Almeida, moradora em Cascais, com fundamento nas al. h) e i) do Artigo 1778.º, do Código Civil, sob pena de, não contestando, prosseguir o processo à sua revelia.

Cascais, 5 de Julho de 1976.

O JUIZ DE DIREITO
(Rui de Almeida Mira)

O ESCRIVÃO DE DIREITO
(José António Marques Pacheco)

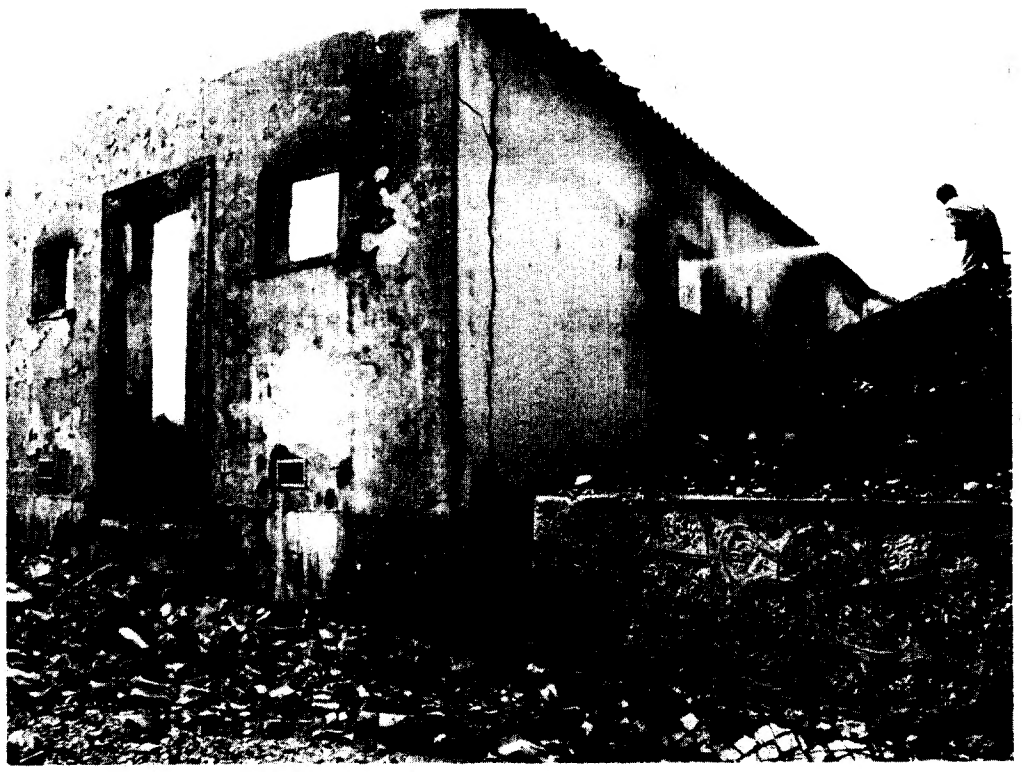
Transportado pelos Caminhos de Ferro Portugueses

Fogo na Pontinha pôs em perigo um paiol do Depósito de Beirolas

Mês de Agosto é tempo de guerra para os «soldados da paz». Fogos alastram por toda a parte, cada vez mais frequentes; a seca é preocupante; o calor intenso. Ontem, como mais espectacular, registou-se a deflagração de um depósito do paiol sito à estrada militar da Pontinha, no Vale do Forno. Na zona de Mafra e Malveira as chamas destróem o arvoredo danificam quatro moradias e ameaçam uma povoação. Há fortes suspeitos que o fogo teri», a hipótese de sabotagem, o calor terá estado na origem da deflagração da pólvora do paiol.

Nos outros dois paióis acumulavam-se as granadas e os obuses. Imediatamente isolados, representaram no entanto o perigo maior já que as consequências da sua explosão como nos disse um oficial seriam de consequências imprevisíveis.

Era o «aviário» (morteiros de dezenas de quilos com TNT)



Lata retorcida e calcinada, paiol sem porta, sem janelas e sem tecto é o balanço da violenta deflagração que sacudiu ontem ao princípio da tarde o depósito de material de guerra situado no Vale do Forno, entre a Pontinha e o Lumiar

nha sido posto. Os bombeiros lamentam-se pela qualidade do material de que dispõem: cansado e que não permite um ataque eficiente às chamas. Os «soldados da paz» não descansam em Agosto, disponíveis e determinados.

Cerca das 14 horas de ontem, uma violenta deflagração de um paiol do Depósito de Material de Guerra de Bairolas, situada na estrada militar entre a Pontinha e o Lumiar pôs em pânico as populações dos bairros limítrofes. Afastada, «a prioque mais preocupava os bombeiros.

O perigo que a explosão do paiol poderia representar para as casas mais próximas tem a haver com a desobediência ao estipulado nas «servidões militares», ou seja, à obrigatoriedade de construir apenas a determinada distância, fixada na lei militar, dos paióis.

Algumas dezenas de bombeiros das corporações da Amadora, B.S.B. e Odivelas estiveram empenhadas na extinção do incêndio, operação dirigida em pessoa pelo comandante da corporação, tenente-coronel Teixeira Coelho. Também a P.S.P. montou de imediato, com as forças militares, um eficiente dispositivo de segurança, isolando a área dos civis.

COMUNICADO DO ESTADO-MAIOR

O local do incêndio foi visitado, cerca das 17 horas pelo general do Quartel-Mestre-General, Sanches da Gama, que se fazia acompanhar pelo brigadeiro Ferreira da Silva, director dos Serviços de Material

Ambos foram prontos em afirmar que só depois do inquérito que entretanto vai ser instaurado se poderão conhecer as causas, mas que estão desde já afastadas todas as hipóteses de acção criminosa. Idêntica posição é a do Estado-Maior do Exército que sobre o incêndio em comunicado em fim da tarde informa: «Num dos paíois do Vale do Forno, nos arredores de Lisboa, ocorreu cerca das 14 horas, uma explosão de incêndio, que se propagou a uma mata próximo, onde os bombeiros cerca das 17 horas ainda permaneciam tentanto debelar o fogo. Dada a existência de outros paióis na área, foram os mesmos desde logo isolados, não existindo de momento qualquer perigo de novas explosões.

«Não há vitimas a lamentar em consequência da explosão cujas causas, ainda não foram completamente apuradas, serão objecto de inquérito, mas desde já se admite não ser de considerar qualquer acção criminosa.»

Para lá do foco inicial do incêndio o fogo alastrou pela mata pondo em perigo os locatários de uma barraca: um casal com nove filhos (o mais velho de 18 anos, o mais novo de quatro) que tiveram de abandonar precipitadamente com os seus poucos haveres o local do sinistro. Isolada a barraca do forno a acção dos populares e bombeiros prosseguiu nas vertentes do Vale do Forno ali aos Paços do Lumiar e onde proliferam as pequenas hortas. Como rescaldo o susto de quem face à explosão de um paiol temia serem as consequências maiores e mais espectaculares.

FOGO ENTRE MAFRA E MALVEIRA

Lavra há três dias o fogo na região circundante a Mafra e Malveira. Suspeita-se que seja de origem criminosa, pois os focos de incêndio aparecem isolados e espaçados uns dos outros. Atrás das chamas ficam extensas regiões de arvoredo totalmente calcinadas, quatro moradias gravemente danificadas e uma povoação ameaçada de ser tragada pelo fogo.

Seria no entanto na região compreendida entre Asseiceira Grande, Alto do Matotinho e Venda do Pinheiro que o incêndio tomaria maiores e mais trágicas proporções, Foi abrangida e devastada pelas chamas uma área de cerca de 600 mil metros quadrados coberta por pinhais e eucaliptais. Já na hora do rescaldo de novo os bombeiros eram chamados. Dois novos incêndios, simultâneos, foram assinalados em pontos opostos: um no Vale da Guarda, próximo da Tapada de Mafra, outro na Abobeira, entre Lousã e Malveira.

FÁBRICA DE PLÁSTICOS DESTRUÍDA EM GAIA

Uma pequena fábrica de artigos plásticos, «A Fabela», em Vila Nova de Gaia foi completamente destruída por um incêndio. Os prejuízos, apenas em parte cobertos pelo seguro, estão avaliados em cerca de 10 mil contos. Quanto à causa do sinistro pensa-se ter tido origem num curto-circuito. A pequena fábrica, propriedade de Adelino Fabela, que emprega cerca de duas dezenas de operários, dedicava-se à manufactura de acessórios plásticos para a indústria.

Algumas dezenas de «soldados da paz» estiveram durante a tarde de ontem empenhados no combate ao incêndio que deflagrou no paiol da Pontinha, pertencente ao Depósito de Material de Guerra de Beirolas. Era urgente isolar o paiol. Ao lado, em mais dois paióis acumulavam-se obuses, granadas e morteiros

FOGO CONSOME A SEARA

Em Ervedal, bombeiros da Ponte de Sor, inúmeros populares e trabalhadores da fábrica Martins Rebelo dominaram o incêndio que deflagrou na seara do agricultor José Velez Valadino. Pensa-se que a origem do sinistro registado numa ceifeira debulhadora, seja de causa mecânica. Os prejuízos na seara não serão em termos de dinheiro de grande monta. Há a registar, no entanto, que para além do cereal arderam cerca de 200 oliveiras e a alfaia agrícola motivo do sinistro ficou completamente destruída.

Num gesto de solidariedade, a cooperativa local enviou no dia seguinte, gratuitamente, sete debulhadoras para o que resta da seara de José Velez Valadino, não afectada pelo incêndio.

NA SERRA DA FALPERRA

BRAGA, 4 — Foi preso homem que confessou ter lançado o fogo, que desvastou cerca de 10 mil hectares da zona turística da serra da Falperra, no distrito de Braga, durante os últimos três dias.

O incendiário, de 72 anos de idade, afirma ter ateado o fogo sozinho, mas é convicção da população e dos bombeiros que com as proporções que o sinistro alcançou, este apenas poderia ter sido causado por várias pessoas.

Entretanto, e depois do incêndio ter sido dominado na manhã, de ontem, surgiram mais dois pequenos focos ao princípio da tarde.

De acordo com os bombeiros de Braga, o fogo, ateado na sexta-feira passada, poderia ter sido extinto mais cedo, caso «houvesse os meios técnicos necessários».

Os nus e os vivos

Tanque tosco, água bolarenta, a horta um canteiro sem flores. Os corpos nús. Nús sem viço E para além dos caniçais um rancho de camponesas, roliças ou rectilíneas, ceifavam. A planície enchia-se de gritinhos e reboliços. E à tardinha, quando o céu era rubro de sóis que se esvasam para além de sobreiros e azinhais, o fontanário escutava a «caixa alta» do quotidiano da aldeia: dezoito moços haviam sido vistos a tomar banho «à Adão» no tanque da Laratinho.

Algumas dezenas de corpos, de ambos os sexos, (cada um fala não pelo que viu mas quase sempre por ter ouvido dizer), têm sido vistos ali para os lados da Costa da Caparica. E a «caixa alta» agora é de um País que tem como fontanário a tertúlia de um Rossio bem pensante. «Um horror!», comenta-se não raro.

E se é verdade que os tempos mudaram. Que a Salvada (aldeia alentejana a onze quilómetros de Beja) não é a Caparica das piscinas e turistas. Certo é que tabu, tabu, é ainda um corpo nú. Como se escândalo fosse uma silhueta despida de vestes, mas titaminada, e não aquela criança coberta de andrajos, morta de fome, numa barraca insalubre de qualquer bairro-da-lata. Pelo que parafraseando Pombal, com o recurso à montagem de ocasião, diremos: há que pensar em tratar dos vivos(socialmente mais desfavorecidos) e «enterrar» os nús. Porque são eles ainda, aqui e agora, os principais vírus das más consciências Alibi para discutir o supérfuluo e deitar para trás das costas os problemas reais e concretos desta sociedade em construção.

Manuel Geraldo

Duas famílias de emigrantes morrem numa estrada espanhola

Seis emigrantes portugueses morreram carbonizados, quando o carro em que viajavam se incendiou depois de ter embatido violentamente num camião que circulava em sentido contrário.

O acidente ocorreu na madrugada de domingo, na estrada Vilalon de Campos a Puebla de Sanábria, em Espanha. Ao tentar ultrapassar uma série de automóveis, o veículo conduzido por Adelino Rodrigues Pereira, residente no lugar do Outeiro, em Cabeceiras de Basto, foi embater num camião espanhol e em seguida num outro carro, também este com emigrantes portugueses.

Para além da morte do condutor, a que já fizemos referência, faleceram todos os ocupantes daquele automóvel: Maria da Conceição Pereira, mulher do condutor, e a filha do casal, Helena de 2 anos; Manuel Martins Magalhães, de 27 anos, operário, a mulher deste, Maria Teixeira da Costa, de 28 anos e o filho deste casal, José Manuel Martins Teixeira, de 3 anos.

Quanto aos emigrantes portugueses que se faziam transportar no outro carro, o condutor, Alberto Dias, ficou gravemente ferido, estando a mulher e dois filhos livres de perigo. O condutor do camião ficou ileso.

UMA MOTORETA: TRÊS VIDAS

José Joaquim Soares Moço, de 30 anos, seguia na sua motoreta com os dois filhos, José Maria de 7 anos e Isabel Maria de 3 anos.

Cerca das 18 horas de ontem e quando circulavam na estrada que liga Bafurda a Riba-Fria, próximo de Peniche, uma camioneta de carga que ia à sua frente, despistou-se e tombou. O condutor da motoreta não teve tempo de se desviar e foi embater na camioneta. Pai e filho tiveram morte imediata.

Família carbonizada no choque do carro com um camião

PORTO, 4 — Esta madrugada, próximo de Trofa, ocorreu um violento choque entre um camião e um automóvel, tendo-se incendiado o último veículo. Perderam a vida, carbonizados, todos os ocupantes do automóvel, que era conduzido pelo sr. José Manuel Carvalheiro Marques, de Gualtar, Braga, que se fazia acompanhar da esposa, Maria de Fátima Pereira Fernandes, de dois filhos, José Manuel e Rui Manuel, ambos de tenra idade, e de sua sogra, Avelina Rosa Pereira.

O automóvel ficou em tal estado que nem a chapa de matrícula é identificável. O condutor sinistrado trabalhava em França e estava presentemente de férias no nosso país.

Geral

CRÓNICAS PARISIENSES (3)

ALCIDES DE CAMPOS

Yves Berger, "Louco de América"

O livro que tínhamos desejado ver publicado neste ano do bicentenário da independência dos Estados Unidos apareceu, finalmente, nos escaparates das livrarias. Embora não seja exactamente a obra, nem de um humorista, como tínhamos manifestado, nem a de um etnólogo, mas antes uma e outra. Uma vez que o seu autor, profundamente romancista, maneja com desteridade um sentido do humor que possui em reservas apreciáveis e se revela dotado de uma cultura etnológica e sociológica alimentada, como o seu «amor louco» pela América, não só por aturada leitura dos clássicos que, antes dele, se debruçaram sobre a história do «novo continente», mas também pela prodigiosa actividade de investigador de que nos dá sobejas provas e que, segundo consta, desenvolveu durante mais de vinte anos de viagens e de pesquisas, de visitas aos museus e a esses outros estranhos «parques vivos» que são as reservas de índios — punhado de homens, mulheres e crianças dilacerados entre duas civilizações antagónicas. Grupos humanos despojados da sua identidade, prisioneiros de um mundo envolvente que os marginaliza e domina, fomento de hostilidade que nem os anos nem os séculos conseguem apagar.

Daí o duplo interesse da mensagem que um tal livro veícula: a comunicação literária propriamente dita e o conhecimento histórico. Esse saber que ainda há pouco lamentávamos não ter sido divulgado por nunca ter sido escrito nem ensinado: a história sem «maquillage» de um «genocídio sem exemplo», segundo a definição de Yves Berger.

E que vale a pena ser narrada e ensinada, agora que existe na forma escrita. Cem milhões de índios de Norte a Sul do continente, doze milhões na América quando da chegada de Cristóvão Colombo a S. Salvador, em 12 de Outubro de 1492, afirmam os mais recentes trabalhos científicos — apenas duzentos mil homens deram entrada nas reservas inóspitas do país conquistado (última década do século XIX). Derradeiros sobreviventes das orgulhosas nações ameríndias, fantasmas de uma civilização que atingira no Sul do continente o apogeu da sua glória no século XVI. Duzentos mil despojos da guerra do arco e da flecha contra a hipocrisia e os canhões. Privados de tudo, pés nus sobre a terra escaldante e ensaguentada. Humilhados. Traídos.

Tal é o cortejo que, impotente perante a História, o autor do «Fou d'Amérique» (1) «regarde, désamparé, pauvre», ao ver passar «cette misère, ce dépeuplement», à medida que Luronne, a sua vigorosa e sensual heroína, símbolo do país de Hurónia, a América, vai desfiando os fios da «história total» do continente americano. Do Plistocénio (chegada dos povos mongolóides através do então istmo de Béringue) até aos nosso dias. Assim, os primeiros paleo-índios teriam passado o istmo «provavelmente em 38 000 a.C.», tendo sido os primeiros homens a pisarem o solo de um continente completamente deserto apesar dos seus quatro biliões de existência. Num vai-vem permanente entre a Ásia e a América que se prolongou durante milénios. Até à liquefação do istmo. Cerca de 6700 A.C., com a Europa mergulhada em plena Idade da Pedra, os primeiros paleo-índios penetram na Patagónia e descobrem a Terra de Fogo.

Os mundos e as civilizações que suscitaram são sobejamente conhecidos. Menor é o conhecimento das razões do seu praticamente total desaparecimento, muito embora ninguém ignore que o seu flagelo foi o homem branco e a sua patológica cupidez, o homem europeu e o seu estúpido e orgulhoso desprezo pelos outros povos, inclusive os dotados de civilizações superiores à sua. O homem «do outro lado das grandes águas» e a sua incrível panóplia microbiana — contra a qual os povos ameríndios não estavam imunizados. Ao que a verdade histórica impõe que se acrescentem as suas armas «sofisticadas» e os seus métodos de «rendenção», que terríveis estatísticas atestam: dos 250 000 habitantes de Haiti em 1492, apenas 500 sobrevivem em 1538. No Peru, a população autóctone passou de dezassete milhões a um milhão de habitantes cinquenta anos após a «passagem» de Pizarro, dos seus «nobres» cavaleiros e dos seus molossos adestrados. Sem falar na Califórnia, onde os pele-vermelhas passaram de 150 000 em 1760 a cerca de 15 000 em 1880. Nem do Brasil: três milhões à chegada de Pedro Álvares Cabral, 180 000 em 1970, ou seja antes da Transamazónia e das suas incidências. E passando sob silêncio as várias centenas de tribos massacradas até ao último homem, desaparecidas para sempre, pó e sangue da terra que criaram com as suas próprias mãos e de que o invasor se apossou definitivamente pela força das armas e a ganância do lucro. Traindo sem razão um povo disposto a partilhar a imensidão das terras, enganando a confiança dos povos que generosamente os tinham acolhido, «gente só de amor e sem cobiça», como dizia Cristóvão Colombo, e «tão meigos e sorridentes» que «fácil seria convertê-los e fazê-los trabalhar para nós». Duas curtas frases que anunciam o martírio e a morte, o genocídio que o próprio Colombo desencadeará ao fazer-se a si mesmo «caçador de escravos». Um Colombo mais casmurro e menos inteligente do que a «História» o disse, afirma Yves Berger seguro das suas fontes: o diário do navegador e as notas recolhidas à margem das páginas do «Imago Mundi», do cardeal Pierre d'Ailly, francês «rêveur» embebido pela leitura de um Ptolomeu por sua vez influenciado por Aristóteles e Séneca, os primeiros a nomearem esse «pequeno mar» que banharia o litoral de uma Europa e de uma Ásia «bastante próximas» em que Colombo, perturbado pela leitura de Marco Polo, deveria acreditar. Um Colombo nulo em cálculo mas dotado de uma vontade indomável que acabou por triunfar de todas as adversidades, embora convencido de ter chegado ao Japão ao acostar a Cuba!

História de uma «dépossession», o «Fou d'Amérique» é o romance de Luronne (a América) narrando-se a si própria: fábula e história confundidas, sonho e realidade curzando-se, trocando impressões a cada passo. Na imaginação do segundo narrador (autor-auditor) ou na narrativa do primeiro, a heroína criadora e destruidora de heróis invisíveis: ribeira, floresta, montanha, céu, pássaro exótico atravessando, ligeiro, a imaginação fértil de um escritor talentoso e original (certamente o mais original da sua geração) servido por um profundo conhecimento histórico das vidas, mortas e ressureições sucessivas de um continente que, identificado aos seus habitantes e às suas lutas, nos arrasta no ímpeto da sua mitologia através de uma das mais fabulosas odisseias dos tempos modernos. Muito embora a epopeia celebrada pelo romancista Yves Berger seja, contrariamente à saga tradicional, a dos vencidos e não a dos vencedores. Trágico destino de um povo que nos conta, ora impelido por um pronunciado lirismo, ora sacudido pelas vagas de um humor satisfeito. Mas sempre, e por causa deste «genocídio sem exemplo», **la mort dans l'âme**.

Talvez pela primeira vez na história da literatura francesa contemporânea, a qualidade literária alia-se ao valor didáctico sem quebrar a sólida harmonia estética do conjunto.

«Fou d'Amérique» é um livro denso e inteligente que certamente não deixarão de coroar as academias literárias que, outonalmente, distribuem os seus loiros. Apostamos.

(1) — **Editions Grasset**, Paris-1976.

NOTARIADO PORTUGUÊS

CARTÓRIO NOTARIAL DE MAFRA

A cargo da Licenciada

Maria José Pimentel Piqueira e Silva

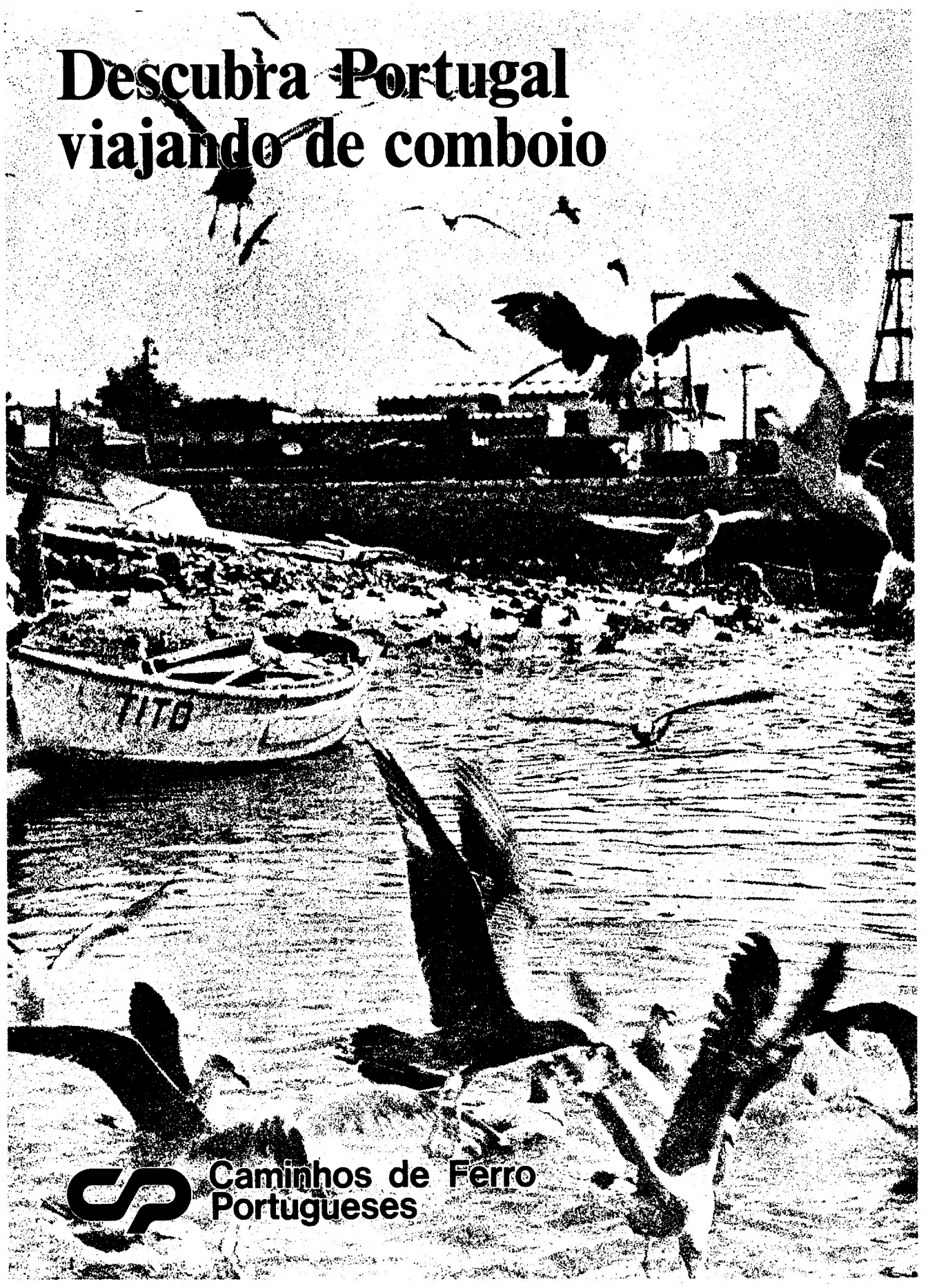
CERTIFICO para efeitos de publicação que, por escritura de 31 de Julho de 1976 lavrada neste Cartório e exarada de folhas 1 a folhas 2 verso, do livro de «Escrituras Diversas» C-18, foi celebrada uma escritura de «HABILITAÇÃO DE HERDEIROS» por óbito de DANIEL DE OLIVEIRA GOMES, no estado de casado no regime da comunhão geral de bens com Conceição Ferreira da Silva que, também, usa o nome de Conceição Ferreira da Silva Gomes, natural da freguesia de Canelas, concelho de Estarreja, residente no lugar e freguesia da Malveira, concelho de Mafra, falecido em 20 de Fevereiro de 1976. Que o falecido outorgou testamento público em 27 de Fevereiro de 1967, exarado a folhas 14 e seguinte, do livro 36 de «Testamentos Públicos e Escrituras de Revogação de Testamentos» deste Cartório, no qual instituí herdeira da quota disponível sua referida mulher Conceição Ferreira da Silva Gomes. Mais certifico que na referida escritura foi declarado herdeiro do indicado falecido António da Silva Oliveira Gomes, casado no regime da comunhão geral de bens com Maria Celeste Pereira Gomes Oliveira Gomes, naturais, respectivamente, da freguesia da Malveira, concelho de Mafra e da freguesia e concelho de Mafra, residentes na indicada freguesia da Malveira, na Rua Heróis 9 de Abril, números 21, 1.º.

É certidão que fiz extrair narrativamente, a qual vai conforme ao original, nada havendo na parte omitida da mesma, que altere, restrinja, modifique ou condicione a parte transcrita.

Mafra, 31 de Julho de 1976

O 2.º Ajudante,

(a) Maria Luísa da Conceição Miranda



Geral

Cuba e Angola vão reforçar cooperação em todos os domínios

HAVANA, 4 — (de François Raitberger, da Reuter) — O presidente Agostinho Neto de Angola regressou ao seu país, após a primeira visita oficial a Cuba, com o bolso cheio de acordos de vasta cooperação e a garantia reiterada de que tropas cubanas estarão à sua disposição enquanto for necessário.

Nove meses depois das primeiras forças de combate cubanas desembarcarem em Luanda, começou uma nova fase nas relações entre os dois países, menos espectacular, mas provàvelmente mais duradoura, em que é prevista estreita cooperação militar, económica e política.

Os cubanos ajudarão, agora, os angolanos a enfrentar sérias dificuldades económicas e a estruturarem, desde as bases, instituições políticas.

O Primeiro-Ministro Fidel Castro, discursando num comício de massas, tendo a seu lado o Presidente Agostinho Neto, no Dia Nacional de Cuba, afirmou que problemas militares, «discutidos há muito tempo», pouco tempo ocuparam nas conversações travadas.

O dirigente angolano declarou que a situação militar não mais tornava necessários que grandes efectivos continuassem em Angola e o seu anfitrião confirmou que uma evacuação gradual se estava a fazer.

Contudo, ambos os dirigentes concordaram que forças cubanas continuariam em Angola, «o tempo que fosse necessário», para transformar os guerrilheiros do MPLA num forte exército regular.

Durante o diálogo a tónica principal foi dada ao auxílio económico e técnico que Cuba pode oferecer a Angola, um País com recursos potenciais enormes, mas que tem uma grave falta de trabalho especializado.

Nos termos de uma série de acordos, Cuba fornecerá médicos, enfermeiras, professores, pedreiros e mecânicos, assim como técnicos em distribuição interna e comércio externo, organização sindical, pesca, informação e propaganda.

A cooperação, nas palavras de Fidel Castro, abrangerá «todo o campo possível» e tornará necessário que vários milhares de cubanos se ofereçam como voluntários para a viagem a África.

O auxílio cubano estender-se-á desde as esferas mais baixas — «os angolanos possuem camiões, mas não sabem guiá-los», conforme o dr. Castro aludiu ao assunto — até às de cúpula nos campos político e económico.

O Presidente Neto, que tem salientado a unidade ideológica e política entre os dois países, mostra-se evidentemente muito interessado em evitar os erros que afligem frequentemente a política de governos revolucionários de fresca data.

HOMENAGEADOS OS COMBATENTES INTERNACIONALISTAS

O Presidente Agostinho Neto manifestou a sua gratidão às forças armadas cubanas que, segundo as únicas estatísticas já mencionadas em Havana, ofreram menos de 150 mortos desde Novembro a Abril.

Aqueles que aguardavam uma mensagem dramática de agradecimento ficaram desapontados. O Chefe de Estado angolano prestou uma breve homenagem aos «combatentes internacionalistas» de Cuba, no único discurso público que proferiu neste País.

Essas palavras estiveram de acordo com a atitude do dr. Castro, que afirmou que Cuba não tinha feito um favor a Angola, mas cumprira simplesmente «um dever internacionalista elementar».

Cuba tem minimizado frequentemente o papel das suas tropas. Durante a guerra em Angola, embora os cubanos na pátria pudessem ler nas entrelinhas, as vitórias militares foram sempre atribuidas às forças angolanas, auxiliadas pela «solidariedade internacionalista».

Fotografias de Angola, publicadas nos jornais, mostravam apenas soldados angolanos, sem qualquer cubano perto. Sómente há pouco tempo a imprensa nacional começou a publicar fotografias de civis cubanos a trabalharem em hospitais angolanos ou em obras de construção civil.

NENHUMA ALUSÃO PÚBLICA DIRECTA DOI FEITA À SITUAÇÃO NA ÁFRICA AUSTRAL DURANTE A VISITA DO Presidente da República Popular de Angola, embora seja provável que a questão tenha sido debatida.

A atitude de ambos os países foi tornada claro no passado. Os dois declararam apoiar os movimentos de libertação em Namíbia, Rodésia e África do Sul, mas salientando também que não enviariam tropas para auxiliar esses guerrilheiros nacionalistas.

CONTINUA A RETIRADA DE COMBATENTES CUBANOS

HAVANA, — (R) — Cerca de 600 soldados cubanos chegaram ao seu país no princípio desta semana vindos de Angola ao abrigo da retirada gradual anunciada pelo primeiro-ministro Fidel Castro, de acordo com fontes digans de crédito.

As fontes disseram que um comboio de 20 autocarros de 30 lugares transportando os soldados atravessou havana com uma escolta da polícia.

Acordo Portugal C.E.E. será assinado em Setembro

Com algum atrazo sobre a data inicialmente prevista, espera-se que no próximo dia 20 de Setembro tenha lugar a assinatura do protocolo financeiro entre o Mercado Comum e Portugal — segundo noticia o «Telex Mediterranee», boletim belga especializado em informações económicas.

A última fase das negociações para a conclusão do protocolo adicional ao acordo de 1972 e do protocolo financeiro entre a C.E.E. e Portugal terminou no dia 9 de Junho, estando — segundo afirma o «Telex Mediterranee» — devido a demoras na formação do governo português e ao facto de os «nove» também não estarem prontos, a assinatura foi adiada.

O protocolo adicional ao acordo de 1972 compreende um abrandamento da liberalização alfandegária da parte de Portugal, quanto aos produtos industriais que entrem em Portugal, e um aumento da preferência, e dos limites tarifários de certos vinhos portugueses nos países da C.E.E.

Da parte da Comunidade Económica Europeia, o protocolo adicional engloba a antecipação de um ano para a abolição total de tarifas sobre os produtos industriais provenientes de Portugal.

Por seu turno, o protocolo financeiro completa o auxílio excepcional de emergência concedido em Outubro último pela C.E.E. a Portugal e atinge 230 milhões de unidades de conta.

Esta noticia foi confirmada à Anop por uma fonte ligada ao Ministério das Finanças, que acrescentou desconhecer-se ainda quem chefiará a delegação portuguesa que deverá deslocar-se a Bruxelas para o acto de assinatura do acordo.

M.E.I.C. nomeia director interino para a Telescola

Como é do conhecimento público após uma longa crise que se arrastou por meses, o director e o corpo docente da Telescola foram demitidos e colocados, aquele nos serviços centrais do Instituto de Tecnologia Educativa, e estes nos estabelecimentos de ensino a cujo quadro pretencem.

Nos termos da lei será nomeado como director da Telescola um professor.

Entretanto, informa uma nota do M.E.I.C., «a fim de assegurar interinamente esse lugar, foi escolhido o professor do Liceu Rodrigues de Freitas, dr. Alberto Pereira de Oliveira».

A nota, recheada de considerandos quer sobre a situação geral do ensino, quer acerca do caso concreto da Telescola, observa, nas suas conclusões: «Ao M.E.I.C., como responsável pela política de escolaridade não é possível abdicar do exercicio dos seus deveres. Mesmo quando, como é o caso, se tenha de tomar uma medida que não deixará de ter aspectos duros. Mas há que construir um Portugal novo. Há que esquecer querelas sectárias e que trabalhar seriamente. O povo português exige do Governo actuações prontas e firmes, próprias de um Estado democrátido a caminho do socialismo».

Para já, socorrendo-nos da nota do M.E.I.C., está em constituição uma nova equipa de professores para a Telescola, que «afectada das querelas anteriores, pode dar uma nova vida, saudável, à instituição».

MOÇAMBIQUE

Cursos universitários pagam-se com trabalho

MAPUTO, 4 — Os alunos universitários deverão prestar à República Popular de Moçambique tantos anos de serviço quantos os anos lectivos que tenham frequentado na Universidade.

Esta decisão tomada pela República Popular de Moçambique não é extensiva aos filhos de estrangeiros que se encontram a trabalhar em Moçambique ao abrigo de contratos aprovados pelo Governo, ou de acordos de cooperação estabelecidos. Igualmente os filhos de estrangeiros que se encontram em Moçambique ao serviço público do Estado a que pertencem ou de uma organização internacional reconhecida.

No caso particular dos alunos que acabaram o seu curso no ano de 1976, ser-lhes-á exigida a prestação de dois anos de serviço em Moçambique.

Estas medidas, segundo os responsáveis pela Educação em Moçambique, destinam-se a impor aos estudantes universitários uma contribuição, com o seu trabalho, para o Estado que despendeu investimentos humanos e materiais para a sua formação.

Quinhentos alunos estão a frequentar novos cursos médicos e paramédicos que se ministram em três privíncias de Moçambique: Maputo, Sofala e Nampula.

Entre os diversos cursos, organizados pelo Ministério da Saúde, encontram-se alguns que, até ao momento, ainda não existiam em Moçambique, designadamente, Radioterapia e Medicina Nuclear, Medicina de Reabilitação, Medicina Preventiva e Saneamento, Nutrição e Dietética, Administração de Unidadas Sanitárias e Sociais e, ainda, Trabalho Social.

Os alunos, cujas idades oscilam entre os 17 e 30 anos, necessitam ter a quarta classe da instrução primária para os vários cursos de categoria de auxiliares, a sexta para o escalão de agentes sanitários e, finalmente, aos que frequentam os cursos de enfermagem e de técnicos das diversas especialidades para médicas é exigido a nona classe.

O tempo de duração dos cursos é de dois semestres para os cursos de auxiliares e de parteiras, quatro semestres para agentes sanitários e seis semestres para cursos técnicos.

A possibilidade dos enfermeiros ascenderem a escalões superiores foi outra das medidas tomadas pelo Ministério da Saúde de Moçambique. Assim, o enfermeiro, para além de poder especializar-se dentro da sua carreira, poderá transitar para a carreira de Medicina, começando pelo grau mais baixo que corresponde ao de agente, passando depois para técnico, após o qual poderá ser médico.

Esquemas idênticos estão também delineados para outras carreiras do sector de saúde, havendo a salientar os cursos de reciclagem e de reconversão nos diferentes sectores.

Entretanto, com a abertura do Instituto Técnico de Ciências Médicas e Paramédicas, em Quelimane, capital da província de Zambézia, terão lugar, brevemente, novos cursos de formação profissional do sector da saúde.

SEIS MIL CONTOS PARA OS GUERRILHEIROS DO ZIMBAWE

MAPUTO, 4 — **A República Popular de Moçambique concedeu, através do seu Banco de Solidariedade, seis mil contos aos guerrilheiros que combatem na Rodésia.**

O apoio monetário dado aos combatentes do Zimbawe vem na sequência da política de solidariedade que Moçambique tem prestado aos que lutam pelo derrube do regime minoritário de Ian Smith.

ACUSA A FRETILIN

Aldeia de Timor-Leste destruída pelos indonésios

«As forças invasoras da Indonésia destruiram completamente a aldeia de Kribas, em vingança pela dura resistência da Fretilin nesta área da qual resultara na última semana, a morte de 119 soldados indonésios e o derrube de um helicóptero», afirmou o ministro da Administração Interna da República Democrática de Timor Leste, Alorico Fernandes em mensagem radiofónica ontem captada em Darwin, na Austrália e transmitida do interior de Timor Leste.

«Incrível vandalismo — sangue, fogo e destruição são as actividades diárias da vergonhosa agressão do exército regular de Suharto contra o povo de Timor Leste», disse o ministro.

«Em Zumalai, nos últimos dois dias, os soldados indonésios queimaram seis grandes aldeias e executaram cidadãos indefesos da população local. Como as forças invasoras são impotentes para combater as heróicas forças da Fretilin, apenas são capazes de vingar-se pela execução de elementos da população e pela destruição das suas casas e culturas» — conclui a mensagem de Alarico Fernandes, que nos foi transmitida pela detegação permanente da Fretilin no Maputo.

GUINÉ-BISSAU

Técnicos de telecomunicações concluíram estudos em Portugal

Regressaram já a Bissau os técnicos de Correios e Telecomunicações da República da Guiné-Bissau que estiveram em Portugal no âmbito de uma viagem de estudo que efectuaram a cinco países.

A delegação da Guiné-Bissau, que era chefiada pelo director técnicos dos CTT, manteve contactos em Lisboa com as administrações das empresas «Plessey Portuguesa» e «Marconi Portuguesa».

A deslocação dos técnicos daquele país africano teve por objectivo conhecer a organização e funcionamento dos vários departamentos ligados aos problemas específicos da Guiné e visitar firmas produtoras a ampliação da central telefónica da rede de Bissau da rede nacional de «telex» e a automatização do serviço telefónico nas redes das várias regiões.

PUB

«A SACAVENENSE»

Cooperativa de Consumo, S.C.R.L.

Sede Social: Rua António Ricardo Rodrigues

SACAVÉM

ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA

CONVOCAÇÃO

De acordo com o § 2.º do Art.º 41.º e a requerimento da Direcção e do Conselho Fiscal convoca-se a Assembleia Geral a reunir no dia 18 de Agosto de 1976, pelas 20.30 horas, com a seguinte Ordem de Trabalhos:

1 — Exposição a fazer à Assembleia pela Direcção e Conselho Fiscal sobre a situação financeira e económica da Cooperativa.

2 — Medidas a aprovar pela Assembleia tendentes a sanar a grave situação existente.

Sacavém, 29 de Julho de 1976

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral

Gilberto Lindim Ramos

Nacional

"PONTA-DE-LANÇA DA REFORMA AGRÁRIA"

Cortiços um exemplo de tenacidade

Na aldeia dos Cortiços, concelho de Macedo de Cavaleiros, aconteceu no passado domingo uma festa de convívio. Uma festa que teve o mérito de mostrar aos visitantes que ali acorreram, vindos de vários pontos do País, a coragem de uma dúzia de homens que foram capazes de desafiar a reacção imperante no Nordeste transmontano.

Foi precisamente no dia 1 de Agosto de 1975 que nasceu a Cooperativa de Produção «Os Pioneiros». Hoje é uma realidade indestrutível. Daí a razão da festa. Aqueles que lá estiveram e viram como é possível numa zona considerada difícil avançar com a Reforma Agrária, ficaram cientes de que o campesinato do Nordeste trasmontano encetou o caminho da libertação. Os alicerces da exploração feudal, apoiada no caciquismo, começam a ruir.

A palavra de ordem «Força, Força, Norte, para a Revolução ser mais forte», gritada a certa altura no ardor do convívio, ajusta-se à nova óptica com que os camponeses encaram os problemas. Surgem sindicatos agrícolas por todo o Norte. Os rendeiros, organizados, fazem ouvir a sua voz através do MARN. Desenham-se esboços de cooperativas agrícolas. Não são apenas os «Pioneiros», porque estes já têm raízes fortes. Noutros lugares do Nordeste os camponeses manifestam o desejo de se unirem em coooperativas. Dentro em breve elas florescerão na terra trasmontana.

Essa força do Norte (ainda em embrião) sente-se nos Cortiços. Dizia-nos um camponês idoso, o sr. Francisco, com toda a convicção:

«Quando o Norte se levantar, a Revolução está feita».

Talvez tenha razão.

UM DIA COM «OS PIONEIROS»

Os «Pioneiros» não são apenas os doze que estão na cooperativa, que nela trabalham para arrancar da terra aquilo que o Povo das cidades vai consumir. Os «Pioneiros» são todo o Povo da aldeia, que em assembleia deu o aval para que a cooperativa se tornasse uma realidade. Os «Pioneiros» são os pequenos agricultores que ainda não entraram para a cooperativa porque têm medo, mas que olham para a «obra» com esperança. Os «Pioneiros» são os pequenos comerciantes que na sua loja vendem o riscado barato com que o camponês se veste. Os «Pioneiros» é a velha de oitenta e tal anos que sentada na soleira da porta, aguarda com serenidade a morte. Os «Pioneiros» são aqueles que em Trás-os-Montes ousam enfrentar as forças obscurantistas que lhe destruíram a sua cultura.

«Não somos muitos, mas temos o apoio da população» — afirmou Amílcar Ferreira, membro da direcção da Cooperativa, numa passagem do discurso que proferiu depois dos «comes e bebes». E disse mais: «Precisamos do apoio das forças progressistas do nosso país». Esse apoio esteve representado na festa com a presença de centenas de pessoas que vieram do Porto para conviver com a «malta» dos Cortiços. Materialmente o apoio traduziu-se no cheque de 50 contos que o porta-voz de uma comissão de bancários entregou aos «Pioneiros». Este gesto de solidariedade dos trabalhadores bancários não fica por aqui, segundo informou o portador do cheque no acto da entrega. Outros cheques virão. A iniciativa partiu do Banco Português do Atlântico. Outros bancos aderiram depois. Também «amigos» progressistas da Finlândia, Alemanha Federal e a Suécia, no ano de 1975, contribuíram com fundos, recolhidos nos seus países para os «Pioneiros».

«O nosso espírito de luta tem segurado a cooperativa. Durante um ano sobrevivemos com o vencimento de dois mil e quinhentos escudos. Pedimos empréstimos a várias instituições de crédito. Não nos atenderam porque somos progressistas» — continuou Amílcar Ferreira, dirigindo-se aos trabalhadores e estudantes do Porto que no meio do pinhal escutavam as suas palavras.

Em cima do componente de um instrumento de trabalho (o atrelado do tractor) Amílcar Ferreira, rodeado dos outros «Pioneiros», explicou aos visitantes qual o objectivo que perseguiam: «a transformação da produção e da sociedade». Sobre aquilo que já tinham produzido pormenorizou: falando nos quilos de couve-flor que colheram, nos quilos de cereais, nos quinhentos atrelados de estrume que espalharam na terra, nos dois hectares de cebola, nos quatro hectares de cenoura que semearam. E também no milho. Nas abóboras. No pomar: as plantações novas de ameixoeiras e cerejeiras. Nos três hectares de batata que infelizmente se estragaram com as enxurradas. No feijão manteiga...

«Cortámos árvores para fazer instalações para o gado. Abrimos alguns poços para rega. Até pusemos a trabalhar um lagar de azeite que estava parado há alguns anos. Assim produzimos azeite que vendemos aos trabalhadores do Porto» — acrescentou Amílcar.

Gente da cidade confraternizou com os camponeses dos Cortiços

ACTA PRIMEIRA

Segundo reza a acta da primeira reunião daqueles que mais tarde haviam de se chamar «Pioneiros», no edifício da Escolha Primária, com a presença da quase totalidade do povo da aldeia dos Cortiços, foi aprovada a ocupação das propriedades que pertenciam ao IRA, ou seja a antiga Junta de Colonização Interna. Da terra explorada pelo Complexo Agro-Pecuário do Cachão e de mais dois prédios rústicos que pertenciam a esta empresa.

Na referida reunião o povo aprovou a criação de uma cooperativa de produção agro-pecuária com sede nos Cortiços. Os homens que hoje estão nos «Pioneiros» fizeram um compromisso de honra. Amílcar Ribeiro leu os pontos principais que foram aprovados na reunião e ficaram gravados na acta.

«Implantar na nossa freguesia uma Comissão Revolucionária que, se for preciso, vá combater, com risco da própria vida, todas as organizações fascistas. Fazer uma estrutura que venha criar postos de trabalho para o nosso povo a fim de evitar que a nossa rica mão-de-obra fuja para os países capitalistas. Incentivar a agricultura no espírito da nossa juventude. Acabar com todos os parasitas burgueses que vivem a soldo da agricultura e se intitulam técnicos agrícolas...»

No respeitante à ocupação da terra, da acta consta o seguinte:

«Tomar conta desta exploração, pois à volta de 12 anos que o Cachão está aqui e não tem feito mais nada se não esbanjar o dinheiro dos cofres do Estado. Anote-se que é uma organização sem princípios orgânicos e sem espírito revolucionário». O povo deixou bem assente na acta que a ele (povo) ninguém o engana...

«Para enganarem as pessoas diziam que isto era um campo de experiências. Não admitimos na nossa freguesia experiências que venham prejudicar o nosso povo. Um povo que passa fome e sofre o desemprego».

QUE RICAS EXPERIÊNCIAS!

Na terra hoje ocupada pelos «Pioneiros» viviam a soldo do Cachão seis feitores e alguns regentes agrícolas. Escusado será acentuar que não faziam absolutamente nada... Não plantavam. Deixavam estragar o pouco que havia na terra. Se alguma coisa cultivavam, era para a sua subsistência. Essa gritante situação de «chulice» tornou-se vulnerável às críticas. O povo em surdina criticava os opressores. Quanto às experiências, não passaram de um rotundo fracasso. Eis alguns pormenores contados por Amílcar Ribeiro:

«Há três ou quatro anos que trouxeram para aqui toneladas largas de «fertor». Diziam que iam deitar essa matéria orgânica nos terrenos, no entanto o «fertor» ainda se encontra ao desdém. Deixaram arder a maior parte das instalações de casa quando ali realizavam grandes banquetes. Não reconstruíram nada. Toda a exploração, menos as oliveiras, estava abandonada ou numa situação de subaproveitamento. Nas tais experiências andaram a fazer pomares com plantas inadequadas aos terrenos. Mesmo assim deixaram secar tudo».

Os camponeses dos Cortiços sabiam que aquilo não estava certo. Veio o 25 de Abril. Perderam o medo e avançaram. As experiências agora são outras.

A HISTÓRIA DE UMA OCUPAÇÃO

Ocupar terras no Nordeste trasmontano é um acto de coragem. E sobretudo no chamado Verão quente. As sedes dos partidos progressistas ardiam. Desencadeou-se uma verdadeira «caça às bruxas». Numa altura em que gente de esquerda, em Bragança, se tinha defendido a tiro. Em que verdadeiros bandos de «nazis» ditavam leis nas vilas e cidades de Trás-os-Montes. Era o Agosto «negro», que sucedia à retirada da «Maio-Nordeste».

Os homens dos «Cortiços magicavam a sério em tomar a terra». Apesar das condições objectivas lhes não serem favoráveis. Perante a maioria da população (nunca se isolaram dela), os «Pioneiros» combinaram como haviam de ocupar a terra. Ao princípio conseguiram juntar quinze pessoas para a criação da cooperativa. Cinco delas, porém, falharam. Talvez por medo. As restantes resolveram ir para a frente. Ficou decidido que no dia 1 de Agosto se encontrariam às sete horas da manhã, no largo da aldeia.

«O primeiro a chegar fui eu (conta Amílcar) e estava receoso que os outros desistissem. Quando os vi aparecer um a um senti vontade de chorar».

Os dez unidos dirigem-se para a terra. Quando os regentes agrícolas e os feitores apareceram por volta das oito horas, os «ocupantes» impediram-lhes a entrada. Mais tarde os «Pioneiros» falaram com o Cachão onde, no momento, se encontrava uma Comissão Administrativa constituída por elementos progressistas (actualmente saneados pelo ministro da Agricultura), entre os quais se destacaram o capitão Bento e o técnico agrícola Vicente. A CA não levantou problemas. Desta forma se consumou a ocupação.

Hoje os «Pioneiros» já aumentaram em número. São doze. Aos dez juntaram-se o Levi e o Capador, dois pequenos agricultores que entregaram à cooperativa, por arrendamento, as suas terras. Agora trabalham como os outros e recebem segundo o lema «para trabalho igual, salário igual». O mesmo acontece com as mulheres. Nesse aspecto os homens dos «Pioneiros» não fazem discriminações. A Gracinda, uma das cooperantes, que funciona também como secretária da direcção, assim o disse.

O grosso dos trabalhadores que participam nos «Pioneiros» é gente nova. A média das idades ronda os trinta anos. Gente com sangue na guelra. Os mais velhos, todavia, não lhes ficam atrás... Nas duas tentativas de assalto que fizeram à cooperativa (tentativas que não se concretizaram) «o povo manteve-se em vigilância até de madrugada» — disse o sr. Francisco.

De facto os reaccionários tentaram mobilizar, depois do 25 de Novembro, os trabalhadores do Cachão, no sentido de reocuparem as terras dos Cortiços. Isso não deu resultado. Pretenderam lançar trabalhadores contra trabalhadores. Uma táctica já gasta e que nem sempre resulta.

A MISSIVA

Na festa que se iniciou pela manhã com um jogo de futebol entre a equipa dos Cortiços e a de Vila Flor, compareceram trabalhadores dos serviços, operários, estudantes, intelectuais. Esteve ainda presente uma delegação de camponeses da Cooperativa Agrícola do Barcouço, perto de Coimbra.

Após os «comes» — uma vitela e cordeiros assados —, regados com tinto da região, houve «canto livre». E discursos. No âmbito das intervenções realçamos a leitura da carta enviada aos «Pioneiros» pelo dr. Teixeira Neves. Um antifascista de longa data. Um homem de esquerda. Embora independente. O dr. Teixeira Neves é redactor do «Jornal de Notícias», do Porto. Natural de Mascarenhas, uma aldeia do concelho de Macedo de Cavaleiros. Apesar de pertencer a uma família abastada, Teixeira Neves pode considerar-se um «traidor» à sua classe: a burguesia. Colocou-se ao lado dos humilhados. Abraçou a sua luta. Foi ele que liderou a greve dos cantoneiros na zona. Por isso Teixeira Neves escreveu: «Tenho orgulho em estar ligado a uma aldeia com tamanhas tradições de luta... Senhores polícias e senhores da GNR de Macedo de Cavaleiros, hoje a ordem está do outro lado. Dos que tornam os campos produtivos, como os «Pioneiros». A desordem está do lado dos que que deitam fogo às searas, dos que vendem o gado no Alentejo...». Depois de dissertar sobre de que lado está a ordem, o dr. Teixeira Neves pergunta:

«O que fizeram as forças da ordem para descobrir os incendiários das sedes dos partidos progressistas?»

Termina dizendo aos «Pioneiros: «Não têm o direito de fracassar porque o País pôs os olhos em vocês. E a vossa derrota seria a derrota de todos nós».

A propósito das «forças da ordem» não procuram os incendiários informaram-nos de que a GNR já foi três vezes aos Cortiços, onde procedeu a buscas em casas de várias pessoas. Por outro lado o BC3, de Bragança, também se deslocou à aldeia «à procura de cubanos». Talvez com medo desses lendários cubanos, apresentaram-se armados até aos dentes, em blindados. Será que «as forças militares e militarizadas pensam encontrar os incendiários dos partidos progressistas nos «Pioneiros»?

Enganam-se. Nos «Pioneiros» encontram ferramentas de trabalho. A terra cuidada. Um posto médico apetrechado com material e remédios oferecidos pelos trabalhadores de certos países europeus que cumprem à risca as regras do internacionalismo proletário.

«O posto não funciona devido ao boicote dos «fachos» da Casa do Povo de Macedo de Cavaleiros» — afirma o sr. Francisco, um homem idoso, activista da comissão de moradores dos Cortiços. Aquele que dizia:

«Quando o Norte se levantar...»

LOURDES FÉRIA

As crianças participaram no convívio «criando» um mural com motivos alegóricos à Reforma Agrária

Trabalho

JORNALISTAS
Faltam representantes do Governo

Por falta de comparência dos representantes do Ministério do Trabalho e da Secretaria de Estado da Comunicação Social não chegou a efectivar-se a reunião de conciliação marcada para o passado dia dois, entre o Sindicato dos Jornalistas e os delegados da Associação da Imprensa Diária, Associação da Imprensa não diária e Agências Noticiosas. A administração da «ANOP« também se não fez representar. Continuam assim a marcar passo as negociações para o contrato colectivo de trabalho dos jornalistas.

Devido à ausência dos representantes do Governo, as partes presentes decidiram, por iniciativa do Sindicato, pressionar o Ministério e a Secretaria do Estado através de um ofício com junto marcando nova reunião para o período de 23 a 27 de Agosto.

Em comunicado sobre a matéria, a Direcção do Sindicato dos Jornalistas afirma nomeadamente:

«Após uma primeira reunião fracassada pela parte da Associação da Imprensa Diária (10 de Julho), os jornalistas não podem deixar de estranhar e verberar o comportamento dos Ministérios do Trabalho e da Comunicação Social. Esta atitude é tanto mais de estranhar quanto mais o Ministério da Comunicação Social não se tem coibido em avançar com um projecto de reestruturação da Imprensa rejeitado unanimemente pelos jornalistas e que inclui matéria que só se aceita seja dirimida no próprio clausulado da contratação colectiva, como é o caso do duplo emprego. A direcção não aceita factos consumados e, como na própria reunião com as associações patronais frisou, não aceitará a política dos sucessivos adiamentos».

Titular da Indústria Ligeira contestado no sector têxtil

Os trabalhadores da indústria têxtil, em reunião geral do sector efectuada no dia 31, no salão dos Bombeiros Voluntários Lisbonenses, aprovaram uma moção, por unanimidade, na qual declaram que entendem a nomeação do actual secretário de Estado da Indústria Ligeira, José Rabaça, «como uma afronta a todo o movimento operário e sindical, e de um modo muito especial, ao sector têxtil e mais expressivamente ao sub-sector lanifício»

Por tal razão, e ao mesmo tempo que decidiam «não aceitar qualquer contacto com tal membro governativo», os trabalhadores presentes naquela reunião exigiam «a imediata demissão deste secretário de Estado» e alertavam para que, não sendo demitido, «assumirão as posições necessárias até à sua demissão».

A posição dos trabalhadores assumida nesta moção, é justificada nos seus considerandos, entre os quais um, em que se afirma que «o referido industrial tem tido todo um comportamento anti-operário, desde os tempos do corporativismo e que se tem intensificado no pós 25 de Abril de 1974».

Mais se considera na moção que citamos: «que o referido industrial tem mantido toda uma propaganda no sentido de combater e impedir o regular funcionamento da organização sindical»; «que o referido industrial não cumpre o C.C.T. do sector na fábrica onde é administrador»; «que o referido industrial não cumpre porque não quer cumprir os pagamentos à Previdência»; «que este industrial tem procurado orientar os restantes patrões no sector contra o cumprimento das suas obrigações legais junto dos trabalhadores»; e «que tal nomeação só a entendem como a expressão da C.I.P. no 1.º Governo Constitucional».

LEGISLAÇÃO CONTESTADA

Por outro lado, na mesma reunião, os trabahhadores do sector têxtil presentes, aprovaram moções em que se contesta legislação recente, por ser considerada como antioperária, antipopular e inconstitucional.

É o caso do Decreto-Lei n.º 164/76 que não serve os reais interesses das massas trabalhadoras» e «deixa inteira liberdade ao patronato para boicotar as justas reivindicações dos trabalhadores». Por esse motivo, os trabalhadores exigem «a imediata revogação da Lei da Contratação Colectiva» contida no referido diploma, «a qual repudiamos energicamente».

Outros diplomas contestados são os Decretos-Lei 422/76, 471/76 e 530/76, também «energicamente repudiados». Nessa moção, considera-se indispensável «a consulta dos trabalhadores relativa-diploma, «a qual repudiamos energicamente».

Outros diplomas contestados são so Decretos-Lei 422/76, 471/76 e 530/76, também «energicamente repudiados». Nessa moção, considera-se indispdnsável «a consulta dos trabalhadores relativamente às questões que lhes dizem directamente respeito, nomeadamente a sua participação na elaboração da legislação do trabalho da planificação económico-social».

Sobre estes decretos, os trabalhadores deixaram expressa a sua exigência de que o Presidente da República «exerça o seu direito de veto quanto ao decreto sobre o controlo da gestão, não o promulgando nem o assinando».

O CONGRESSO DOS SINDICATOS

A questão da organização e do regulamento do próximo Congresso dos Sindicatos mereceu a atenção desta assembleia, que considerou tratar-se de «uma batalha decisiva para a unidade da classe operária e demais trabalhadores na luta contra a burguesia exploradora».

Entenderam ainda os trabalhadores presentes que «o movimento sindical deve marchar unido, democrática e revolucionariamente, não premitindo a ingerência do Governo nos sindicatos» e que o Congresso «deve dar ampla participação às massas exploradas».

Preconiza-se nesta moção que «participem com direito a voto delegados eleitos pela base e da sua confiança e não apenas representantes das direcções sindicais» e «que a unicidade sindical seja defendida intransigentemente e seja combatido o direito de tendência».

C.T. Grão-Pará denuncia ex-patroa

«Face às calúnias que lhes têm sido lançadas pela antiga administração fugida para o Brasil», os trabalhadores da Grão-Pará, através da respectiva Comissão de Trabalhadores, difundiram um comunicado intitulado «Rebate de consciência?», em que procuram esclarecer alguns pontos não só da firma, actualmente sob regime de intervenção do Estado, como da antiga proprietária, Fernanda Pires da Silva, actualmente a residir no Brasil e naturalizada cidadã daquele país.

Assim, a C.T. da Imobiliária Construtora da Grão-Pará, denuncia a «venda dos célebres terrenos em Brasília», em 1960. Tais terrenos, afirma «distavam daquela cidade não os três ou 30 quilómetros como dizia, mas três ou 30 da periferia o que obviamente é muito diferente».

Referindo os apoios que a ex-proprietária da Grão-Pará desfrutaria entre «alguns banqueiros e governantes de então», o texto de que nos servimos refere depois «a euforia das acções» que, na pessoa de seu filho (de Fernanda Pires da Silva), dotado de certa astúcia e apoio também, conseguiu através dos privilégios concedidos por entidades oficiais promover aumentos sugestivos do capital das empresas do chamado «Grupo Grão-Pará».

Com o 25 de Abril a banca começou a moralizar a sua acção, segundo se afirma no documento que seguimos e nessa altura «haviam-se consumido e continuava a consumir-se centenas de milhares de contos e as empresas continuavam sem rentabilidade económica».

Novembro de 1974 «traz) aos trabalhadores da Grão-Pará uma circular comunicando a impossibilidade de pagamento do 13.º mês e os proprietários abandonaram o País, rumo ao Brasil. Esta situação provocou a nomeação de uma comissão de inquérito «que não deixou de assinalar as irregularidades encontradas», algumas das quais em segredo de justiça, estando o processo na judiciária, segundo referem os trabalhadores da Para.

Depois de referir diversas actividades de mãe e filho, antigos proprietários da firma, que este comunicado afirma que os trabalhadores estão «envidando todos os esforços para que seja publicamente apresentado o relatório da Comissão de Inquérito, que justifica plenamente a resolução do Conselho de Ministros» determinando a intervenção estatal.

E dizem os membros da C.T. que assinam a carta que citamos: «tal como quando vestia umas dezenas de crianças pobres em Cascais, promovendo-se sempre a benfeitora, hoje ajuda (por rebate de consciência?) os emigrantes portugueses no Brasil, mas ontem extraiu-lhes as suas economias e não teve a preocupação de tornar as empresas rentáveis».

E quase a terminar: «É este um dos ditos empresários a que alguma imprensa se vem referindo com destaque, tentando descreditar trabalhadores que se esforçam por resolver uma situação bem crítica e que sempre a têm assinalado ao Governo através da Comissão Administrativa».

Governo vai resolver conflito nas conservas

Os trabalhadores portuários que se solidarizaram com os conserveiros boicotando a exportação de conservas, levantaram hoje o boicote, por a federação dos seus sindicatos ter recebido da secretaria das Pescas a comunicação de que o secretário das Pescas e o ministro do Trabalho iriam resolver hoje o conflito dos trabalhadores conserveiros.

Estes retêm as conservas nas fábricas desde o dia 29, como forma de levar as entidades patronais à mesa das negociações do Contrato Colectivo de Trabalho. Entre outras revindicações, os conserveiros reclamam aumento salarial (o vencimento médio da maioria destes trabalhadores é de 2700 escudos), 45 horas semanais, subsídios de férias e de Natal.

Entretanto, os trabalhadores da fábrica Stela Mar, de Vila do Conde, paralisaram anteontem a laboração, exigindo o pagamento do subsídio de férias a 100 por cento, como está estabelecido por decreto-lei. Muitos patrões pretendem ainda pagar apenas os 70 por cento que o Contrato Colectivo estabelecia.

Os trabalhadores da indústria de conservas do Norte continuam a impedir a saída de mercadorias até que o patronato apresente à mesa das negociações uma contraproposta, consignando, em termos justos a semana de 45 horas. Durante uma conferência de imprensa dada ontem, foi exposta a determinação dos operários de não cederem na luta pelo direito ao trabalho, até porque a própria Secretaria de Estado das Pescas reconhece a justeza das suas reivindicações. Aliás, no sector conserveiro com intervenção estatal está em vigor a semana de 45 horas, contrariamente ao esquema que o patronato pretende manter: 32 horas durante 8 meses e 24 horas nos restante. Da situação de subemprego, pretendem, pois, os trabalhadores passar ao pleno emprego que, segundo um dirigente sindical é «viável sob o ponto de vista social, possível sob o ponto de vista económico e garantido sob o ponto de vista constitucional».

na forja

HOTELEIROS ORGANIZAM FESTIVAL

«O desporto na unidade dos trabalhadores» é o lema do festival desportivo a realizar no próximo domingo, dia 8, no Estádio do Restelo, a partir das 15 horas, por obra do grupo cultural desportivo e sindical da juventude hoteleira, do Sindicato dos Trabalhadores na Hotelaria, Restaurantes e Similares do Sul. O programa assinala: largada de pombos (15 horas), atletismo (infantis e iniciados, 15 e 15, trabalhadores inscritos, 1500 metros, 15 e 30), jogo de amizade (16 horas), atletismo (800 metros femininos, 17 e 40), e jogo da final do 1.º Torneio de Futebol dos Trabalhadores na Hotelaria (18 horas). No final, proceder-se-á à entrega das medalhas, e à largada de balões.

CREDENCIAIS: PRORROGADO O PRAZO

Por despacho do ministro do Trabalho, com data de 29 de Julho, foi prorrogado por mais sessenta dias o prazo das credenciais passadas por aquele Ministério às comissões de trabalhadores das empresas autogeridas.

Justificando esta medida, o Ministério atribuiu-a «à complexidade dos problemas suscitados pelas referidas empresas, cuja solução adequada é preocupação do Governo, mas que necessitam aguardar um programa de Governo definido sobre tal matéria».

A prorrogação pode cessar, no entanto, caso se verifique algum «impedimento por parte do Ministério do Trabalho ou razões legais impeditivas».

37 MIL CONTOS DE DÍVIDAS

Atingem perto de 37 mil contos as dívidas das fábricas Lufapo, de Coimbra, quantia esta que ultrapassa largamente o capital social da empresa, que é de 19 mil contos. Para obviar à falência técnica, as comissões de controlo de produção e de delegados sindicais têm solicitado a intervenção do Estado, sugerindo a fundação de uma nova fábrica de azulejos e a exploração, em melhores condições, das actuais instalações fabris.

UMA ORDEM DE SERVIÇO

A gerência da firma Lincuri emitiu recentemente uma ordem de serviço que, segundo a respectiva comissão de trabalhadores, demonstra de «maneira demagógica e prepotente a intenção de fomentar o divisionismo para defesa de interesses pessoais e claramente antidemocráticos».

Lê-se nessa comunicação interna: «Porque os actos praticados por alguns trabalhadores — usando para fim diversos do que lhes está confiado os serviços e bens desta empresa — constituem, entre outros, o crime de abuso de confiança, além de os fazer incorrer nas penalidades da lei da greve, vimos comunicar a todos os trabalhadores que se esta actuação continuar após a divulgação desta ordem de serviço serão apresentadas as respectivas queixas na Polícia Judiciária».

Perante isto, os trabalhadores, em comunicado que nos fizeram chegar, negam que tenham posto em prática «actos que não fossem tendentes a defender a empresa e todos os postos de trabalho», e afirmam que nunca tomaram posse de quaisquer posições ou bens «que não fossem a defesa dos seus interesses e do pagamento integral dos seus salários», nunca intervieram nos actos de gestão nem usaram de formas de coacção na defesa dos seus interesses. Por isso, «repudiam toda e qualquer responsabilidade nas consequências resultantes da forma de luta que são obrigados a pôr em prática pela intenção premeditada da Administração e da Gerência.

«NÚMERO UM» À ESPERA DAS CHAVES

Aguarda-se que, finalmente, reabra amanhã o restaurante «Número Um» («Steakhouse»), cujos trabalhadores estão impedidos de exercer a sua profissão há oito dias, sem terem recebido o ordenado do último mês. Com intervenção policial, foi então executada uma «acção de restituição provisória de posse», apesar de os trabalhadores nunca terem contestado a «posse» mas apenas a «gestão» prosseguida pela entidade patronal. Gerindo eles há cerca de 14 meses o restaurante, conseguiram pagar 900 contos de dívidas que os patrões tinham à praça. Reconhecendo as razões de quem trabalha, foi ordenado pelo tribunal, na sexta-feira, um arresto aos bens do restaurante, em função das dívidas da entidade patronal aos trabalhadores. A entrega das chaves aos últimos foi marcada para anteontem. A pretextos vários ainda não se realizou.

Os trabalhadores esperam que a entrega seja feita hoje ainda.

Nacional

ALBERTO ARONS DE CARVALHO AO "D.L."

"Queremos evitar que o P.S se transforme numa máqui

Num destes últimos dias, por sinal bastante quente, encontrámo-nos nos Passos Perdidos de S. Bento com Alberto Arons de Carvalho, deputado socialista, membro do Secretariado Nacional do PS e do Secretariado da Juventude Socialista. Ali, sentados num sofá, numa atmosfera um pouco quente e incomodativa, tendo como fundo sonoro as intervenções dos senhores deputados na tribuna da Assembleia, que já foi «Nacional», e hoje é da República, falámos longamente com Arons de Carvalho sobre a Juventude Socialista.

O próximo congresso da JS, a realizar em Novembro, foi o pretexto para questionarmos Arons de Carvalho sobre algumas questões do maior interesse, não só para a JS e o Partido Socialista, como para todos aqueles que estão empenhados na luta pelo Socialismo. Arons de Carvalho sublinhou um risco: o do PS poder vir a tornar-se numa máquina apenas eleitoralista; deu uma garantia: os jovens socialistas querem mesmo o Socialismo; fez uma prevenção: a JS não se transformará em tendências no PS nem se aliará com ditas alas ou alinhará com esta ou aquela personalidade; e sobre Spínola, afirmou muito claramente que este cometeu mais crimes depois do 11 de Março, no MDLP-ELP, do que propriamente ao participar e dirigir essa intentona contra-revolucionária. Esta e outras questões, e nomeadamente uma certa recuperação da hierarquia antidemocrática nas Forças Armadas, foram abordadas por Alberto Arons de Carvalho na entrevista que nos concedeu e que publicamos a seguir.

«DL» — Que importância é que vocês atribuem à realização, no próximo Outono, do II Congresso da Juventude Socialista?

Arons de Carvalho — O próximo Congresso da JS é, para nós, muito importante, e isto porque vem na sequência do único congresso que realizámos até hoje, em Fevereiro do ano passado. Nesse congresso, erguemos a organização, digamos assim, pois a JS não existia antes do 25 de Abril. Os jovens do Partido Socialista estavam, com efeito, integrados na orgânica do partido, nos órgãos do PS, e não tinham portanto uma estrutura própria. Este facto, e a inexistência de um movimento estudantil de massas, as próprias prioridades de luta dos jovens socialistas, levou-os a abdicarem um pouco da luta entre os estudantes, luta em que participaram sobretudo até 1969. Jaime Gama, José Luís Nunes, Alfredo Barroso, entre outros, foram destacados dirigentes estudantis. E ainda que só mais tarde viessem a ser do PS, Sottomayor Cardia e Medeiros Ferreira foram igualmente figuras da resistência dos estudantes contra o fascismo. Mesmo assim, já em 1970 existiu um movimento que organizava os jovens da Acção Socialista Portuguesa e que teve sobretudo um papel relevante na luta pela libertação de Salgado Zenha e Jaime Gama, entretanto presos pela PIDE. Os «libertem Zenha» que apareceram escritos em muitas paredes de Lisboa e arredores foram as primeiras «pinturas de parede» que apareceram depois de muito tempo. E, além disso, foi editado um boletim clandestino policopiado chamado «Esquerda», de que um dos principais autores foi o actual director do «Diário de Notícias», Mário Mesquita, e que é, pode dizer-se, o precursor do actual «Jovem Socialista», órgão central da JS.

Por essa razão, não havia uma organização de jovens socialistas entre os estudantes. Depois do 25 de Abril, deparou-se-nos a tarefa de organizar a Juventude Socialista um pouco por todo o País, à medida que se ia organizando o Partido Socialista.

Mas, enquanto o partido já tinha um esqueleto, a JS não o tinha — não tinha organização, nem estatutos, nem intervenção em tanto que organização de jovens. Quer isto dizer, também, que os quadros do PS na sua generalidade não tinham uma significativa experiência de organização a nível dos jovens, ao contrário do que acontecia com outras organizações de juventude que existiam antes do 25 de Abril, como a UEC, o MRPP e alguns grupos que vieram a fundar a UDP estudantil, e outros.

O primeiro congresso da JS, em 1974, foi, pois, sobretudo um congresso de organização, de estruturação e de coordenação à escala nacional, em que se discutiram mais os estatutos do que a plataforma política, ou os problemas estudantis ou as lutas dos jovens trabalhadores, o que explica que actualmente a plataforma política da JS não se revista de grande importância para os jovens estudantes e trabalhadores socialistas.

Na realidade, quando os jovens socialistas se lançam hoje na luta estudantil e apresentam propostas, muito pouco se servem daquilo que foi aprovado no primeiro congresso; servem-se, antes, de debates, de textos e de propostas que foram feitas depois do congresso. Mas isso com as dificuldades que lhe são inerentes, até porque não há uma coordenação suficiente à escala nacional. Daí, portanto, a importância que a nosso ver se reveste o próximo congresso, e ainda porque um congresso é, na vida de qualquer organização, um momento muito alto em termos de militância, de discussão e difusão da linha política e das palavras de ordem, de organização.

O próximo congresso da JS vai ainda permitir rectificar alguns erros. Nós temos hoje, com efeito, uma consciência muito clara de alguns erros cometidos pela JS nos primeiros meses, de erros grandes no domínio da organização, mas sobretudo do projecto político. Corrigidos esses erros de organização, o que será simples, porque são de um modo geral compreendidos por todos os militantes, vamos principalmente debruçar-nos sobre o projecto político, tanto a nível da implantação da JS, como das lutas no meio estudantil e dos jovens trabalhadores. Assim, se o I Congresso foi o congresso da organização, o próximo, a realizar em Novembro, será o da reestruturação, o da coordenação a nível organizativo, ideológico e programático, o do fortalecimento ideológico dos militantes.

«DL» — Pelo que acaba de nos declarar, como até por notícias vindas a público, poder-se-á concluir que a JS é, essencialmente, uma organização de jovens estudantes. Gostaria que nos esclarecesse a este respeito.

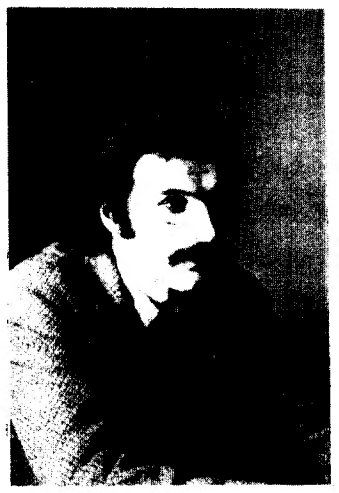
Arons de Carvalho — Não, a JS não é constituída apenas por estudantes. A JS organiza estudantes e trabalhadores. Mas o que tem sucedido, mau grado os nossos esforços, e como consequência apenas da vida e das lutas concretas, é que enquanto os estudantes têm uma luta específica, diversa da luta geral do partido, os jovens trabalhadores socialistas integram-se nos mesmos sindicatos que os trabalhadores menos jovens. Há, assim, uma tendência geral para os jovens trabalhadores socialistas se integrarem directamente no PS, havendo de resto hoje alguns bons quadros trabalhadores da JS integrados na comissão de trabalho do PS. A imagem da JS como organização apenas estudantil não corresponde, pois, à realidade. A JS tem uma grande implantação entre os jovens trabalhadores, e refiro, como exemplo, a nossa implantação a nível dos mineiros de Aljustrel, dos jovens camponeses em Rio Maior, dos trabalhadores da Lisnave, dos metalúrgicos, dos tipógrafos de Évora e Estremoz, e de muitos outros sectores e localidades, além das várias comissões de jovens trabalhadores socialistas.

É evidente que nos últimos tempos os estudantes afectos à JS, com algumas pessoas independentes, têm tido alguns êxitos a nível estudantil e, por conseguinte, a nível da opinião pública em geral o que aparece na Imprensa é que a JS ganhou as eleições na Associação Académica de Coimbra, na Faculdade de Direito de Lisboa, etc.. mas não naturalmente que jovens trabalhadores afectos à JS ganharam as eleições para a direcção de um sindicato; é lógico. Em todo o caso, a verdade é que a JS organiza jovens estudantes e jovens trabalhadores. A orgânica interna da JS compreende núcleos de escola, núcleos de residência e núcleos de trabalho.

OS JOVENS DA JS QUEREM O SOCIALISMO MAIS DEPRESSA

«DL» — Quais são os princípios programáticos que poderão vir a ser aprovados no próximo congresso da JS?

Arons de Carvalho — Eu não me posso antecipar às conclusões do Congresso, mas há qualquer coisa que é importante dizer-se: é que, nós vamos sobretudo discutir os problemas relacionados com as lutas concretas dos jovens trabalhadores, com os problemas específicos desses jovens: salário igual, desemprego da juventude, serviço militar, etc., e a nível dos jovens estudantes os problemas ligados à avaliação de conhecimentos, ao serviço cívico, à democratização da escola, ao conteúdo das matérias. Faremos, também, até como preâmbulo



àquela discussão, a análise mais geral da situação política portuguesa. Mas não se espere que a JS se afirme como a revolução socialista, ou como a esquerda do PS, ou como a ala mais avançada do PS. Isso não vai acontecer.

NÓS NÃO ALINHAMOS COM ESTA OU AQUELA DITA ALA OU PERSONALIDADE DO PARTIDO

«DL» — Em que medida a JS reflecte os debates que atravessam o partido?

Arons de Carvalho — Na JS reflectem-se naturalmente os debates que existem a nível do partido, e de modo muito vivo, por vezes, o que se compreende por serem pessoas mais novas que as do partido, e que portanto querem o socialismo mais depressa, impacientando-se às vezes com as plataformas que é preciso conseguir e com as etapas que é necessário prever e respeitar. Isto é verdade. Mas também não o é menos que a JS tem tido a preocupação de não alinhar com esta ou aquela dita ala do partido, ou com esta ou aquela personalidade do partido, e isso porque a JS é uma organização à escala nacional, e de massas, e porque tem como militantes seus, militantes que são automaticamente militantes do partido, com excepção daqueles que, por disposição legal, não podem ser do partido, mas apenas da JS.

O congresso da JS não irá pois influenciar o congresso do partido, que se realiza logo a seguir, e digo isto para as pessoas que pensam que o congresso da JS, por ter lugar antes do congresso do partido, irá influenciá-lo. Eu não acredito nisso e isto porque não nos vamos alinhar com esta ou aquela ala ou personalidade. Evidentemente que os jovens da JS têm as suas concepções dentro do partido, e têm a noção de que é preciso que o PS esteja muito virado para as lutas concretas, e que os seus militantes militem nas comissões de trabalhadores e co-

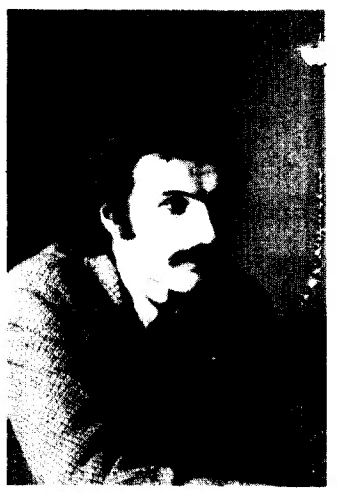
missões de moradores, e nos sindicatos, e têm também consciência que é necessário que o PS não seja apenas uma máquina eleitoral, mas que seja também uma máquina presente nas lutas concretas. Até agora o PS não é uma coisa nem outra. Não quero dizer com isto que o PS seja hoje apenas uma máquina eleitoralista, mas o que existe é o risco de poder vir a sê-lo. É isto que a JS quer evitar. Mas isto não quer dizer que nós nos aliemos a esta ou àquela pessoa ou personalidade. Isto significa que não influenciaremos o partido em termos de alas, mas quando muito apenas pelo exemplo que dermos, pela nossa militância nas lutas concretas.

Aliás, devo dizer que membros da JS fazem parte dos órgãos directivos do partido: há 20 pessoas da JS na Comissão Nacional do PS; há quatro destas pessoas no Conselho Directivo; e há uma delas que sou eu, no Secretariado do PS. E essas pessoas têm frequentemente opiniões diversas e nem sempre votam do mesmo lado. E não há qualquer preocupação da JS em preparar previamente essas reuniões dos órgãos directivos do PS no sentido dos vinte militantes da JS votarem no mesmo sentido. Não há essa preocupação, nunca houve, nem poderia haver, porque nós pensamos que os militantes da JS quando estão nos órgãos directivos do PS representam a JS mas nao na posições específicas da JS relativamente aos problemas do partido. Existem apenas militantes da JS que quando se trata de discutir problemas do partido se comportam como militantes do partido.

A NOSSA SITUAÇÃO FINANCEIRA É CATASTRÓFICA

«DL» — Concretamente, quais são os problemas políticos debatidos neste momento na JS?

Arons de Carvalho — A J[illegible] atravessa uma fase em que o debate político não é tanto de plataforma programática, em-



bora se hajam feito ultimamente reuniões de jovens trabalhadores com vista à organização de jovens a nível de sindicatos, a fim de assegurarmos uma melhor intervenção socialista nas questões do trabalho, e a nível da organização dos camponeses, onde a nossa comissão de agricultura em Campo Maior tem feito alguns textos e algumas reflexões muito importantes para o nosso trabalho. A nível estudantil, têm-se realizado reuniões de estudantes com responsabilidades a nível académico nas escolas, e existem muitíssimos já, pois nos últimos meses os estudantes socialistas têm tido grandes sucessos. Nessas reuniões aprofunda-se um debate sobre os problemas do ensino que serão discutidos no próximo congresso. Mas existe também e fundamentalmente uma discussão sobre a reconversão das estruturas da JS, dos núcleos de residência para a organização a nível dos sindicatos, comissões de trabalhadores e de escolas.

Neste debate, tem um papel importante o nosso jornal, o «Jovem Socialista», que sai quinzenalmente, e que desempenha uma função de grande relevância, visto que, por dificuldades financeiras, não podemos contactar como seria necessário os nossos núcleos espalhados através do País, e é através do «Jovem Socialista» que procuramos suprir aquela impossibilidade.

.S.

ina apenas eleitoral"

Entrevista de J. CÂNDIDO DE AZEVEDO

Alberto Arons de Carvalho: a recuperação de uma hierarquia rígida e antidemocrática nas Forças Armadas é um perigo real

há
re-
do
li-
se
do
mo

te,
iti-
nto

J'
e o
de
m-

en-
na-
ão
os,
ma
sta
e a
m-
is-
po
os
m-
pa-
se
an-
a
as,
ois
an-
ões
pre
lu-
ém
dis-
são
dos
a a
di-
ha-
pel
, o
sai
em-
nde
dif-
po-
eria
eos
s, e
lis-
prir

Por outro lado, nós temos a preocupação cada vez maior de fazer de cada aderente um militante; não pretendemos, com efeito, que as pessoas se limitem a assinar uma ficha e a participar de vez em quando uma reunião em que se debatem meia dúzia de coisas por vezes problemas políticos muito genéricos, sem terem qualquer implantação a nível militante, prático e concreto. Neste sentido, a realização do próximo congresso, e a participação das pessoas com vista a assegurar o seu êxito é também muito importante, e isto até por uma outra razão, que é a nossa situação financeira, que neste momento é catastrófica, devido à grande actividade da JS, e a outros problemas. Por sua vez, o Partido Socialista, e ao contrário do que muita gente pensa, não recebe dólares e tem problemas de muitos milhares de contos, e por isso pouco tem ajudado financeiramente a JS. O congresso vai igualmente permitir que a juventude socialista de todo o País discuta este problema e tome decisões para enfrentar esta situação.

Mas, dito isto, é evidente que é do ponto de vista político que o congresso vai ser muito importante, pois estamos perfeitamente conscientes de que se os jovens socialistas da Madeira, que têm tido uma combatividade extraordinária contra a direita reaccionária e a Flama não compreenderam que era preciso apoiar o general Eanes, e destrinçar o apoio do PS a Eanes do apoio oportunista dos partidos da direita ao general Eanes, e esse oportunismo já começa a aparecer muito claramente, como o mostra o artigo do semanário «Tempo» da semana passada, issso deve-se sobretudo à impossibilidade de contactos políticos regulares e à ausência de coordenação a nível nacional, resultado das dificuldades de carácter financeiro, que não nos têm permitido dar-lhes o apoio que a sua coragem, combatividade e militância merecem. Isto é igualmente verdade em relação à JS de Chaves, que foi o outro exemplo do não apoio de núcleos da JS a Eanes. Em Aveiro, o que se disse a esse respeito foi um puro equívoco, criado pelo PPD. Trata-se, na realidade, de uma notícia sem qualquer fundamento. O núcleo da JS de Aveiro é dos mais fortes neste momento.

A RECUPERACÃO DA HIERARQUIA ANTIDEMOCRÁTICA NAS FORÇAS ARMADAS

«DL» Que espécie de debate se trava na JS em relação ao serviço militar e aos jovens socialistas face às Forças Armadas?

Arons de Carvalho Nos últimos tempo, esse assunto não tem sido muito discutido. Faz agora um ano, na altura em que havia os SUVs, chegamos a ter uma organização militar actuante e tentamos obviamente contrabalançar, e contra-atacar em relação à ofensiva que estava a ser feita por forças esquerdistas. Mas é óbvio que hoje em dia, embora o problema dos jovens face às Forças Armadas e ao servico militar seja um problema importante, até porque os jovens socialistas que cumprem o serviço militar continuam a ser militantes e a ter um papel a desempenhar, esse problema já não se apresenta com a mesma actualidade. Mas também é óbvio que nós temos que ter posições sobre esses assuntos; porém, pensamos que a situação a nível militar se clarificou e no bom sentido, embora com alguns perigos, como a recuperação de uma hierarquia rígida e antidemocrática, além de outros, mas isso não é um perigo absolutamente eminente, e a nossa ordem de prioridades a esse nível substituiu-se um pouco. Quando hoje nós pensamos no serviço militar, fazê-mo-lo em relação a certos problemas, como o desemprego dos jovens, o que não significa que não tenhamos igualmente de discutir o que entendemos por serviço militar e qual a nossa posição perante o serviço militar. Vamos certamente debater estes problemas no próximo congresso da JS, embora esse não seja o ponto mais importante do debate.

OS JOVENS SOCIALISTAS ESTÃO PREOCUPADOS COM O RESSURGIMENTO DA IMPRENSA FASCISTA

«DL» Qual é a sensibilidade existente na JS relativamente ao ressurgimento da imprensa fascista e das actividades das organizações reaccionárias?

Arons de Carvalho Na JS as pessoas estão sensíveis a esses problemas, e basta dizer-se que tem havido moções de algumas secções, como por exemplo, da Assembleia de Delegados dos núcleos da JS do Porto, em que foi aprovada uma moção precisamente contra o ressurgimento da imprensa reaccionária, e citavam-se até casos de pessoas que deveriam ser chamadas à responsabilidade. Em Aveiro também houve uma moção idêntica. Esta preocupação tem-se manifestado um pouco por toda a parte. Os jovens socialistas confiam, porém, que o sentimento antifascista do Povo português é suficientemente forte para perceber por muito que essa imprensa reaccionária exista e seja agressiva, ao serviço de que interesses ela está e o que resultaria para este País se essa imprensa reaccionária voltasse a ser a imprensa oficial e governamental. Isto é, se o fascismo ou um regime de direita voltasse a impor-se no nosso país.

Em todo o caso, a questão da imprensa reaccionária, como a questão da direita estar a levantar a cabeça, como o facto de existirem ataques bombistas, não só preocupa a JS como mantém vigilantes os jovens socialistas. De resto, a JS neste momento privilegia sem qualquer discussão, incontestavelmente, o combate ao fascismo. Aqui há um ano ou um ano e pouco considerávamos que o perigo era o fascismo, mas que este poderia surgir essencialmente devido ao esquerdismo infantil que existia na sociedade portuguesa; uma vitória das forças esquerdistas poderia isolá-las a breve prazo da base de apoio ao regime, e provocar um grande descontentamento relativamente ao 25 de Abril, o que favorecia portanto a instalação de um regime reaccionário. A JS estava atenta, militantemente vigilante contra esse esquerdismo, pensando que ele levaria ao regresso do fascismo, e que mesmo que o esquerdismo saísse vitorioso ele seria um regime antidemocrático e contra o socialismo democrático e a democracia socialista por que nós nos batemos. Mas presentemente essa extrema-esquerda está debilitada e nem mesmo a votação no general Otelo teve um significado grande quanto à possibilidade de ela vir a tomar o poder, e não há dúvida nenhuma que o perigo existente hoje em Portugal é o perigo constituído pelas forças da direita.

Ao falar do perigo constituído pelas forças da direita prossegue Arons de Carvalho — não me refiro simplesmente ao fascismo, porque penso que muito mais provável do que um regime fascista, actualmente, é o perigo de um regime autoritário de direita com uma aparência democrática, mas que no essencial será um regime capitalista autoritário com uma certa aparência de democracia. Este, para nós, é hoje o perigo fundamental.

SPÍNOLA JÁ COMETEU MAIS CRIMES NESTES ÚLTIMOS MESES DO QUE NO PRÓPRIO 11 DE MARÇO

«DL» — Gostaria que nos falasse da posição da JS relativamente ao problema de toda uma série de pessoas altamente comprometidas com o regime fascista, ou responsáveis pelos ataques bombistas, pelo MDLP e ELP, que já regressaram a Portugal ou se preparam para o fazer, como é o caso de Sanches Osório, Spínola, Rapazote, Almeida Araújo, e outros.

Arons de Carvalho — O problema do regresso dessas pessoas é um problema complicado, não é assim tão simples. É claro que se pode tomar uma atitude emocional e dizer: são fascistas, logo devem ficar no estrangeiro. Mas é preciso ter em atenção que se eles ficam no estrangeiro continuam a conspirar contra Portugal e terão maiores possibilidades de manobra, por estarem até junto das forças reaccionárias internacionais e poderem obter delas certos apoios, enquanto se vierem para Portugal estarão mais facilmente sobre a alçada da lei e terão logicamente de se enquadrar nas leis vigentes e de respeitar as regras democráticas. Se conspirarem, sofrerão as consequências. Como se sabe, é mais fácil conspirar no estrangeiro do que conspirar em Portugal, ainda que se possa dizer que é mais perigoso conspirar em Portugal do que fazê-lo no estrangeiro.

Em todo o caso, e isto é uma posição que eu tomo a nível pessoal, já que na JS ainda não houve, digamos, um debate sobre isto, pois pessoalmente eu devo dizer-lhe que não me oponho a que Spínola volte, e acho que é preciso desdramatizar a questão. O facto de Spínola voltar a Portugal não significa que houve uma viragem à direita. Haverá, sim, essa viragem à direita se Spínola voltar sem sofrer as consequências daquilo que ele eventualmente tenha feito, se as autoridades competentes não procurarem apurar o que ele fez e responsabilizá-lo por isso. A não ser que isso seja enquadrado num contexto geral de uma amnistia que abranja não só o 11 de Março como o 25 de Novembro. Portanto, se Spínola voltar e sofrer as consequências da sua acção, eu não sei por que é que ele não há-de voltar. Aliás, o seu regresso depende mais dele próprio do que de qualquer outra pessoa, visto que ninguém pode impedi-lo de desembarcar no território nacional.

«DL» Há, no entanto, um problema que preocupa seriamente muitas pessoas, que é a possibilidade de Spínola e outros poderem vir apenas a ser responsabilizados pelo 11 de Março, passando-se assim uma esponja sobre o que ainda é mais grave, ou seja, a sua actuação no MDLP-ELP, os atentados bombistas, as destruições, os feridos e os mortos que provocaram, a insegurança que criaram em várias zonas do País.

Arons de Carvalho Eu creio que Spínola, mas isto é também uma análise puramente pessoal, terá cometido mais crimes depois do 11 de Março do que no próprio 11 de Março, pela sua acção no MDLP. E sobre o caso Walraf, até não estou longe de pensar que se passaram algumas coisas, a história não é com certeza completamente inventada. Eu penso, pois, que Spínola terá também de responder por isso.

OS ESPANTOSOS ESFORÇOS DE ALGUNS PARA TENTAR PROVAR QUE O 11 DE MARÇO NÃO EXISTIU

Quero também sublinhar declarou-nos, para terminar, Arons de Carvalho que eu não alinho na campanha que alguns, até responsáveis por órgãos de Informação, estão a fazer para tentar provar que no 11 de Março não se passou nada, fazendo esforços que eu considero espantosos e inacreditáveis. Ainda veremos qualquer dia essas pessoas afirmar que quem disparou os tiros não foram os aviões, mas as pessoas em terra, e que os furos no telhado do RALIS foram feitos da terra para o ar e não do ar para terra. No 11 de Março houve bem um golpe violento, militar, de manhã, seguido à noite de um contragolpe pacífico. Mas o golpe violento da manhã existiu. Foram os aviões que bombardearam o RALIS e mataram pessoas com intuitos perfeitamente reaccionários, e não o contrário.

Estrangeiro

Grande acção sindical no Chile por pressão da resistência

FRIDA MODAK

MÉXICO, (IPS) A violenta carta que os dirigentes das dez federações sindicais, autorizadas a funcionar por Pinochet, enviaram ao ministro do Trabalho da Junta Militar, tem um fundo que é conveniente considerar, pois obedece a um triunfo da resistência chilena, cuja estratégia é geralmente pouco compreendida no exterior. Os chilenos optaram pela resistência civil massiva, que num princípio implicou a reorganização das entidades políticas de acordo com as condições imperantes no país, e o estabelecimento de uma nova reorganização sindical, sobre bases novas, nos centros de trabalho e nas povoações. Ao mesmo tempo, o seu principal objectivo era o isolamento interno do regime militar e da grande burguesia, o que foi conseguido desde o momento em que o apoio a Pinochet diminuiu por parte dos sectores que o apoiaram quando se produziu o golpe militar. Esses 50 por cento que constituíram a oposição ao governo do presidente Allende, estimam-se agora reduzidos a uns 30 por cento, não muito entusiastas.

Alcançada esta primeira etapa, a resistência chilena deve agora dar forma à expressão desse sector maioritário da população, que inclui especialmente os trabalhadores e as camadas médias. A carta que os dirigentes sindicais alinhados com Pinochet enviaram ao seu ministro do Trabalho há alguns dias é o reflexo da acção dessa pré-organização sindical criada pela resistência. Vejamos o que diz a carta. O mais importante é que nela se reconhece abertamente e se diz textualmente que «a liberdade sindical não existe». Devemos recordar que, ao manter precisamente os dez subscritores da carta como «dirigentes sindicais», a ditadura chilena tinha pretendido demonstrar assim a liberdade sindical. Que sejam eles próprios a negá-lo, é o primeiro facto que deve ser tomado em conta. E não existe, afirmam, porque desde que se deu o golpe se proibiu a realização de eleições no campo sindical e foram suprimidos numerosos sindicatos já existentes, sem que, por outro lado, se possam formar novos.

A reclamação acentua sobretudo que com esta situação, além da total perda dos direitos sindicais que lhes impede negociar reivindicações económicas, a sua situação deteriorou-se a tal ponto que se lhes torna intolerável, e por isso afirmam: «Somos nós, os trabalhadores, quem sofre as consequências da implantação de uma política económica que nunca compartilhámos e cujos prognósticos públicos fracassaram rotundamente».

Ninguém poderá duvidar que, para que estes dirigentes, que têm uma situação pessoal privilegiada em relação ao resto da massa trabalhadora, emitam uma declaração desta índole, é porque a pressão das massas chegou a um ponto tal que os obrigou a fazê-lo. É certo que eles não são representativos dos trabalhadores chilenos e que se houvesse eleições sindicais não seriam eles os eleitos, como estão convencidos de que seriam; mas se são eles que estão em condições de fazer as exposições públicas, os operários, por sua vez, também estão em condições de os pressionar a fim de que, queiram ou não, sejam obrigados a emitir os seus pontos de vista. E foi isso, precisamente, o que aconteceu.

Além disso, deve-se considerar que desde que Pinochet assumiu o poder, os trabalhadores perderam 20 por cento da sua participação no ingresso nacional; como o ingresso nacional do Chile é de 7 mil e 500 milhões de dólares por ano, isso significa que perderam 1500 milhões de dólares em cada ano, 3 e meio milhões de dólares por dia, em benefício dos monopólios e das transnacionais com eles relacionadas, que são os preferidos da Junta. Nestas circunstâncias, não pode causar estranheza que a base sindical, incorporada à resistência civil massiva, tenha feito pressão sobre a cúpula nomeada por Pinochet até produzir esta bomba. As condições de vida dos sectores populares e das camadas médias foram deterioradas em graus extremos, enquanto que os grupos monopolistas guardam para si a quantia a que fizemos referência e que, nos quase três anos em que Pinochet se encontra no poder, monta a 4 mil e 500 milhões de dólares.

Assim, para os que pensam que a resistência a uma ditadura só se pode realizar por via armada, este é um exemplo eloquente, e não é o único, pois através de todo este tempo a Junta viu-se impedida de impor uma série de legislações e decretos contrários aos interesses dos trabalhadores. Ainda que em princípio os dirigentes das dez federações autorizadas tenham querido aceitá-los, foram posteriormente obrigados a mudar a sua posição inicial. Pinochet, por seu lado, está consciente de que esta pré-organização existe, mas não a pode desarticular, apesar dos novos métodos repressivos que pôs em prática através da DINA, que agora opera transportando os presos para centros clandestinos, numa tentativa de demonstrar assim à opinião pública internacional que a repressão está a diminuir, o que não é exacto. O que sucede é que agora os presos já não são enviados para os cárceres ou campos de concentração conhecidos, mas sim para centros clandestinos da DINA. Mas este novo estilo, a julgar pela explosão sindical, também não lhes deu resultado, apesar de o seu objectivo básico ter sido desarticular toda a acção da resistência, a qual, por agora, não inclui as acções armadas.

A «Union Vampesina Revolucionária» ficou totalmente desmantelada com a violenta acção repressiva da Junta de Pinochet. A sua acção tinha sido notável durante o Governo de Unidade Popular

Peru e Chile: confiança mútua

SANTIAGO DO CHILE (IPS) «As relações entre o Chile e o Peru estão a atravessar um momento alto com um diálogo de confiança mútua onde foram abertos todos os canais de comunicação. Nos últimos anos éramos como dois vizinhos que estavam de costas. Hoje, estamos frente a frente, a darmos limpamente as mãos, como sempre deveria ter sido». Estas declarações foram prestadas à Imprensa da capital chilena pelo embaixador do Peru, José Carlos Mariategui, na passagem do 155.º aniversário da independência do seus país.

Analisando as relações bilaterais, o diplomata destacou os trabalhos desenvolvidos pelos dois países para a constituição de uma comissão mista que abranja todos os aspectos que levem a uma maior integração «para dar o impulso definitivo a este grande momento das nossas relações». Qualificou as dificuldades do passado como alheias aos desejos de ambos os países: «As razões são conhecidas e essas dificuldades foram impostas por terceiras potências, com o objectivo condenável de produzir uma divisão de incalculáveis consequências».

Definindo a actual aplicação da política exterior do seu país, manifestou Maruategui que ela está baseada na prioridade às nações da América e, em particular, aos países vizinhos, com uma política nacionalista e independente, sem perder de vista a harmonia com os países do chamado Terceiro Mundo e com os não alinhados. Disse: «Terminada a primeira etapa do que denominamos «a acção dinâmica diplomática» para eliminar a agressão económica, e consequida a sua consolidação, serão aplicadas as directrizes da nossa política exterior para adequar as prioridades mencionadas à América Latina».

Finalmente, abordando o panorama interno, explicou que o seu país «vive uma etapa de desenvolvimento e progresso, ainda dentro da crise que é provocada pela acomodação da conjuntura económica, com medidas que poderiam ser classificadas de impopulares, mas necessárias, como o aumento dos preços dos artigos essenciais, desvalorização da moeda e eliminação de subsídios». No seu ponto de vista, essas medidas corrigirão as actuais diferenças em menos de dois anos, já que, segundo os cálculos do governo peruano, as grandes inversões feitas no país incidiram sobre o sector das obras reprodutivas, o que significa importantes retornos à dívida contraída.

Perspectivas perigosas da O.C.D.E.

Nada mudou e nada mudará em profundidade a curto ou médio prazo no mundo capitalista. E isto apesar da recuperação da actividade económica nos grandes países industriais se ter manifestado pela procura em força do automóvel. No entanto, e porque se tem dito que a última recessão, a mais grave desde a Grande Depressão dos Anos 30, ficou sem dúvida a assinalar o fim de um período e o começo de nova era, há que definir em termos mais concretos o conteúdo da transformação. Foi a essa tarefa que se consagraram Emil Van Lennep, secretário-geral da O.C.D.E. e os seus técnicos, num documento que publicam em anexo às suas «Perspectivas Económicas» para o segundo semestre de 1976, sob o título de «Perspectivas de Crescimento no Horizonte 1980».

Os economistas do castelo de La Muette evitam cautelosamente a apresentação de «previsões» ou de objectivos. Eis uma hábil maneira de tornear a objecção que muitas vezes se opõe aos planos indicativos «à francesa»: as projecções que os acompanham exprimem o quê? o que se deseja ou o que é provável? Além disso, especifica-se que as previsões apresentadas são da exclusiva responsabilidade do secretariado da O.C.D.E.

Estas precauções não bastam para retirar o carácter altamente político de que este trabalho se reveste. Foi ele que serviu de base à reunião dos ministros dos 24 países membros da Organização (19 países da Europa Ocidental, E.U.A., Canadá, Japão, Austrália, Nova Zelândia), que se realizou a 21 e 22 de Junho passado em Paris. Por ocasião dessa conferência havia sido adoptada uma declaração cujo objectivo principal era o de advertir os Governos contra a tentação de acelerar o ritmo do crescimento. Tal política acarretaria o risco — segundo diziam — de provocar nova vaga inflacionista, cujos efeitos benéficos sobre o emprego seriam de curta duração, porque o «superaquecimento» da economia seria a breve trecho seguido de nova recessão.

O facto de esta primeira conclusão dos técnicos ter sido a que mais publicidade granjeou não significa necessariamente que seja a mais importante nem talvez a mais convincente de todas as que resultam da análise. Também não está isenta de uma certa contradição. Os economistas da O.C.D.E. são os primeiros a reconhecê-lo. «Convém notar — escrevem eles — que pode haver um certo antagonismo entre a necessidade de realizar uma recuperação moderada da actividade e os objectivos de estabilização dos preços. Quanto mais lenta for a expansão mais lenta será a progressão da produtividade e mais vigorosas serão, por conseguinte, as pressões tendentes a restabelecer a rentabilidade através do aumento dos preços».

O mérito das «perspectivas» está em que elas retiram as consequências económicas da mudança essencial que se vem produzindo há uns anos e que está relacionada, não como apressadamente se tem dito, com os hábitos de consumo, mas sim com as estruturas de produção. O encarecimento da energia, o forte aumento dos salários, a luta contra a poluição, tudo isso torna necessária «uma importante modificação interna da repartição dos rendimentos». Os países industrializados deverão exportar mais, porque os termos da troca se alteraram em seu detrimento (devido à alta do petróleo) Terão de consagrar muitos mais recursos ao investimento. Daí a necessidade de operar uma transferência «dos rendimentos do trabalho para os rendimentos do capital». Paradoxalmente isto significa que o «modelo» económico do Ocidente deverá aproximar-se do dos países comunistas, onde o consumo é tratado como parente pobre.

© «LE MONDE»)

EXCURSÕES abreu em autopullman
TRADIÇÃO NA QUALIDADE

ANDALUZIA – 10 dias
Partidas 19 6,10 7 7 21 8 4 9 Esc 6 800$
ESPANHA
ANDORRA E LOURDES – 11 dias
Partidas 16 6 21 4 18 Esc 7900$
VERÃO AMENO – 21 dias
Partidas 5 8 9 0 Esc 22 [illegible]00$
ESPANHA E FRANÇA – 15 dias
Partidas 11 7 18 8 [illegible] Esc 11 400$
ORGANIZAÇÃO EXCLUSIVA
abreu
Fundada em 1840
LISBOA Av da Liberdade 190 • Telef 320021
PORTO Av dos Aliados 207 • Telef 37921
COIMBRA Rua da Sota, 2 • Telefs 27011-2
FARO Rua Cons Bivar, 65 • Telef 25035-6
CONSULTE SEU AGENTE DE VIAGENS

BOSQUES EM PERIGO

Protecção nos E.U.A., destruição no Canadá

A luta pela protecção dos ricos bosques dos E. U. A. pode levar ao desaparecimento de bosques canadianos e, além disso, ao encarecimento da madeira para construção.

Esta situação gerou-se com os esforços que diversos grupos norte-americanos para a protecção do meioambiente realizam no sentido de se reduzirem nuns 50 por ccento o corte de árvores aproveitáveis e de se ampliarem as reservas florestais classificadas de «intocáveis».

Actualmente só 25 por cento do consumo de madeira de construção nos E. U. A. provém da exploração dos seus próprios recursos florestais, sendo o restante importado fundamentalmente do Canadá.

Diversas análises apontam o facto de, no caso dos referidos grupos proteccionistas conseguirem reduzir o corte de árvores, se assistir a um aumento igual do corte de árvores do Canadá com a consequente elevação dos preços nesse país.

Os proteccionistas do ambiente dos E. U. A. fundamentam a sua acção numa lei de 1897, segundo a qual os bosques podem ser protegidos no caso de «haver perigo de extinção».

Graças a essa lei, os grupos proteccionistas conseguiram ir entravar a exploração florestal em sete bosques nacionais de quatro Estados norte-americanos, pondo em apertos a indústria de exploração florestal.

O problema será levado dentro de poucas semanas ao Congresso segundo assevera o «Financial Post» do Canadá, que mostra a sua preocupação, embora afirme que, devido as eleições presidenciais, é improvável tomar-se uma decisão sobre o problema.

Os grupos proteccionistas afirmam que dentro de poucos anos não haverá bosques nos E. U. A., se se continuarem a explorar os recursos florestais do país ao ritmo actual.

Esta preocupação é compartilhada por muitos canadianos, os quais, por seu lado, estão cada vez mais conscientes de que a exploração desenfreada dos bosques provocará a criação dos chamados «desertos gelados».

Mas neste caso específico a preocupação dos grupos norte-americanos terá como consequência directa a rápida uma superexploração intensiva dos melhores bosques do Canadá, os mesmos que são neste momento objecto da veracidade habitual dos grandes madeireiros dos E. U. A.

Por outro lado, o aumento da procura da madeira para construção provocará um aumento no preço desse e outros produtos, contrariando assim a política governamental vigente.

Este é um caso típico — firmam economistas — das dificuldades de uma dependência demasiado desenvolvida e de grupos de protecção do meio ambiente dos E.U.A. resultarão na mais completa destruição do meio ambiente canadiano.

«Prensa Latina».

Estrangeiro

ÁFRICA DO SUL

Milhares de negros agitam-se em Soweto

JOANESBURGO, 4 (/) — A Polícia matou hoje três negros em Soweto e todos os brancos foram proibidos de entrar nessa localidade africana, segundo revelou a Polícia.

Um informador da Polícia disse: «Os manifestantes desfilam em toda a área, com cartazes e tudo o mais. Agentes da Polícia encontram-se lá agora e, neste momento, não posso dizer mais nada».

Estudantes convocaram para hoje um desfile maciço para protestar contra a detenção dos seus dirigentes, a seguir ás desordens em Soweto, em meados de Junho, em que morreram 176 pessoas.

Estudantes concentraram-se num grande terminal de autocarros em Diepkloof, na extremidade Oriental de Soweto, pedindo aos habitantes para não irem trabalhar.

Muitos negros atenderam ao apelo, pois as empresas de Joanesburgo anunciaram muitas faltas ao trabalho.

Testemunhas oculares disseram que milhares de negros, na maioria crianças e jovens, participaram nas manifestações.

Autocarros foram apedrejados, interrompido o trânsito rodoviário e incendiado um posto de sinalização dos caminhos-de-ferro, o que rransformou num caos as carreiras de comboios.

As autoridades disseram, mais tarde, que a situação se achava sob controlo.

As desordens de Junho começaram em Soweto a seguir a desfiles de estudantes protestando contra a política governamental para que as escolas devam ensinar certas disciplinas em língua afrikander.

Desde então, o governo mudou de planos.

Uma Comissão, nomeada ontem pelo governo, iniciou um nquérito acerca das desordens, mas quase imediatamente adiou os seus trabalhos até 7 de Setembro, de foma a permitir que sejam coligidas mais provas.

Nas manifestações de hoje, elementos da Polícia, em carros blindados, arremessaram granadas de gas lacrimogeneo para o meio de um grupo de cerca de 100 estudantes que bloqueava uma estrada. Contudo, os estudantes limitaram-se a pôr simplesmente lenços a tapar a cara e mantiveram-se firmes.

Os carros da Polícia abriram caminho à força através do grupo.

Na estação de autocarros de Diepkloof, alguns trabalhadores ameaçaram atacar os estudantes. Negros que foram hoje avisados de que teriam sarilhos, quando regressarem a Soweto, à noite.

CONFERÊNCIA SOBRE «APARTHEID»

NAÇÕES UNIDAS (Nova Iorque), 4 (ANOP) — O Comité Especial das Nações Unidas para o Apartheid, do qual fazem parte 18 países, aprovou ontem uma proposta argelina, no sentido de se realizar em 1977 uma conferência internacional sobre o problema do Apartheid.

O delegado argelino, Mokhtar Taleb Bendiab, declarou perante o Comité que a realização da conferência tinha sido sugerida pelo Sub-Comité para o Racismo e a Descolonização, organismo não governamental que efectuou em Julho último, em Genebra, um simpósio sobre o tema.

Entretanto, o secretário geral adjunto da Organização de Unidade Africana, Noureddin Djoudi, disse no Comité que as recentes mortes na cidade negra de Soweto tinham contribuido para se entrar numa nova fase da luta de libertação contra a África do Sul.

Noureddin Djoudi acrescentou que a OUA tinha decidido «conceder apoio ilimitado ao povo da África Austral».

UGANDA — QUÉNIA

NAIROBI, 4 (ANOP) — Círculos governamentais declararam que o Uganda tem de aceitar um plano de paz de sete pontos proposto pelo Quénia e no qual se exige a retirada das tropas ugandesas da fronteira como meio de normalizar as relações entre os dois países.

Entretanto, é hoje aguardada em Nairobi uma delegação ugandesa de alto nível que travará conversações com o governo queniano.

Segundo fontes políticas, o presidente Idi Amin deu a esta delegação «poderes totais» para tentar normalizar as relações o mais depressa

APESAR DAS RESTRIÇÕES:

Mercenários em África e no Líbano

LONDRES, 4 (ANOP-DL) — Ingleses e indivíduos de outras nacionalidades continuam a inscrever-se como mercenários para combater em África e no Líbano, segundo declarações dos próprios recrutadores. As afirmações foram feitas pouco depois da recomendação do governo de Londres para a redução dos recrutamentos de mercenários na Grã-Bretanha. Leslie Aspin e John Best, comerciantes de armamento, disseram ao «Daily Express» que já têm um esquadrão de 20 homens, na maioria britânicos, a combater no Líbano ao lado dos cristãos direitistas e a receber 600 dólares por semana. Embora já combateram nesse esquadrão. Disse Best: «Matámos cerca de 600 esquerdistas. Dois dos nossos morreram, mas desde a nossa chegada, a guerra mudou-se nitidamente, a favor dos cristãos». Entretanto, John Banks, o principal recrutador de mercenários em Inglaterra disse à BBC que recebe diariamente 20 a 30 candidaturas de ingleses e de indivíduos de outras nacionalidades. Banks, o recrutador dos mercenários que foram derrotados pelo MPLA, em Angola, disse que encaminha os seus mercenários para a Africa, mas não especificou para que país. Notícias anteriores sugerem que o seu destino é a Rodésia. Falando sobre o comunicado do governo ontem emitido, sobre o recrutamento de mercenários, Banks disse que «vai ser bom para o negócio. Nada nos impede de agir a partir do estrangeiro e a Holanda seria um bom centro uma vez que ali não existem restrições. O que aconteceu em Angola deu-nos ainda maior determinação. Agora há pessoas que se oferecem só para lutar contra os comunistas». David Tomkins, outro recrutador, glosou: «É como tentar impedir a prostituição. IMPOSSÍVEL: Como será erradicada a segunda mais antiga profissão do mundo?»

O documento oficial agora divulgado recomenda nova legislação destinada a proibir o recrutamento de mercenários, mas destaca que prestar serviços nessa actividade não constitui ofensa, segundo a lei internacional, e que nenhuma intervenção administrativa pode impedir a inscrição de qualquer voluntário britâncio, desde que seja feita no exterior. A Imprensa inglesa manifestou-se de formas diferentes. O direitista «Daily Telegraph» diz» «Se é uma excesiva restrição à liberdade proibir os ingleses de se tornarem mercenários, porque seria então errado recrutá-los?» O «Times», comenta, que o relatório deveria ser rejeitado «pelas suas inconsistências». O «Sun Newspaper», independente, elogiou o relatório e afirmou que os recrutadores são «pequenos empresários asquerosos que só procuram obter dinheiro ensaguentado e não defendem nada». O comunista «Morning Star» defende uma completa proibição do tráfico de mercenários em Inglaterra e condena o relatório como «um virtual convite aos implicados a incrementarem as suas actividades».

Caleidoscópio

■ MOSCOVO, 4 — (R.) — O presidente romeno, Nicolai Ceausescu, encontrou-se com o dirigente do Partido Comunista da União Soviética, Leonid Brejnev, na Criméia. Segundo a agência Tass, ambos discutiram problemas do movimento comunista internacional e trocaram opiniões sobre a maneira de praticar as ideias do documento final elaborado na conferência comunista europeia.

■ NAÇÕES UNIDAS (Nova Iorque), 4 — (ANOP) — Um grupo de países litorais declarou ontem na Conferência de Direito Marítimo das Nações Unidas que nunca concordarão em repartir com países mediterrânicos valiosas reservas de petróleo existentes nas plataformas continentais. A declaração proferida pelo embaixador mexicano Jorge Castaneda, em nome de 62 países litorais deita por terra as esperanças de que a actual sessão da Conferência traga mais progressos do que as quatro antecedentes na produção de uma Convenção Internacional de Direito Marítimo.

■ PASADENA, 4 — (R.) — A sonda da nave espacial norte-americana Viking-1 começa hoje a sua última experiência para descobrir se existe vida em Marte, embora cientistas de Pasadena acreditem agora que o planeta poderá estar morto.

■ JACARTA, 4 — (R.) — Milhares de sobreviventes nas áreas da província do Irão Ocidental, desvastadas por sismos, estão a morrer de fome porque abastecimentos de víveres estão a apodrecer em armazéns devido à falta de helicópteros, segundo afirmou o governador general Sutran.

■ CARACHI, 4 — (ANOP) — As inundações provocadas por três dias de chuva torrencial afectaram mais de 400.000 pessoas e causaram prejuízos extensos de montante ainda por avaliar nas colheitas, habitações e estragos em quatro províncias da Zona Norte do Paquistão — anunciam as autoridades.

■ WASHINGTON, 4 — (R.) — O secretário norte-americano de Estado Henry Kissinger, parte hoje para o Irão, onde vai travar conversações que poderão dar ao xa reactores nucleares capazes de produzir tanto energia eléctrica como de fabricar bombas atómicas.

■ MADRID, 4 — (R.) — Um decreto real, concedendo uma aministia parcial a presos políticos espanhóis, tornou-se hoje lei quando foi publicada na Gazeta Oficial do Estado.

■ LONDRES, 4 — (R.) — Lord Thomson of Fleet, o milionário magnata da Imprensa, canadiano de nascimento, faleceu hoje num hospital londrino, segundo anunciaram os jornais da empresa «Times». Tinha 82 anos.

Doença desconhecida mata em Filadélfia

FILADÉLFIA, 4 — (R e «DL») — Enquanto equipas de cientistas trabalham incessantemente para identificar o estranho germe letal de uma doença desconhecida que grassa no Estado norte-americano da Pensilvânia, 20 pessoas já morreram no espaço de uma semana e mais 100 acham-se hospitalizadas. Febre alta, arrepios de frio, dores de cabeça, tosse, dores no estômago, peito e olhos são alguns dos sintomas do mal. Um dos médicos que investigam a doença, disse claramente: «não sabemos do que se trata».

Durante a semana passada, registaram-se vários óbitos, atribuídos a causas desconhecidas. A coincidência só foi notada na última sexta-feira, uma semana depois dos 10.000 participantes de uma convenção de antigos combatentes da Legião Americana terem deixado a cidade. Todas as vítimas haviam assistido à convenção, começando a adoecer e morrer depois do regresso a casa. Estão excluídas as hipóteses de intoxicação alimentar e água contaminada e, conforme, declarações de um médico, em conferência de Imprensa, as autópsias realizadas revelaram «um tipo severo de pneumonia virosa». À possibilidade de ser uma epidemia de gripe porcina, opõem-se as altas temperaturas deste Verão em Filadélfia. A gripe porcina é um mal característico do Inverno. Apesar disso, os funcionários dos serviços de saúde de Washington pediram ao congresso para aprovar um programa de imunização contra a gripe porcina, anunciado por Ford no início do ano para abranger os 213 milhões de norte-americanos até o próximo Inverno.

Apesar dos esforços que têm sido desenvolvidos, os médicos não esperam identificar a misteriosa doença nos próximos dias e as autoridades sanitárias estão especialmente preocupadas com uma outra convenção, muito maior do que a anterior, que está em curso esta semana em Filadélfia o 41.º Congresso Eucarístico Internacional, com a afluência estimada de um milhão de pessoas. Os organizadores do congresso estão em contacto permanente com as autoridades, e os postos de primeiros socorros espalhados pela cidade foram avisados para darem o alarme quanto a sintomas da misteriosa doença-assassina. Entretanto, até ontem à noite, nenhum participante do Congresso Eucarístico Internacional havia sido atacado. Um telefone de emergência foi montado na cidade de Filadélfia, para ser usado exclusivamente por quem julgue apresentar os sintomas indicados. Dos 150 individuos que telefonaram ontem, seis foram hospitalizados e 34 receberam assistência médica.

SEGUNDO SADAT

Israel e Síria conluiados para liquidar os palestinianos

CAIRO, 4 (ANOP) — Israel deu a Damasco «luz verde» para intervir militarmente no Líbano, afim de liquidar os palestinianos e desistiu da ideia de uma «linha vermelha» para além das quais as tropas sírias não deveriam avançar — declarou o presidente egípcio Anuwar Sadat, num discurso proferido ontem à noite perante estudantes em Alexandria.

Israel acrescentou Sadat — abandonou a ideia da «linha vermelha» em contactos secretos que manteve com a Síria recentemente em Genebra, na Suíça.

«Tornou-se claro que os sírios estão a liquidar os palestinianos duma maneira mais cruel do que a usada pelos israelitas» — salientou Sadat, acrescentando em seguida que a aliança entre a Síria e a Jordânia se destinava a «liquidar os palestinianos completamente» e a criar uma «Síria maior» que incluiria os dois países e o Líbano.

Os regimes da Síria e da Jordânia bem como o da Líbia notou contam com a supressão dos seus opositores para a sobrevivência e «não durariam meia hora» se «os milhares de prisioneiros políticos fossem libertados e os campos de detenção encerrados».

Os observadores comentam que estes ataques de Sadat culminam uma campanha anti-Síria iniciada depois da conclusão do acordo entre a Síria e a Organização de Libertação da Palestina (OLP), que tem sido denunciado pela Imprensa egípcia como um «documento para a rendição palestiniana».

Entretanto, segundo anuncia a agência Meha, Farouk Kaddoumi, chefe do departamento político da Organização de Libertação da Palestina, chegou ontem a Damasco para discutir com funcionários governamentais sírios pormenores da aplicação do acordo sírio-palestiniano por ele negociado a semana passada.

Por seu lado, a agência noticiosa palestiniana Wafa informou que ontem á tarde chegou ao hospital da Universidade Árabe de Beirute o primeiro comboio da Cruz Vermelha com 91 feridos graves e muitas ciranças desnutridas e desidratadas evacuadas do acampamento palestiniano de Tal Al-Zaatar.

Enquanto isto, ontem em Paris, o ministro francês dos Negócios Estrangeiros, Jean Sauvagnargues, conferenciou com dois representantes da Organização de Libertação da Palestina, Said Kamal e Ezzedine Kalak, acerca da oferta feita pela França de contribuir para a solucção da luta no Líbano.

Hélder Câmara adverte contra o novo nazismo

FILADÉLFIA, 4 — (ANOP) — «Um novo nazismo, baseado na segurança nacional para combater o comunismo, está a ser usado em muitos países para promover a supressão dos movimentos reivindicativos»: palavras do prelado brasileiro D. Helder Câmara, arcebispo de Olinda e Recife, durante uma intervenção no 41.º Congresso Eucarístico Internacional, a decorrer em Filadélfia. Lembrando que «sem amor se cria uma monstruosidade», o «apóstolo dos pobres», como é conhecido, disse às 10 mil pessoas que o escutavam que «a liberdade é algo que não deve ser transformado em fúria e escravidão. A liberdade e o amor não entram em conflito».

A madre Teresa, de Calcutá, disse por sua vez que Jesus Cristo reside nos rostos dos pobres, dos esquecidos, dos doentes e dos solitários e que «virar-lhes as costas é virar as costas a Jesus Cristo».

Em FARO o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na PAPELARIA FARRACHA

Espectáculos

CORRIDA DA IMPRENSA

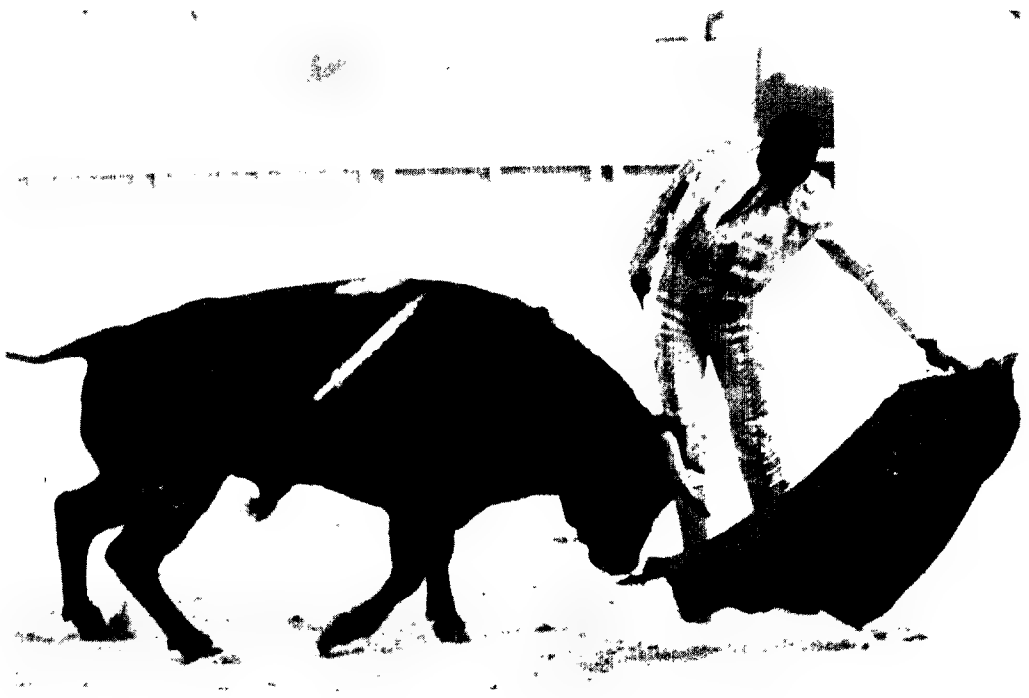
Manzanares e Chibanga serão as maiores atracções

Conforme temos noticiado, realiza-se na próxima quinta-feira a tradicional corrida de toiros organizada pela Casa da Imprensa, da qual são nomes de cartaz José Mari Manzanares e Ricardo Chibanga.

Como era de esperar teve grande repercursão nos meios aficionados a notícia da estreia em Lisboa de José Mari Manzanares, máxima figura do toureio na actualidade e genial matador de toiros que vem firmando de corrida para corrida uma posição de toureiro de época.

Os portugueses que estiveram na Feira de São João em Badajoz tiveram oportunidade de assistir a duas faenas magistrais deste toureiro fora-de-série que a corrida anual da Imprensa apresenta na noite de quinta-feira no Campo Pequeno um mano-a-mano que se prevê emocionante com o primeiro dos nossos matadores — o tão popular e valentíssimo Ricardo Chibanga, bandarilheiro espectacular e muletero que a Espanha premeia frequentemente quando das suas actuações no país vizinho onde o seu arrojo é proverbial, valendo-lhe invejável admiração dos aficionados.

A corrida da Imprensa — a favor dos cofres de previdência da Casa da Imprensa — completa-se com o encontro entre os cavaleiros Frederico Cunha e Emídio Pinto que chegam à mais prestigiosa corrida do ano depois de terem assinado as melhores exibições que foram vistas a cavaleiros no decurso desta temporada: Frederico Cunha, em Vila Franca, onde conquistou o prémio da Crítica; Emídio Pinto na Feira de Santarém, de que foi grande triunfador.



Ricardo Chibanga, nome de cartaz para quinta-feira à noite

Como é tradicional nesta corrida, pegam os forcados amadores de Santarém capitaneados por José Manuel Souto Barreiros. Pormenor extremamente simpático e que define o espírito verdadeiramente amador e benemerente deste grupo excepcional: é a décima segunda vez consecutiva que o grupo de tão gloriosas tradições presta o seu desinteressado concurso à mais prestigiosa corrida de benemerência da temporada.

Os toiros da corrida da Imprensa são da ganadaria Porto Alto, fundada por Manuel dos Santos.

UMA FRANCESA FILMOU

A América que faz medo

COLETTE GODARD

Dir-se-ia um terreno bombardeado, e, de resto, chamam-lhe Coreia. Está em perpétuo estado de guerra: roubos, violações, assassinatos, incêndios, lutas... Quem diz isto é uma francesa, Martine Barrat, e fala-nos dos South Bronx, o bairro mais miserável e perigoso de Nova Iorque. Martine Barrat trabalha em Nova Iorque há já dois anos. Antes disso fez um inquérito sobre as crianças, de Harlem, e obteve quatro horas de filme para a televisão alemã. É de Paris, vem do espectáculo. Trabalhou com gente como Copi, Jodorowski, com o Magic Circus.

Interessou-se sempre pelos marginais — os que não escolheram ser marginais — e diz que, tendo rompido com a família aos dezassete anos, se sentiu sempre, também, marginal. Fez curtasmetragens sobre trabalhadores africanos, sobre adolescentes da periferia, sobre os «ghettos» ciganos. A sua fascinação pela cultura negra vem-lhe da época em que foi assistente do escritor e compositor Melvin Van Peeble.

URGÊNCIA MÉDICA EM HARLEM

. . Mas Martine Barrat descobriu o mundo negro graças à amizade e ao acaso: o filho, doente, teve de ser transportado de urgência para um hospital de Harlem. Encontrou aí uma professora primária, que lhe mostraria o seu local de trabalho. Olhou, quis saber, compreender. **Pensava no meu filho**, diz ela, **na minha própria infância, na Argélia, filha de burgueses que se queixavam porque as crianças árabes andavam nas mesmas escolas que nós, se permitiam ir para as mesmas praias...**

Com um grupo de seis rapazes e seis raparigas entre os doze e os quinze anos, Barrat iniciou um inquérito: **De início riam-se de mim, das minhas roupas, da minha pronúncia. Por fim, encontrámo-nos num ponto: nem eles nem eu podíamos ser catalogados.** Soube ganhar a sua confiança, confiou-lhes uma máquina de filmar, ensinou-os a servir-se dela, seguiu-os **como uma iluminada**, com um magnetofone na mão: **Eram reticentes mas estavam interessados. Apresentaram-me às famílias. Pude provar-lhes que não era uma rica diletante em busca de exotismo, e, a pouco e pouco, aceitaram-me. Foram necessário três anos e hoje somos amigos.**

As crianças levaram Martine Barrat até terrenos onde brincam, às ruas largas e sombrias, cada vez mais desertas, onde as casas apodrecem de miséria, onde as lojas vão desaparecendo dia a dia, destruídas ou abandonadas. Levaram-na a casa deles, um grande edifício de tijolo, de vinte andares (125.ª Rua, Amsterdam Avenue): **Um exemplo espectacular do que a cidade faz pelos pobres e de que se orgulha. As rendas são baixas, os apartamentos têm uma casa de banho e uma grande cozinha. Há uma sala atafulhada de móveis muito hollywoodianos, cobertos de plásticos transparentes e de candeeirinhos com «abat-jour». Os quartos são minúsculos, só há espaço para duas camas estreitas e para o electrofone. É o seu luxo, não têm férias mas compram roupas e discos. Vestirem-se é muito importante. Ao domingo, na igreja, não se diferenciam os ricos dos pobres. As rapariguinhas de meia branca e vestido vermelho. Os rapazinhos, tal como os homens, de fatos impecáveis. As mulheres usam chapéus espantosos.** Chapéus escarlates ou verde ácido com uma grande pena, sobre perucas onduladas, eis a moda este ano.

São imagens de bilhete postal, diz Barrat. **À volta reina a violência. Os garotos lutam entre si com facas. É a violência da pobreza. O trabalho falta. A maior parte dos adultos está inscrita no «welfare» (desemprego). Então sentem-se frustrados, sentem ódio, e, ao mesmo tempo, têm medo de procurar outra coisa. Os homens são os senhores, vão e vêm como lhes apetece. As mulheres suportam o peso da vida.**

Quando as crianças descem à rua, dizem-lhes: «Não te demores, volta logo para casa, não fales com ninguém...» Há sempre esse medo. As escolas estão mal equipadas, as casas são demasiado pequenas, e, na rua, as crianças imitam aquilo que vêem, as prostitutas e os drogados.

Entrevistei dois garotos de dez anos, e perguntei: o que queres fazer quando fores grande? Para eles todo o problema era saber se seria uma profissão legal (desportista ou actor) ou ilegal (souteneur ou traficante de droga). As assistentes sociais não sabem que fazer. De resto, eles não precisam de ser assistidos. Têm uma energia, uma disponibilidade para captar a vida, que nos ultrapassam.

O filósofo Guattari (autor, com Gilles Deleuze, de o «Anti-Édipo») viu os filmes sobre Harlem e pediu a Martine Barrat que participasse num estudo sobre os meios marginais. Conseguiu-lhe uma bolsa e, graças à amizade de um músico de «jazz», Charles «Bobo» Show Jr., entrou em contacto com dois «gangs» de adolescentes — rapazes e raparigas —, os Roman King e os Roman Queen, que vivem nos South Bronx: **Um inferno ao pé do qual Harlem é uma cidade tranquila e risonha. Uma ratoeira sem esperança. Tudo cai. Os passeios estão cobertos de restos, de cacos de vidro, de carcaças de automóveis. As janelas não têm vidros.**

Nesses edifícios de 20 andares, os elevadores estão quase sempre avariados, e as escadas são estreitas, às vezes faltam-lhes degraus.

Neles vivem onze mil pessoas, entre as quais noventa e oito mil porto-riquenhos, sessenta e dois mil negros, quarenta e cinco mil adultos inscritos no desemprego. A Polícia dispõe de trezentos e trinta e seis homens para patrulhar, de vinte e dois sargentos, de cinco tenentes, sem nenhum auxiliar feminino, para um sector de uns 40 quilómetros quadrados, com 95 quilómetros de ruas.

Aqui, os garotos nem sequer têm a esperança de se tornar «artistas ou desportistas». Tudo o que podem esperar é ir para a tropa aos dezoito anos. Filmei um soldado numa secretaria de recrutamento, impassível, ao lado de um jovem porto-riquenho que os acabava de se alistar e que dizia com raiva: «Ficaram-nos com tudo; agora vão pagar para me fazer viver...»

Filmei dezasseis horas de reportagem, de entrevistas.

Quero que se comovam com a sua beleza, a sua inteligência, a sua alegria. Quero que os vejam. Ensinaram-me que se podia respirar e rir nas piores condições. E ensinaram-me o que quer dizer o privilégio de se ser branco.

Le Monde

Crítica de Cinema

JORGE LEITÃO RAMOS

QUINZENA DOS REALIZADORES

Continuar sempre

E a fechar uma réstia de confiança. No cinema como meio de expressão, nos cineastas como cidadãos atentos à qualidade artística, ética e política dos produtos que vão realizando.

Dois filmes a fechar em esperança de ouro: *A batalha do Chile (1.ª parte)* de Patrício Guzman (Chile/Cuba) e *Trabalhos ocasionais de uma escrava* de Alexander Kluge.

A Batalha do Chile, primeiro fresco de um tríptico de que já está concluída a segunda parte e se encontra em adiantada fase de montagem a terceira, é um filme construído sobre documentos rodados pela equipa do Canal 3 de televisão chilena durante o regime de Allende e transportados clandestinamente para fora do país após o golpe fascista dos generais em Setembro de 1973.

Material directo, o que implica toda uma série de qualidades e consegue, mercê da montagem, cuidada e didácti-

qualidades e consegue, mercê da montagem, cuida e didáctica que não simplista, limar a improvisação e o simplismo que, amiúde, o directo tem.

Por outro lado Patrício Guzman, ao contrário da maioria dos outros cineastas que abordam o tema «Chile» (como é o caso, exemplar, de Helvio Soto com *Chove em Santiago*) não dá dos acontecimentos do seu país uma visão romântico-fatalista, uma espécie de requiem derrotado e tristonho, antes procura nesses acontecimentos as lições e a distanciação que sirvam não só para compreender em concreto o caso do Chile como até para compreender outros processos mais ou menos revolucionários que, um pouco por toda a parte, se travam ou travarão (e Portugal é, claro, o exemplo imediatamente próximo).

De imediato, também, é a comparação a fazer com o que em Portugal se (não) fez. Aqui captaram-se milhares de metros de película (só o trabalho da Cinequipa e da Cinequanon para a RTP chegariam) mas não se fez esse trabalho de organização, reflexão, sobre o material directo de modo a torná-lo coerente e produtivo. Que o exemplo de Guzman frutifique entre nós é o voto que aqui fica expresso.

Quanto ao filme de Kluge, formalmente nos antípodas de Guzmán, é um outro exemplo de cinema com um forte poder interventivo, embora a sua segurança estilística esteja uns furos abaixo de Guzmán ou mesmo do outro filme de Kluge que vimos nesta Quinzena: *Der Starke Ferdinand*.

Trabalhos ocasionais de uma escrava ' uma breve incursão nos domínios de uma (pequena?) libertação quotidiana, com a carga de traumas, voluntarismos, generosidades e inexperiências que carrega sempre consigo uma pequena-burguesia em crise. As relações da família com o meio, dos membros internos à instituição familiar entre si, do *out-sider* com a fábrica, a justiça, as várias instituições de enquadramento e/ou poder. É um filme que não cede um milímetro ao espectáculo (o que constitui, até, um senão) e que se define, secamente, por um discurso monótono sobre uma monótona ocorrência. Dir-se-ia que Kluge se decide por dizer, breve e directamente, o que tem a dizer deixando de lado preocupações estéticas. Daí uma certa aspereza que este filme traz consigo.

Com estes filmes terminou a Quinzena. Do que foram os filmes falámos por estes dias. Do resto, do lavar dos cestos (que não da roupa...) falaremos amanhã.

"Início" teatral

Recentemente formado, o «Início», novo agrupamento teatral de Lisboa, ensaia a comédia de Racine, «Os demandistas», destinada ao público da província.

O grupo, que se propõe criar um centro cultural, é composto por Carlota Calazans, Maria José Abreu, Paulo César (que se estreia como encenador), Carlos Bartolomeu, Carlos Martins, Paulo de Oliveira, Luís Sarmento, António Abel, Luciano Reis e Vítor Carlos.

II Festival de Música na Costa do Sol

. Realiza-se hoje, no Pavilhão de Congressos do Estoril, um concerto em que toma parte o Grupo de Música Vocal Contemporânea, do Porto, com o qual prossegue o II Festival de Música da Costa do Sol.

Ainda este mês, no dia 13, está programado outro concerto, com o compositor espanhol Luís de Pablo e a cravista Magdalena Van Zeller. No dia 18, a pianista Tânia Achot tocará a solo obras de Bach, Schumann e Chopin. No dia 25, estrear-se-á em Portugal o violinista húngaro Dénes Kovács, acompanhado pelo pianista Férenc Rados, executando um programa dedicado a Bach, Brahms e Bartok. Finalmente, em Setembro, os três últimos concertos do II Festival de Música da Costa do Sol contam com a presença do violoncelista Paul Tortelier, que dará um recital a solo integralmente dedicado a Bach, da Orquestra Gulbenkian sob a direcção do maestro húngaro Gyula Nemeth, do guitarrista Pineiro Nagy, assim como da pianista Olga Prats.

O último concerto realizar-se-á no dia 15 de Setembro, com a Orquestra do Teatro Nacional de S. Carlos, dirigida por Paul Tortelier, que executará o «Concerto em dó maior», para violoncelo, de Haydn.

Em OLHÃO o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na PAPELARIA FARRACHA

Televisão

Canal da Crítica

Por MÁRIO CASTRIM

C.D.S.: NA ÉTICA DO CENTRO

Chegaram a Lisboa os atletas portugueses dos Jogos Olímpicos. A recebê-los, o novo secretário dos Desportos e Juventude. Que falou. Que foi mesmo o único a falar. Para realçar a acção dos atletas. E para agradecer e elogiar os clubes a que pertencem. E para agradecer, elogiar e comunicar a atribuição da medalha ao técnico Moniz Pereira.

Cada qual recebeu prenda na fatia que lhe coube do bolo-rei. Apenas, nem todos mereceram ser contemplados com uma palavra amável.

Estou a lembrar-me do anterior secretário dos Desportos, o dr. Silva Graça, e da sua equipa...

Para esses, o silêncio. O silêncio que é a máxima evidência da ausência dos «preconceitos ideológicos».

Assim se fazem as cousas.

MAIS UM?

Começou na Televisão um novo folhetim, este de origem polaca. Intitula-se *O Grande Amor de Balzac*.

O público português tem sido, ao longo destes muitos anos, bombardeado com folhetins e historietas de qualidade muito variável. Na sua grande maioria, porém, obras de ficção, de fantasia, coisa barata, para distrair, inglesices, americanices, francesices. De quando em quando, obra mais puxada à substância, coisa em bom, capaz de mobilizar o interesse da audiência para voos mais largos.

De qualquer modo — e reportando-me a uma regra geral a audiência mais desprevenida é levada a relacionar os folhetins com isso mesmo: um motivo de distracção, género *ora vamos lá ver mais esta droga*.

NINGUÉM FALOU DE BALZAC

O folhetim ontem começado não está precisamente neste círculo. Balzac, a figura central, existiu mesmo, é um grande nome da literatura mundial, trata-se de um romancista que ninguém, para se considerar medianamente culto, deve ignorar.

Isto sei-o eu, leitor e tu também. Mas quantos e quantos telespectadores precisavam que lhes falassem de Balzac, que os aconselhassem a ler o *Lírio do Vale, a Eugénia Grandet, Ilusões Perdidas, O Tio Goriot* e tantos e tantos dos seus 85 romances.

Alguém, pelo menos que lhes viesse dizer que tomassem conta, aquele não era um folhetim vulgar, iam tomar contacto com um gingante da vida real chamado Balzac...

Era o mínimo. Mas nem esse mínimo se realizou. Nestas e noutras pequenas coisas é que se verifica como a Televisão portuguesa é uma grande barcaça à deriva.

PLURALISMO NA TV

Falemos, porém, doutra coisa. Falemos do serão que largamente se ocupou do CDS, o da grande cachola com duas setas apontadas às têmporas.

A propósito do congresso daquele partido, resolveu a Televisão portuguesa ouvir os seus três mais: Freitas do Amaral, Amaro da Costa, Basílio Horta.

Perguntadores: Marcelo Rebelo de Sousa, Rodolfo Crespo, João Benard da Costa. Moderou José Júdice. Basta olhar para este leque e logo se tem a prova do sectarismo, perdão, olha o disparate! do *pluralismo* da Televisão portuguesa.

Marcelo ouvia o namoro do CDS ao PPD, com bonomia. Rodolfo, afogueado acudia a todos os fogos contra o PS; João a perder em série jogadas de grande gozo.

José Júdice, esse, ensaista que é, quase não ensaiou. É um rapazinho bem comportado, vai longe na RTP.

Chegados aqui, a grande dúvida:

Apetece-me rir, porque para sessões deste género, só a gargalhada corresponde.

Apetece-me falar a sério, porque em situações destas, falar a sério é que importa mesmo.

Sim, meus senhores, porque o CDS não é um partido qualquer, é um jovem partido democrata-cristão que quer o mesmo que querem os outros partidos democratas-cristãos só que, evidentemente, e além disso há o personalismo, não sei se vocês sabem o que é o personalismo, eu cá também não sei mas vou explicar, sim, porque o que nós queremos é uma sociedade sem classes, nem a quarto, nem a terceira, nem a segunda, nem mesmo a primeira, queremos todo o mundo analfabeto e aqui radica a nossa filosofia de inspiração cristã, incluindo o centro, cá a gente anda toda à volta do centro, senta-se a gente, senta o centro, levanta-se a gente, levanta o centro, o nosso centro é um centro ético, nós somos uma maneira de estar no centro, tudo pelo centro, nada contra o centro, é do centro que nasce tudo, a verdade é que a gente não mudou nada, quem mudou foi a sociedade portuguesa, por exemplo a Banca: no ano passado ainda havia a Banca privada e agora já não há a Banca privada, está a perceber? de maneira que nós continuamos a querer a mesma coisa, só que o dizemos por outras palavras e por exemplo a luta de classes: a gente aceita a luta de classes, fazemos esse favor, nós aceitamos as tensões sociais, só o que queremos é que elas não se agudizem porque se não se agudizarem talvez as classes trabalhadoras se esqueçam que a luta de classes existe e nesse caso tudo irá melhor, não sei se me faço entender, isto é muito fácil, o que é que vocês pensam, a sociedade comunista é o exemplo típico de uma sociedade dividida em classes, quer dizer, sem classes, ou por outra, com classes, explicando melhor sem classes com classes, classes com, classes sem CSSS... CSSS..., de qualquer maneira uma sociedade sem classes à força, enquanto a gente quer uma sociedade sem classes mas com propriedade privada, sim, porque uma sociedade sem propriedade privada nunca seria livre, é preciso haver propriedade privada para que todos se possam tratar como irmãos, todos devemos ser irmãos de todos, menos dos comunistas, onde nós estivermos não permitiremos que estejam os comunistas, nós temos numa concepção cristã da pessoa, a pessoa tem uma vocação divina, a pessoa tem uma vocação proprietária e além disso a nossa união com as bases é perfeita, amen.

DUAS PALAVRAS

...E de repente tudo se fez claro quando, talvez apanhado desprevenido na vertigem de si próprio, Freitas do Amaral declarou não ser correcto atacar, agora, a Constituição e que aquilo que ele considera negativo na Constituição *não é de modo nenhum tudo aquilo em que a Constituição consagra e defende a democracia, nem sequer aquilo em que a Constituição rejeita o capitalismo...*

Nem sequer: aí está. Duas palavras, só duas palavrinhas inocentes mas que, para definir o CDS, bastam. E se bastam, que mais irei eu acrescentar?

CINEMA
Distribuidores americanos querem 60 por cento

ESTOCOLMO, 4 — Os filmes americanos terão desaparecido dos cinemas suecos até ao fim deste mês, se os distribuidores americanos e suecos não estabelecerem novo contrato, revelou ontem um responsável sueco.

Cinco distribuidores de filmes americanos exigiram que a sua comparticipação das receitas seja aumentada de 50 para 60 por cento, mas a Associação dos Proprietários de Cinema sueca recusou e levou o assunto para o departamento governamental de liberdade de comércio.

Os americanos recusam-se a continuar a distribuir filmes, a partir de ontem, sob os termos do contrato anterior.

Segundo um porta-voz daquele departamento, os serviços governamentais servirão de ligação nas negociações entre os proprietários suecos e as cinco distribuidoras de filmes americanas — Cinema Internacional, United Artists, Walt Disney Productions, Warner-Columbia e Fox Distributions. (ANOP/UPI)

HOJE às 21.30
ANTE-ESTREIA
A peça de DAVID HARE traduzida por Jorge da Silva Melo

HELENA FELIX • DINIZ CASTELO • MANUELA CASSOLA
MÁRIO PEREIRA • SUZANA PRADO • VITOR HUGO
FERNANDA MONTEMOR • CARLOS DUARTE • FERNANDA COIMBRA
JOSÉ BRÁS • CREMILDA GIL • AUGUSTO LEAL
LUZIA MARIA MARTINS
no TEATRO VASCO SANTANA

TRABALHADORES DE TEATRO DA CASA DA COMÉDIA
SÓ DURANTE O MÊS DE AGOSTO
TEATRO

HORAS DE LUTA
TEXTOS DE GUERRA JUNQUEIRO
4ªs feiras às 19 horas
5ªs 6ªs e sábados 21.30 h
CONVITES AOS ESTUDANTES

TEATRO ABERTO
Pº de ESPANHA metro PALHAVÃ telef. 77 09 69
grupo 4 apresenta
O CÍRCULO DE GIZ CAUCASIANO
bertolt brecht

(11 semanas em cena)
DE 3.ª A 6.ª FEIRA, ÀS 21 e 15 H.
SÁBADO, ÀS 15.30 e 21.15
DOMINGO, só às 16 h.

CONCERTO
PRAÇA DO IMPÉRIO
(junto ao Museu da Marinha)
Amanhã, às 17 horas
BANDA DA FORÇA AÉREA
Direcção do maestro cap. Silvério de Campos
em colaboração com a
CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

Hoje

Tótó

I PROGRAMA

- **19.00** **Abertura e «Volta ao Mundo em 80 Dias»**
- **19.25** **Memória de Azedo Gneco** — Um programa de Arca-Filmes sobre o conferencista e jornalista e a fundação do Partido Socialista.
- **19.50** **Educação Permanente**
- **20.00** **Segredos do Mar — A Lagosta.** Um programa realizado por Helder Mendes.
- **20.30** **Telejornal** — 1.ª edição
- **21.05** **Tótó Torce o Pepino** — (Chise ferma é perduto) um filme produzido em 1962 e realizado por Sergio Corbucci com Peppino de Filippo e Jaqueline Pierreaux
- **23.05** **Telejornal** — 2.ª edição
- **23.30** Fecho.

II PROGRAMA

- **20.00** **Abertura e o Mundo de Wodehouse** — Série filmada
- **20.30** **Cancioneiro** — Um programa dedicado ao poeta popular António Aleixo.
- **21.00** **Sweeney** — Série filmada
- **21.55** **Telejornal**
- **22.25** **Sabe quem foi Rafael Bordalo Pinheiro?** Realização e apresentação de Ruy Ferrão.
- **23.20** Fecho

Amanhã

I PROGRAMA

18.30 — Transmissão directa da Assembleia da República, **20.30** — Telejornal, 1.ª edição; **21.00** — Programa do Estado-Maior General das Forças Armadas; **21.30** «Padre Brow»; **22.30** «Memórias do nosso Tempo»; **23.00** Telejornal, 2.ª edição; **23.15** Fecho.

II PROGRAMA

20.00 «A Mulher Vestida de Branco» (série filmada); **20.25** Ver; **20.50** «O Adorável Mentiroso»; **22.50** Telejornal, **23.05** Fecho

PARA REPARAÇÃO DO SEU TV
SOS-CLÍNICA DE TELEVISÃO
COM RÁDIO-TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
DESLOCAÇÃO E ORÇAMENTO GRÁTIS — SERVIÇO PERMANENTE
Telefs. 722786-834271
Avenida S. João de Deus, 12-B - Rua Macau, 8

Desporto

Futebol aos soluços

PORTO RECEBE ASTON VILLA

O F.C. do Porto, agora sob a batuta do cauteloso e competente Pedroto, defronta esta noite, nas Antas, os ingleses do Aston Villa. O encontro, como é natural, insere-se no programa de preparação de pelouros das Antas (o título é o objectivo mais próximo), que assim se apresenta hoje aos seus associados e adeptos (há já bilhetes à venda).

O Aston Villa desloca ao Porto os seus melhores elementos, onde merecem realce, entre outros, Young, Evans, Chris Nicholl e Leigton Phillips, as últimas aquisições do do clube, e todos internacionais, ainda há bem pouco tempo, contra a Irlanda do Norte e o País de Galles.

Ainda dentro do mesmo plano de preparação o F.C. do Porto defrontará, domingo, no seu campo, o Inter de Brastislava (vencedor da série em que o Guimarães participou na Intertoto), e no dia 14 (ainda em Agosto), contra os ingleses do Stoke City.

BELENENSES EM ESPANHA

Os homens do Restelo partem amanhã para Espanha, mais propriamente Sevilha, onde defrontarão o Bétis, equipa da divisão secundária da Liga espanhola, mas extremamente poderosa. O encontro é aguardado com expectativa em Sevilha, porquanto o Bétis parece disposto a reabilitar-se, esta época, de muitos dos desaires e decepções sofridos nos últimos tempos.

A boa classificação do Belenenses no nosso «Nacional» e o seu excelente comportamento na Intertoto pesaram enormemente na catadupa de convites recebidos pelos dirigentes de Belém para desafios no país vizinho. Carlos Silva, que rendeu no Restelo o seu amigo Peres Bandeira, vê com bons olhos esta digressão, porquanto a mesma se insere no regime de preparação que tinha congeminado.

Além do Bétis, o Belenenses defrontarão, no dia 9, o Santader de Quinito e Damas, no dia imediato os ingleses de West Ham (equipa inglesa com projecção internacional e alguns conceituados futebolistas britânicos). o Levante (equipa da II Liga espanhola), o Elche (17), a Uniao Salamanca (22), e para finalizar, participarão em 25, 26 e 27 do corrente, no Troféu Real Oviedo, juntamente com a equipa local, o Gijon e o Sporting.

CHEGOU GERALDO

Alto, seco de carnes, bem credenciado, chegou Geraldo. Geraldo que passou pela Portela, ontem, e foi direitinho para o Bessa. Seu nome é Geraldo Justino da Silva, brasileiro, claro, que viajou para o Boavista pelas mãos de Domingos Marques, um amigo do Bessa radicado no Brasil.

Geraldo é atacante e parece possuir grande habilidade (pelo menos, essa é a sua maior credencial). Tem 23 anos, começou a jogar no Náutico, passou pelo América e desaguou no Alagos de Porta Alegre. Mas nasceu no Recife e é profissional desde os 19 anos.

BENFICA VAI AO BRASIL

É muito provável que o Benfica faça deslocar a sua equipa pricniapl ao Brasil. A viajem parece já definitivamente assegurada para encontros em Salvador (contra um misto Vitória-Baia), no Recife (com o Santa Cruz) no Rio de Janeiro (ante a Associação Atlética Portuguesa. equipa que Severiano Correia orienta). Este desafio efectuar-se-á no Estádio de S. Januário, pertença do Vasco da Gama.

Fausto Pires, que é empresário, tratou da questão e encontra-se presentemente no Rio de Janeiro a burilar as últimas «arestas», porque entretanto uma dúvida subsiste: o primeiro encontro dos «encarnados» é no Recife ou no Rio de Janeiro?

Olímpicos quando seguiam do aeroporto para o Estádio de Alvalade, onde foram calorosamente homenageados pela direcção do Sporting. Ao lado, além dos acompanhantes motorizados, atletas leoninos que fizeram o persurso em «passo celere»

Carlos Lopes e Mamede numa prova em Edimburgo

• Olímpicos homenageados em Alvalade

. Os atletas Carlos Lopes e Fernando Mamede, o primeiro antes de participar, portanto, no «meeting» internacional de Estocolmo, onde estarão os melhores praticantes mundiais de fundo, partem amanhã de avião para Edimburgo, onde estarão a convite da Federação de Atletismo da Escócia. De Edimburgo os dois atletas «leoninos» viajarão para a capital da Suécia e Zurique.

Carlos Lopes e Carlos Mamede foram, com Moniz Pereira e os três lutadores do Sporting que se deslocaram a Montreal (Grilo, Leonel Gomes e Joaquim Vieira), ontem, alvos de expressiva homenagem por parte do pelouro desportivo do seu clube, que para o efeito levou ao aeroporto da Portela a sua secção de atletismo. Da Portela a Alvalade os atletas leoninos, dentro de uma camioneta sem cobertura (empunhando a bandeira leonina acompanhados por automóveis particulares de aciados do Passadiço viram-se envolvidos em manifestações de entusiasmo popular.

O dr. Nunes dos Santos, vice-presidente do Sporting e a «alma mater» da iniciativa (foi ele, aliás, que praticamente promoveu a recepção no aeroporto a todos os atletas, sem distinções clubísticas) usou, já em Alvalade da palavra e no estilo que lhe é peculiar para esboçar o perfil de alguns dos atletas e traçar o currículo desportivo dos mesmos em pinceladas prosaicas que os presentes sublinharam com fortes aplausos.

Gaudêncio Costa, presidente do Comité Olímpico Português, agradeceriao gesto por entre ovações constantes. Presentes ao acto os pais de Carlos Lopes, bem como o filho do atleta, que na sua meninice de cara de leite não deixou passar o ensejo para aplaudir.

Antes, recorde-se, o secretário de Estado da Juventude e Desportos usou da palavra no aeroporto, tendo afirmado, em determinado passo da sua alocução: «A minha presença aqui significa o interesse com que o Governo seguiu as vossas actuações e o vosso comportamento cívico e desportivo, que foi o melhor de sempre. Nestas saudações englobo os vossos clubes, associações e federações e os vossos dirigentes e técnicos que muitas vezes aninimamente para tal contribuíram.

Depois de fazer uma referência especial a Amando Marques («deu razão a todos aqueles que lutaram para que ele estivesse presente foi um merecido prémio para toda a sua dedicação») e Carlos Lopes («devido ao seu brio, espírito de sacrifício e qualidades humanas, ao longo de toda a sua corrida») e de associar a

Continua na pág. 17

MEDALHA DE PRATA PARA MONIZ PEREIRA

. O Governo do Primeiro-Ministro Mário Soares concedeu, através do secretário de Estado da Juventude e Desportos, ontem no aeroporto da Portela, a medalha de Mérito Desportivo ao prof. Moniz Pereira (Mário), responsável pela selecção portuguesa de atletismo que participou, de forma altamente positiva Olímpicos de Montreal.

Essa distinção foi comunicada pessoalmente a Moniz Pereira pelo secretário de Estado da Juventude e Desporto, dr. Joaquim de Sousa, que ali se deslocou para receber a delegação portuguesa que regressou de Montreal com duas medalhas de prata.

Moniz Pereira, considerado o grande responsável pela boa exibição dos atletas portugueses em Montreal, ficou visivelmente comovido com a recepção que teve no aeroporto e com a distinção que lhe foi conferida pelo Governo, abraçando com lágrimas nos olhos o secretário de Estado.

MADEIRA
Partidas semanais as *Sextas, Sabados* e *Domingos* de *Julho* a *Outubro*
•aviões dos *TAP*
•magnifica sellecção de hoteis, quartos com banho
8 *dias desde* 2.890$
VIAGENS RAWES
Lisboa-*Correspondência*. R. Bernardino Costa, 47
Expediente: Trav. do Corpo Santo, 15 Tel. 370231
Faro-Rua Conselheiro Bivar, 72 Tel. 23195/6

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

4.ª Vara

ANÚNCIO

Proc. 2219/A 2.ª Secção

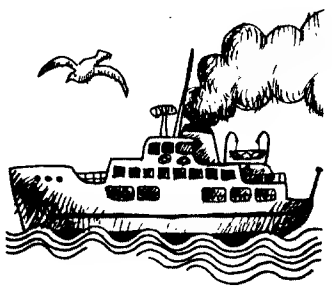
Execução de sentença

Exequente — José Vicente e Outro
Executada — A Represental — Departamento de Vendas e Representações, Ld.ª, com sede na Praça do Chile, 15 - 1.º em Lisboa.

No dia 11 de Outrubro próximo, pelas 14,30 horas, nesta 4.ª Vara Cível, sita no Palácio da Justiça, e nos autos acima referidos, hão-de ser postos pela primeira vez em praça, para serem arrematados pelo maior lanco oferecido acima do respectivo valor indicado no processo, vários móveis e o direito ao arrendamento e trespasse da sede da executada, dos quais é fiel depositário o sr. Fermin Gallego, Av. 5 de Outubro, 23 - 1.º em Lisboa.

Lisboa, 23 de Julho de 1976

O Juiz Corregedor
Armando Figueira Torres Paulo
O Escrivão de Direito
Henrique Pereira da Cunha



Cruzeiro a Troia

Dias 25 de Julho
8 e 22 de Agosto
5 e 19 de Setembro

Uma iniciativa do GITUS
levada a efeito
numa das modernas embarcações
dos Caminhos de Ferro Portugueses

Preços adultos 150$00
crianças 70$00
Suplemento para almoço 50$00

Horário estação do Terreiro do Paço
embarque 08 00 horas
desembarque 20.30 horas

bilhetes à venda
nas estações de Lisboa
no GITUS
(telef. 53 98 71-36 25 01-68 11 78)
e no teu Sindicato

Caminhos de Ferro Portugueses

PUB

Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Setúbal

AVISO

Para os devidos efeitos se informam os trabalhadores deste Distrito que por força da Convenção Colectiva de Trabalho dos Trabalhadores da Previdência o horário desta Instituição passa a ser das 9 às 18.30 horas com intervalo para almoço das 13 às 14.30 horas, pelo que o **horário de abertura ao público** será:

9.15 às 11.30 horas
14.45 às 16.30 horas

A COMISSÃO ADMINISTRATIVA

Desporto

Lauda melhora

Niki Lauda, a quem ontem, após o acidente que sofreu na pista de Nurburgring, perto de Manheim, foi retirado um aparelho auxiliar de respiração, continua em «estado crítico», anunciou um dos médicos que integra a equipa encarregada de recuperar o campeão austríaco e mundial. O famoso e infortunado volante continua, entretanto, a ser asssistido através de oxigénio e a alimentar-se artificialmente.

Na clínica da Universidade de Manheim, onde o famoso corredor austríaco, de 27 anos, está a ser tratado aos múltiplos ferimentos e queimaduras que sofreu. Lauda ganhou o primeiro assalto na sua luta para sobreviver. O professor Klaus Peter, director da unidade de cuidados intensivos da clínica, disse que as hipóteses do célebre volante sobreviver melhoraram ligeiramente. «Acha-se consciente, mas apenas poderá comunicar com movimentos de cabeça», afirmou ainda. Os pulmões continuam a não funcionar normalmente, visto que Lauda inalou fumos venenosos quando o seu bólide se incendiou. O último relatório médico assinala que Lauda sofre de queimaduras de segundo e terceiro grau na cabeça, feridas na cara e graves lesões internas nos pulmões.

Entretanto, continua acesa a discussão sobre a falta de segurança do circuito de Nurburgring, onde se disputou o «Grande Prémio da Alemanha», pensando-se que o circuito será definitivamente encerrado, pelo menos para este tipo de provas.

As diferentes versões das causas que poderiam ter estado na origem do acidente do campeão mundial oscilam entre uma possível falha do credenciado piloto ao abordar uma das curvas do difícil circuito e um defeito na montagem de uma das rodas do carro, cujas porcas estariam folgadas.

Os serviços de emergência do circuito são alvo de duras críticas, pois o piloto austríaco ficou durante algum tempo preso ao seu «Ferrari B12», quando este se encontrava envolto em chamas, antes que as equipas de salvamento pudessem chegar ao local do acidente, o que demorou cerca de oito minutos.

O corredor britânico Guy Edwards, que ajudou Niki Lauda a sair do carro em chamas afirmou em Londres que os primeiros socorros demoraram muito tempo a chegar ao local do acidente. O piloto afirmou: «Jacques Lafitte e eu próprio conseguimos retirar Niki do carro. Nessa altura, ele estava consciente, mas a ambulância levou bem à vontade oito a nove minutos a chegar».

RESPIRAÇÃO AFECTADA

. O estado do piloto austríaco Niki Lauda continua «invariavelmente grave», segundo declaração de um dos membros da equipa médica que abnegadamente o tenta recuperar, pelo menos. É convicção, no entanto, que esse «invariavalmente grave» pode levar a admitir que, mesmo estacionariamente, o seu estado venha a melhorar significativamente nos próximos 10 dias. Para muitos, «invariavelmente grave» é sinónimo de «melhoras».

Entretanto, um porta-voz do Hospital Universitário de Manheim disse que Lauda continua submetido a cuidados intensivos, especialmente no que se refere às vias respiratórias, seriamente afectadas pelo fumo que inspirou.

Por outro lado, uma comissão do Automóvel Clube da Alemanha iniciou já o inquérito às causas do acidente sofrido pelo «volante» que reside em Viena, no circuito de Nurburgring, onde se disputava o Grande Prémio da Alemanha em Fórmula 1. O inquérito, a cargo da comarca da região de Doblença, não será fácil, uma vez que os restos do «Ferrari» de Lauda foram rapidamente recolhidos pelos mecânicos e levados para Itália.

Os investigadores procuraram apurar se o acidente foi devido a deficiência mecânica ou a erro de condução. Entratanto, o estado de Niki Lauda continua, apesar de tudo, a ser crítico, e os médicos afirmam que o piloto austríaco só poderá ser considerado livre de perigo dentro de duas semanas.

PARA A FÓRMULA 2

Prova do Estoril gera expectativa

Aumenta extraordinariamente a expectativa que gira à roda do III Grande Prémio do Estoril, competição que, como se sabe, compreende uma corrida destinada à Fórmula 2 englobada no Campeonato da Europa. A prova do Estoril é a décima do ano e, depois dela, apenas três outros circuitos acolherão os pilotos de fórmula 2. Daí que o campeonato deste ano, sem dúvida o mais equilibrado das últimas épocas, possa começar a ficar decidido em Portugal, o que, como se compreende, faz concentrar sobre o nosso país as atenções de todos os que seguem o «Europeu de Fórmula 2».

A maior parte dos 30 pilotos inscritos na prova portuguesa deverá chegar a Portugal este fim-de-semana e nos dias que antecedem a primeira sessão de treinos oficiais a quase totalidade dos pilotos presentes fará treinos livres de adaptação à pista e afinação dos respectivos carros de acordo com as características do traçado do Autódromo do Estoril.

Encerradas, também, as inscrições para as provas de sábado (7), integradas no Campeonato Nacional de Velocidade, constata-se que todos os principais pilotos portugueses de velocidade estarão presentes nas três provas. Assim, em Turismo de Série (Grupo 1), estão inscritos 33 pilotos, nos grupos 2,3,4 e 5 18 pilotos e, finalmente, a prova integrada no Troféu de Fórmula Livre terá a presença de 14 concorrentes.

Excepcionalmente, por outro lado, é a lista de inscritos para a prova de Fórmula Seat 1430: nada menos do que 37 pilotos efectuaram a sua inscrição, segundo confirmou ao ACP a Federação Espanhola de Automobilismo. Este número de inscritos vai fazer com que haja uma verdadeira luta durante os treinos cronometrados, já que nem todos os inscritos poderão no domingo (8) alinhar na grelha de partida. O mesmo problema já não acontecerá com a prova da Fórmula Seat 1800, em que estão inscritos cerca de 20 concorrentes. Saliente-se que grande parte destes pilotos espanhóis estará em Portugal durante toda a semana, preparando-se para as respectivas provas de domingo; a presença de todos estes pilotos, mecânicos, acompanhantes, etc, durante mais de uma semana defenderá da melhor maneira o ponto de vista turístico do III Grande Prémio do Estoril.

DOIS FRANCESES CANDIDATOS À VITÓRIA

Faltam três dias (exactamente três dias: com licença, comentadores desportivos da RTP) para o início do «III Grande Prémio do Estoril», cujo «prato forte» é, como se sabe, a prova de Fórmula 2 integrada no respectivo Campeonato da Europa. Trabalha-se no Automóvel Clube de Portugal e no Autódromo do Estoril a um ritmo acelerado para que tudo esteja pronto no próximo sábado. Nesta difícil e complexa organização colaborarão cerca de 500 pessoas, a quem estarão distribuídas as mais diversas tarefas. Recorde-se que fiscais de pista, bombeiros e C. Vermelha desempenharão papel fundamental no funcionamento da pista do Autódromo do Estoril. Esta, por seu lado, tem sofrido grandes beneficiações, sendo de destacar a recolocação dos «rails» e redes de protecção em duas curvas, e uma limpeza geral nas bermas ao longo de todo o circuito.

Todo este enorme trabalho de organização não será exagerado para receber os carros da Fórmula 2, corrida que este ano terá, sem dúvida, o melhor plantel de quantas já se organizaram no nosso país. É que o Campeonato da Europa está no seu auge, com vários pilotos a poderem ainda chegar à primeira posição, lugar este que é o melhor cartão de visita para entrar na Fórmula 1.

Na última prova desta categoria disputada há uma semana em Enna, o jovem francês René Arnoux conquistou o primeiro lugar e ascendeu à primeira posição do campeonato. Com apenas menos um ponto, o seu compatriota Pierre Jabouille é o seu mais directo adversário para a vitória final, e a luta entre estes dois pilotos franceses constituirá o grande pólo de atracção da prova. Patrick Tambay, Maurizio Flammini, Alex Ribeiro e Michel Leclère têm ainda hipóteses de chegar ao primeiro lugar, embora apenas as possibilidades dos dois primeiros sejam realmente de considerar.

Depois da 9.ª prova, a classificação do campeonato é a seguinte: 1.º **Arnoux, 39 pontos,** 2.º Jabouille, 38; 3.º Tambay, 30; 4.º Flammini, 26; 5.º Ribeiro, 24; 6.º Leclère, 21; 7.º Martini, 12; 8.º Cheever, 7; 9.º Marazzi, 5; 10.º Deutsch, 4; 11.º Hoffmann e Rosberg, 3; 13.º Ertl, Pesenti-Rossi e Ludwig, 2; 16.º Migault, Jaussaud, Heyer, Kottulinsky e Hotz, 1 ponto.

Acresce dizer que Arnoux, Flammini, Ribeiro, Cheever, Marazzi, Hoffmann (e todos os restantes) nunca correram no Autódromo do Estoril, sendo para eles novidade a pista portuguesa. Tal como na Fórmula 1, em cada prova apenas pontuam os seis primeiros classificados. Essa pontuação, por ordem decrescente, é a seguinte: 9,6,4,3,2 e 1.

PORTUGAL

CONCEIÇÃO ALVES

Conceição Alves apoderou-se do novo recorde nacional do pentatlo regional (de Lisboa) com 3895 pontos. Depois de uma extraordinária primeira jornada (sábado), Conceição Alves venceu as duas últimas provas de domingo, batendo o anterior máximo nacional que era pertença de Helena Relvas, ao superar tudo e todas na altura, 100 metros/barreiras e comprimento.

Entretanto, na 2.ª jornada da Taça Fernando Amado disputada no Jamor e perante ausências de tomo, o Benfica adiantou-se ao Sporting na classificação colectiva. A figura da jornada seria, todavia (como ontem referimos) o sportinguista Luís Azevedo.

GIOVANNI E MORAIS GANHAM EM S. MIGUEL

A dupla Giovanni-Morais; tripulando um «Ford-Escort», ganharam ontem a volta automóvel à Ilha de S. Miguel (Açores), prova que conta para o Campeonato Nacional de «Rallys» e que teve lugar no arquipélago dos Açores, sob a responsabilidade do Grupo Desportivo e Comercial de S. Miguel.

Depois da prova, que compreendia velocidade em estrada e «slalom», a classificação geral ficou ordenada do seguinte modo:

. 1.º, Giovanni Salvi-António Morais (Ford Escort RS); 2.º, Mario Silva-Pedro de Almeida (BMW 2002); 3.º, Jorge Ortigão-Pedro Abreu (Datsun 1200); 4.º, Luís Alberto-Tavares Mota (Opel 1904 SR);

Recepção em Alvalade

Continuação da pág. 16

esta homenagem o Sporting e Moniz Pereira (como aqui já referimos), o dr. Joaquim de Sousa convidou o técnico leonino e nacional a coordenar os trabalhos de preparação para Moscovo, onde Portugal estará presente e decerto que, sobretudo Carlos Lopes, homem com a idade ideal para participar na maratona.

Sob a questão Miniz Pereira observou: claro que tenho ideias sobre o assunto (preparação com vista aos Jogos Olímpicos de Moscovo) e projectos concretos a apresentar. Mas, conpreendem: o secretário de Estado disse que queria falar comigo, e é lógico que seja a ele que eu divulgue em primeiro lugar as minhas ideias sobre a questão».

Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias de Panificação e Produtos Alimentares Afins do Distrito de Lisboa

Sede: AV. ANTÓNIO AUGUSTO DE AGUIAR, 25-CAVE — LISBOA-1 — T. 572045

ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA

CONVOCATÓRIA

A fim de se poder esclarecer todos os trabalhadores àcerca dos problemas que se nos deparam com a negociação do nosso C.C.T. e para que a classe se possa pronunciar sobre a actual fase das negociações, ante o compromisso assumido pelo Ministério do Trabalho de, por via administrativa, resolver o nosso problema caso o patronato se continue negando às negociações.

Convoco todos os trabalhadores da Panificação para uma Assembleia Geral Extraordinária que se realizará no dia 15 de Agosto de 1976 pelas 9.30 horas, na sala do SALÃO NOBRE DO INSTITUTO SUPERIOR TÉCNICO, na Av. Manuel da Maia em Lisboa, que terá a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS :

1 — Esclarecimento sobre o processo de negociação do C.C.T.
2 — Análise da Nota Oficiosa do Ministério do Trabalho
3 — Acções a desenvolver com vistas a cumprirmos o nosso C.C.T.

Através do C.C.T. conseguiremos melhorar a nossa situação em regalias sociais e salariais, o C.C.T. é para todos

SÓ COM A PRESENÇA DE TODOS
SÓ COM A FORÇA DA NOSSA UNIDADE
PODEREMOS VENCER

Não deixes aos outros aquilo que tu tens o dever de defender

NÃO FALTES COMPARECE E PARTICIPA

O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL
Arão das Neves Ribeiro

DE FÉRIAS COM O
Diário de Lisboa

Aceitam-se assinaturas de férias pelo período mínimo de 10 dias, ao preço de 4$00 por exemplar

NÃO SE ENVIAM RECIBOS À COBRANÇA

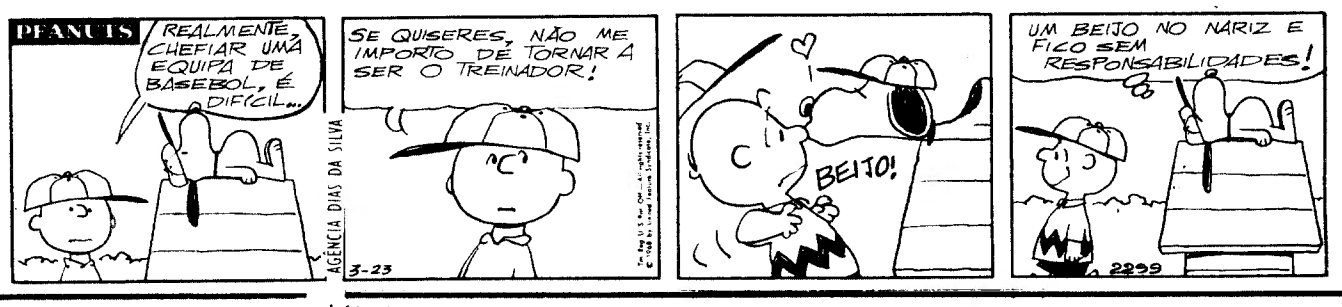
Geral

Avales do Governo aos jornais estatizados

O plenário do Conselho de Ministros, em reunião ordinária ontem realizada, resolveu conceder avales a favor das empresas jornalísticas estatizadas. Os avales agora concedidos ficarão, no entanto, condicionados à apresentação, por harte das administrações daquelas empresas, de relatórios de despesas que serão apreciadas em Conselho de Ministros.

DEMISSÃO NA RTP

O dr. Diogo Manuel dos Santos Duarte, membro do Conselho Administrativo da RTP, pediu a sua demissão do cargo ao subsecretário de Estado da Comunicação Social, Soares Louro. O pedido de demissão foi aceite.



Prevenção Rodoviária vai actuar nas praias

Preocupada com o crescente índice de insegurança (e concomitantes acidentes) nas estradas portuguesas, a Prevenção Rodoviária vai lançar um esquema de sensibilização do público em férias, para o que actuará numa série de praias e termas.

Já amanhã uma brigada sua estará nas termas de Vidago, seguindo-se acções nas Pedras Salgadas, Esposende, Póvoa de Varzim, Leça da Palmeira, Espinho, S. Pedro do Sul, Curia, Figueira da Foz, Monte Real, Portimão, Carvoeiro, Faro, Monte Gordo, Sesimbra e Ericeira. O esquema prolonga-se até 31 do corrente.

Regista-se em Portugal um acidente rodoviário de dois em dois minutos — lembra aquela instituição. Pior um pouco: em cada oito acidentes há um que provoca vítimas; 23 por cento dos peões vítimas de acidentes são crianças com menos de 14 anos; 27 por cento dos mortos em acidentes de viação deslocavam-se em veículos de duas rodas; cada minuto custa ao País mais de 10 contos em acidentes de viação; «dentro de quatro horas provàvelmente morrerá mais uma pessoa (talvez uma criança!) vítima de acidente rodoviário».

É um triste recorde português.

tempo

Situação do tempo 09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava limpo o vento era geralmente fraco e havia bruma ou neblina em vários locais do interior e litoral.

TEMPERATURAS EXTREMAS

RÉGUA — Máxima 40,5°
ISEU — Mínima 10,2°

PREVISÃO GERAL ATE ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Continuação do tempo quente e seco com céu limpo; vento fraco e bruma na Faixa Litoral

TEMPERATURAS DO AR 09.00 H

PORTO	20°
P. DOURADAS	—
COIMBRA	21°
PORTALEGRE	27°
LISBOA	24°
FARO	27°
FUNCHAL	24°

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
10.56 3,5 m	4.14 1,5 m
23.36 3,5 m	16.55 1,5 m
Dia 5	
	5.31 1,5 m
12.12 3,6 m	18.11 1,4 m
DIA 6	
0.49 3,5 m	6.39 1,4 m
13.17 3,8 m	19.15 1,2 m

AMANHÃ

NASCER AS 6.41
OCASO AS 20.43

DIA 10 DIA 18 DIA 25 DIA 1

BOLSA DE LISBOA

VALORES	EFEC.	COMPRA	VENDA
OBRIGAÇÕES DO ESTADO			
Cons.2314 %	275$	275$	—
Cons.3%	300$	300$	—
Cons. 3 1/2 %	—	350$	—
Centenários	800$	800$	—
Tes.5%	780$	770$	790$
Tes. 10%	500$	500$	510$
Extern. 1.ª - s.	—	450$	—
Extern. 1.ª - c.	—	450$	—
Extern. 3.ª - s.	—	460$	—
Extern. 3.ª - c.	—	475$	—
Caut. 3.ª - s.	—	140$	—
FUNDOS PÚBLICOS			
A. Lx. 6 %	—	720$	750$
C.M.L. 5 3/4 %	—	730$	—
C.P. 5 1/2 % — 67	—	600$r	700$
C.P. 5 1/2 % — 68	—	580$	—
C.P. 5 1/2 % — 69	—	600$	—
Corr. 5 3/4 %	—	730$	—
Metr. 5 3/4 %	710$	700$	710$
Tur. 5 3/4 %	—	850$	—
C.P. 6 3/4 %	680$	680$	780$
ELÉCTRICAS			
G. 5 % — 58	—	—	—
G. 5 % — 59	—	—	—
G. 5 % — 62	—	—	—
G. 5 % — 63	—	—	—
G. 5 % — 64	—	—	—
G. 5 % — 65	—	—	—
G. 6 % — 67	—	700$	—
G. 6 % — 69	—	700$	—
G. 7 %	—	—	900$
H.E.A.A. 5 %	—	540$	—
H.E.C. 5 %	—	540$	—
H.E.C. 6 %	—	700$	—
H.E.D. 5 %	—	540$	—
H.E.D. 6 %	—	720$	740$
H.E.N.P. 5 %	—	740$	—
H.E.S.E. 5 %	—	540$	—
H.E.S.E. 6 %	680$	670$	680$
H.E.Z. 5 % — 57	—	540$	—
H.E.Zêz. 6 %	—	700$	—
N. Elec. 5 %	—	540$	—
N. Elec. 6 %	—	640$	—
Termoel. 5 %	—	540$	—
U.E.P. 5 % — 60	—	—	—
U.E.P. 5 % — 61	—	—	—
U.E.P. 6 %	—	680$	—
U.E.P. 7 %	—	700$	—
DIVERSAS			
A.P.T. 5 % — 56	—	690$	—
A.P.T. 5 % — 58	670$	660$	680$
Lisnave 6 %	—	730$	—
Nitratos — 60	—	610$	—
Pet. 2.ª e 3.ª	—	—	—
Sacor 7 %	—	780$	800$
Sacor 5 % — 54	—	—	800$
Sacor 5 % — 60	—	—	650$
Sid. 5 % — 2.ª	—	635$	—
Sid. 5 % — 3.ª	—	620$	650$
Sid. 5 % — 4.ª	—	620$	—
Socel 5 %	—	—	—
R. Fabril — 67	—	710$	—
R. Fabril — 68	—	700$	720$
ULTRAMARINAS			
Carbonif. 5 %	—	—	—
Rev. 5 % — 57	—	—	—
Rev. 5 % — 59-60	—	—	—
Moçambique 5 %	—	—	—
Sonefe 5 %	—	—	—
FUNDOS DE INVESTIMENTOS			
Atlântico	—	—	—
F.I.D.E.S.	—	—	—

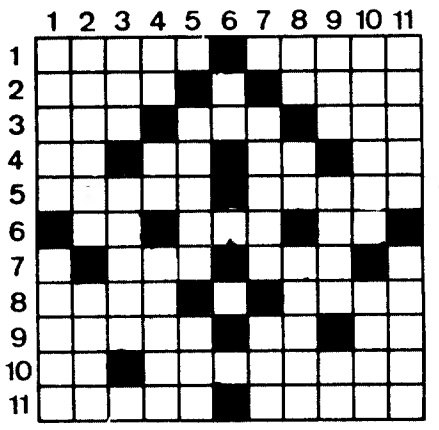
Palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO

PROBLEMA N.º 11435

HORIZONTAIS:

1 Curar. Sugam o leite materno.
2 Rio de França. Vá para fora.
3 Conjunção. Saudável. Rezo.
4 Viração. Aqui. Cério (s. q.). Amónio (s.q.).
5 Entontece. Rio de Portugal.
6 Preposição e artigo. Suspiros. Bário (s.q.)
7 Enguia. Capa sem mangas.
8 Aguça. Apre!
9 Peugada. Crómio (s.q.) Atmosfera.
10 Quatro em romano. Ordenada.
11 Bolsas. Assassinas.



VERTICAIS:

1 Macaco. Cidade de França.
2 Guarneceria de asas. Planta leguminosa cultivada em Portugal.
3 Chefe etíope. Ratais.
4 Brisa. Aqui. Extravagante.
5 Ilha do mar Jónio. Crítico de arte espanhol autor de penetrantes ensaios acerca de múltiplos assuntos: A Arte de Goia», é um deles.
6 Sódio (s.q.)
7 Poente. Cidade da Pérsia sobre o Anabar.
8 Campeão. Érbio (s.q.) Cidade de Itália.
9 Extremidade do braço. Formar as abas a. Átomo.
10 Desvairada. Porto abrigado por terras mais ou menos altas.
11 Fundador do Islamismo. Crias.

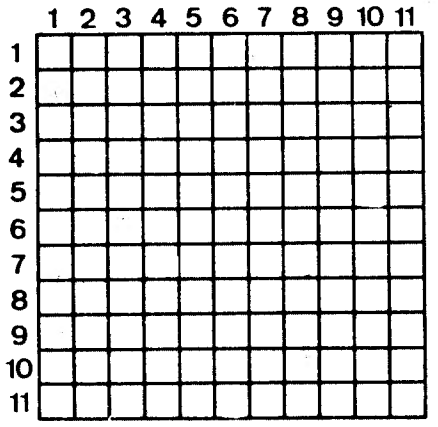
Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 7595

HORIZONTAIS:

1 Encontra. Imbecil
2 Capas sem mangas. Crescer.
3 Colera. Patrão. Batráquio.
4 Liga. Artigo definido. Compaixão.
5 Romance de Emílio Zola. Rezara.
6 Esboço. Heroína francesa que foi queimada viva.
7 Variedade de macieira que produz peros. Satélite de Júpiter.
8 Nesse lugar. Boi selvagem. Zombem.
9 Xaile das mulheres indias e persas. Graça. Pronome pessoal.
10 A Irlanda. Verbal.
11 Suga o leite materno. Curais.



VERTICAIS:

1 Porco. Ligue. Guarneçam de asas.
2 Entende. Bando de animais correndo.
3 Análogo. Víscera dupla.
4 Membro de ave. Destrói.
5 Prefixo que designa ar.
6 Magnete natural. Preguiçosos.
7 Retardar. Arara.
8 Velha. Ornar em redor.
9 Sufixo que designa estado. Batráquio. Nota musical.
10 Espaçariam.
11 Jarro (planta). Gastais.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 11433

HORIZONTAIS:

1 AMOR. Cm. COM.
2 Mac. Moita.
3 Otelo. Gaiar.
4 Rolariam. Mu.
5 Oito. Pão.
6 Sr. Salão. Re.
7 Eis. Iam. Ca.
8 Aias. Ala.
9 Azo. Cresta.
10 Sabrosa. Goa.
11 Anais. Marma.

VERTICAIS:

1 AMOR. SE. Asa.
2 Mato. Riazan.
3 Ocelo. Sioba.
4 Lais. Ri.
5 Mortais. Os.
6 Co. Iola. Cs.
7 Miga, Amaram.
8 Tampo. Le.
9 Cai. Casar.
10 Amora. Tom.
11 Muru. PAGA.

PROVERBIO: Amor com amor se paga.

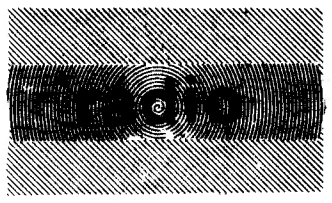
SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7594

HORIZONTAIS:

1 Saba. Uga. Ba.
2 Carmina. Sem.
3 Laore. Mura.
4 Sra. Tomar.
5 Afio. Arrota.
6 Alsacia.
7 Aria. Aproar.
8 Tia. Use. Sie.
9 Ua. Orais.
10 Abalroara.
11 Dia. Aoros.

VERTICAIS:

1 Sc. Ba. Atum.
2 Aal. Faria.
3 Brasilia. Ai.
4 Amorosa. Oba.
5 Ira. Ura.
6 Une. Acasala.
7 Ga. Tripeiro.
8 Morar. Sór.
9 Sumo. Os. Ao.
10 Berat. Ai. Rs.
11 Amara. Rema.



1.º PROGRAMA

16.00, Noticiário — música variada; **17.00,** Música popular; **17.30,** Orquestras; **18.00,** Música Portuguesa; **19.00,** Cultura e actualidade, por Luís Pereira de Sousa; **19.30,** Música variada; **20.00,** «Jornal da Noite»; **20.30,** Melodias; **21.00,** Contraponto: editorial; radiografia, por Barão da Cunha; **00.00,** «Último Jornal»; **00.30** Jazz; **01.00,** «Música na Noite».

2.º PROGRAMA

16.00, Os Couperin: Pavana em fá sustenido menor, de Louis Couperin; Passacallp em dó maior, de Louis Couperin; Prélude de L'art de toucher le clavecin, de François Couperin e Les Fastes de la grande et ancienne menèstrándise, de François Couperin, em cravo por Aimée Vand de Wiele; **16.30,** Felecção da ópera «Turandot», de Puccini; **17.30,** Quarteto n.º 4 em dó menor, op 18 n.º 4, de Beethoven, pelo Quarteto «Schäffer»; **18.00,** A orquestra sinfónica de Paris, dir. por Serge Baudo, em Quadros de uma exposição, de Mussorgsky - Orquestração de Ravel; **18.35,** Solos de piano, Sonatina n.º 5 em sol, de Clementi; prelúdio, ária e final, de César Franck; **19.05,** Música do século XX: Abertura, de Auric; Sinfonia n.º 5 op. 47 em ré maior, de Schostakovitch; **20.00,** Pequenas obras de grandes compositores; Toccata em mi menor BMW 914, de Bach, pela cravista Huguette Dreyfys; Variações em fá menor, de Haydn, pela pianista Ingrid Haebler; Canção da Primavera, de Mendelssohn, pelo violinista Jacques Ghestem. Ao piano Raoul Gola; **20.25,** A orquestra de Câmara «I Musici» na execução do: Concerto Grosso op. 7 n.º 6 em si bemol maior de Geminiani; **20.45,** Duas obras inspiradas no mesmo motivo: Jogos de água da villa d'este, de Liszt; Jogos de água, de Ravel; **2100,** Ópera comentada por Maria Helena de Freitas; **23.00,** Intercâmbio musical: Temporada de 1975/76 da Rádio Sudoeste da Alemanha — em gravações cedidas por esta estação emissora; Concerto pela Orquestra Sinfónica da Rádio Sudoeste da Alemanha, sob a direcção de Ernest Bour: Obras de Thomas Kessler e Anton Bruckner; **00.05,** A oferenda musical de Bach, pelo Conjunto de Câmara dirigido por Karl Richter; **01.00,** Fecho.

3.º PROGRAMA-Nacional e Regional — 294 m)

16.00, «Variante» (Continuação); **16.15, Casos ao acaso, por Orlando Dias Agudo (repetição); 17.10, Vamos ao médico, pelo Dr. José Matildes; 17.30,** Teatro em Variante, por Fernando Midões; **18.05,** «Contacto»; **21.00,** Música, só música; **21.30,** «Quando o telefone toca»; **23.05,** A música e as vozes.

3.º PROGRAMA-Local (187,5 m)

18.00, «Entardecer» De vez em quando; **19.30,** Romance de uma cidade (repetição); **21.00,** Fecho.

4.º PROGRAMA

16.00: Música variada; **17.00:** Canções; **18.00,** Apenas música; **19.00,** «Em Órbita»; **20.00,** Orquestras; **21.00,** Concerto; **22.00,** «Auditório»; **24.00,** «Prisma»; **02.00,** Fecho.

RÁDIO RENASCENÇA

17.00, Noticiário Regional; **18.05,** Trechos seleccionados; **18.15,** Igreja em notícia, Palavra do dia; **18.30,** Transmissão do Terço. **19.00,** Programa da Liga dos Amigos da rádio Renascença; **20.00,** Objectivo; **21.05,** Gente Grande; **21.30,** O som da Noite; **22.00,** Quando o telefone toca; **22.30,** Temas vivos. **23.05,** Trifónico; **23.30,** Textos e Pretextos, **00.00,** Meditando; **02.00,** Encerramento da Estação.

farmácias de serviço

LISBOA

TURNO F-1

ATÉ ÀS 22 HORAS

ALVALADE
Neoterápia, Campo Grande, 138 (Telf. 774682);
Estados Unidos, Avenida Estados Unidos da América, 16-B (Telf. 725859).
AMOREIRAS
Pátria, Calçada dos Mestres, 30-A (Telf. 680627).
AVENIDAS NOVAS
Fátima, Avenida 5 de Outubro, 147-A (à Av. Barbosa du Bocage) (Telf. 763107).
BAIXA
Normal, Rua da Prata, 220 (Telfs. 321342-325553).
BENFICA
Lavinha, Rua Eng. Paulo de Barros, 28-A (à Rua do Basquilho) (Telf. 708242).
CAMPO DE OURIQUE
Condestável, Rua Coelho da Rocha, 119 (Telf. 666206).
CARNIDE
Leal de Matos, Rua Neves Costa, 33 (Telf. 780181).
CASTELO
Zilar, Rua S. Tomé, 54 (Telf. 862835).
LAPA
Pinheiro, Rua Presidente Arriaga, 16 (Telf. 691054).
PICHELEIRA
Marluz, Calçada da Picheleira, 140-B Telfs. 720703-728395).
RESTELO
Belém, Rua Tristão Vaz, 10-A (à encosta do Restelo) (Telf. 612248).

TURNO F-2

TODA A NOITE

ALCÂNTARA
Dilema, Rua Aliança Operária, 49-A/B (Telf. 636620).
ALTO DE S. JOÃO
Nova Luz, Rua D. Domingos Jardo, 28-A (à Av. D. Afonso III) (Telf. 843439).
ARCO DO CEGO
Palma, Avenida Duque de Ávila, 25-31 (Telf. 47088).
AREEIRO
Vera Cruz, Praça Afrânio Peixoto, 2-B (à Av. S. João de Deus) (Telf. 724941).
ARROIOS
Antolin, Avenida Almirante Reis, 88-C (Telf. 821773).
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO
Zira, Praça das Casas Novas, lote 66 (Telf. 310172).
BENFICA
Sousa, Estrada de Benfica, 429 (Telf. 780027).
CAMPO DE OURIQUE
Ivone, Rua Silva Carvalho, 232-C (Telf. 650760).
CONDE REDONDO
Contemporânea, Rua Conde Redondo, 26/30 (Telf. 45048).
ESTRELA
Aurélio Rego, Calçada da Estrela, 138 (Telf. 661758).
S. PAULO
Ultramarina, Rua de S. Paulo, 99 (Telf. 321771).
LUMIAR
Matos Viegas, Avenida Rainha D. Amélia, 34-B (Quinta das Mouras) (Telf. 794174).
PENHA DE FRANÇA
Branquinho, Rua de Sapadores, 87 (Telf. 842725).
XABREGAS
Romana, Rua Actor Augusto de Melo, 7-A (Telf. 383800).

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Almeida Nifo, Av. Comb. G. Guerra, 64 (Telef. 2112070)
CARCAVELOS
Central, toda a noite
S. DOMINGOS DE RANA
Godinho da Silveira, Av. Sabóia, 29-B (telef. 260085). Até às 22 horas
PAÇO DE ARCOS
Godinho da Silva, Av. Patrão Lopes, 4 (Telef. 432039). Até às 22 horas
NOVA OEIRAS
Leal, Até às 22 horas
OEIRAS
Central, R. Conde Ferreira, 29 (telef. 2430058). Toda a noite
PAREDE
Macau, R. J. Elias Garcia, 60-C (telef. 2571785). Toda a noite
AMOREIRA
Amoreira, até às 22 horas
MONTE ESTORIL
Suiça, Cruzeiro (telef. 260087). Toda a noite
CASCAIS
Misericórdia, R. Regimento 19, 41 (telef. 280141) até às 22 horas; **Cascais**, R. Conde de Monte Real — B.º Caixas (telef. 282407). Toda a noite.

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Amadora, P. 28 de Maio, 3-A (tel. 935518); **Cannele**, R. Elias Garcia, lote 28 (telef. 933303); **Helénica**, R. Elias Garcia, 2 (telef. 933613); **S. Jorge**, R. Pedro del Negro, 5 — Reboleira (telef. 938703)
DAMAIA
Lemos, R. de Goa, 21-A (telef. 971121)
QUELUZ
Serra e Pinto, Av. D. António C. Sá, 50-E (telef. 957619)
CACÉM
Rodrigues Garcia, Av. dos Bons Amigos, Lote D-5
MEM MARTINS
Química, est. Mem Martins 285, tel. 2910012
S. PEDRO DE SINTRA
Valentim tel. 980456
SINTRA
Misericórdia, Vila (telef. 2930391)
COLARES
Abreja, (tel. 299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Nunes, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (telef. 234137)
ALHOS VEDROS
Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (telef. 204250)
ALMADA
Nuno Álvares, Av. D. Nuno Álvares Pereira, 39 (telef. 2750504)
BAIXA DA BANHEIRA
Nova Fátima, Est. Nacional, 244-A (telef. 2040141)
BARREIRO
Moderna, R. D. Henriqueta Gomes de Araújo, 12 (telef. 2073443)
COVA DA PIEDADE
Castro Rodrigues, L. 5 de Outubro, 62 (Telef. 270121)
MOITA
Silva Rocha, P. da República, 16 (telef. 239029)
MONTIJO
Higiene, R. José Joaquim Marques, 142 (telef. 2310370)
SESIMBRA
Lopes, R. Cândido dos Reis, 21 (telef. 2233028)
SETÚBAL
Normal do Sul, P. do Bocage (telef. 22216)
SEIXAL
Godinho, L. da Igreja, 51 (telef. 2218580)

PORTO

TURNO 19

ATÉ ÀS 22 HORAS

Alves da Silva, Av. da Boavista, 1016; **Azevedo**, R. d. Azevedo, 136; **Gomes Ferreira**, R. Faria Guimarães, 449; **Antas**, Av. Fernão de Magalhães, 1076; **Antiga Porta do Olival**, Campo Mártires da Pátria, 122; **Falcão**, R. de Santo Ildefonso, 61; **Lousada**, L. do Campo Lindo, 62

TODA A NOITE

Ferreira, P. D. Afonso V, 55-B; **Ordem da Trindade**, R. Heróis e Mártires de Angola; **Confiança**, R. de Santa Catarina, 960; **Nau Vitória**, R. Nau Vitória, 723

COIMBRA

Figueiredo, Rua da Sofia, 107 (Telf. 22837); **M. Nazaré**, Av. João das Regras, 132 (Telf. 23033).

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

LAURA ALVES
20.45 e 22.45 (18 anos)
«Vamos Trocar de Mulheres»
TEATRO ABERTO
21.15 Grupo 4
«O Círculo de Giz Caucasiano»
VARIEDADES
21.15 (18 anos)
«Equus-amargura para um cavalo»
VASCO SANTANA
21.30 (13 anos)
«FANSHEN!»

CASA DA COMÉDIA
21.30 (10 anos)
«Horas de Luta»

LISBOA/Cinemas

CINEBOLSO
21.30 (18 anos)
«Relações Escaldantes»
PARIS
21.30 (18 anos)
«67 Dias»
EUROPA
21.30 (18 anos)
«O pequeno grande homem»
SATÉLITE
21.15 (13 anos)
«A mulher casada»
S. LUIZ
21.30 (18 anos)
«Lola Montes»
JARDIM
21.15 (18 anos)
«A Senhora Sabe da Poda»
LUMIAR
21.15 (18 anos)
«A Mão de Ferro»
PROMOTORA
21.15 (13 anos)
«Frankestein»
OLÍMPIA
21.00 (13 anos)
«Uma Vez Para Viver Outra Para Morrer»

LINHA DE CASCAIS

OXFORD
21.15 (6 anos)
«O Herói do Regimento»
OEIRAS
Oeiras Cine
21.15 (18 anos)
«Toda a Nudez será Castigada»
PAREDE
Royal
21.15 (18 anos)
«Ana Aquele Particular Prazer»
CASCAIS
S. José
21.15 (10 anos)
«Mulher Felina»

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Recreios Desportivos
21.15 (18 anos)
«As Insaciáveis»
SINTRA
Carlos Manuel
21.15 (18 anos)
«Adeus Bruce Lee»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível
21.15 (18 anos)
«Margarida e o Mestre»
ALMADA
Academia
21.15 (18 anos)
«Wang Yu, o Invencível»

PORTO/Cinemas

COLISEU
21.30 (18 anos)
«Uma tese escandalosa»
ESTÚDIO FOCO
21.15 (18 anos)
«Chove em Santiago»
RIVOLI
21.15 (18 anos)
«A Canção da Noruega»
JÚLIO DINIZ
21.15 (13 anos)
«Os malucos vão à guerra»
OLÍMPIA
21.15 (18 anos)
«A Noitada»

ÁGUIA DE OURO
21.30 (18 anos)
«Os sinos da morte»
PASSOS MANUEL
21.30 (18 anos)
«Trinitá Cow-boy insolente»
BATALHA
21.15 (18 anos)
«Os Canhões de Navarone»
CARLOS ALBERTO
21.15 (18 anos)
«The Sex Symbol»
TRINDADE
21.15 (13 anos)
«A Queda do Império Romano»
ESTÚDIO
21.15 (18 anos)
«Adolescência Turbulenta»
S. JOÃO
21.15 (13 anos)
«Henessy, o Militante»
VALE FORMOSO
21.15 (13 anos)
«Os Vêus de Bagdade»
BATALHA-BEBE
22.00 (13 anos)
«Os Violinos do Baile»

COIMBRA

TIVOLI
21.15 (13 anos)
«Quo Vadis»
GIL VICENTE
21.15 (13 anos)
«Sonho de amor»
AVENIDA
21.15 (18 anos)
«Quando o Amor é sensibilidade»
S. TEOTÓNIO
21.15 (13 anos)
«As brancas montanhas da morte»

cinemas

CASTIL
T. 530194 15 17 19 e 21.15 h

Não acons. a men. de 18 anos

PRÁ GUERRA NÃO; MEU GENERAL

IMPÉRIO
T. 555134/5 14.30, 18.00 e 21.15

M. 10 anos

LAWRENCE DA ARÁBIA
Peter O'Toole-Alec Guiness e Omar Sherif
7 oscares-37 prémios internacionais

POLITEAMA
T. 323805 14.15, 16.30, 19.00 e 21.30

Interdito a menores 18 anos
A PROFESSORA DE LÍNGUA
com Femi Benussi, Pupo de Luca

Últimas exibições

VOX
T. 720808 14.15 16.30 19.00 21.30

Para todos
QUE FIZESTE NA GUERRA PAIZINHO?
2.ª semana
UMA EXPLOSÃO DE GARGALHADAS!!!

CARLOS MANUEL SINTRA
Tel. 2930394 21.15

Int. men 18 anos

ADEUS, BRUCE LEE

AVIS
Te. 47163 15.30, 18.30 e 21.15

Não acons. men. 18 anos

O DEVER CONJUGAL

em 2.ª semana

RESTELO
Tel. 610375 21.00

Interdito a menores de 18 anos
BILLY THE KID
História de um Patife
Com Michael Pollard

CINESTUDIO
15.30 e 21.15

BOBBY

4.ª semana de êxito

CINE-TEATRO LIDO

Encerrado para férias

Reabre a 19 de Agosto

BARES - BOITES
RESTAURANTES TÍPICOS
DANCINGS

NINA — Dancing com atracções. **Rua Paiva de Andrade, 7-13, (Tel. 364859, 368197). Marta Mónica Stripteaseuse.**
CASINO DO ESTORIL — Jogo autorizado. Variedades internacionais. **T. 264621/264946.**

CALEIDOSCÓPIO
T. 795093 as 14-16.30-19 e 21.15 h

Para todos

Festival Jerry Lewis

AS NOITES LOUCAS DO DR. ERRYLL

de Jerry Lewis

(2 dias para cada filme)

ÉDEN
T. 320768 14. 16.30 19. 21.15

Interdito men. 18 anos

FOGO NO SANGUE
Um filme super-audacioso

2.ª semana

Este filme contém cenas eventualmente chocantes

ODEON
T. 326283 15.15-18.15 e 21.15

Grupo B maiores 10 anos

A novidade musical argentina

SOMOS NOIVOS

A alegre história de 3 vidas num salto para a glória um festival de comédia e canções

APOLO 70
T. 763311 14. 16.30 19 e 21.15 h

Não acons. a men. 18 anos
À QUEIMA ROUPA

Um filme terrível e sedutor de John Borman

Hoje às 24.00 (Grupo D/18 anos)

O SOLITÁRIO DO RIO GRANDE

de Gregory Peck

ROMA
Tel. 727778 15.30, 18.30, 21.15

Interdito a menores 18 anos
EMMANUELLE A ANTIVIRGEM
Este filme contém cenas eventualmente chocantes
em 12.ª semana

S. JORGE
Tel. 554153/4 15.15, 18.15 e 21.15

Não acons. menores 18 anos
entre o amor e a vingança
Burt Reynolds é
MCKLUSKY, O INDOMÁVEL

ESTÚDIO
T. 555134 Estreia às 21.15

Interdito a menores de 18 anos

NÃO NOS LIBERTEIS DO MAL

Um filme de Joel Séria

ESTÚDIO 444
Tel. 779095 15.30, 18.30 e 21.15

não acons. m/13 anos
O ESTRANHO MUNDO DE DAISY CLOVER

MUNDIAL
Tel. 538743 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15

Não acons. menores 13 anos

AVENTURA E AVENTURA
3.ª Semana
com Lino Ventura e Aldo Maccionne

CASINO ESTORIL
T. 264521/264996 17 e 21.15 h

Não acons. a men. de 18 anos

CONFIDÊNCIAS DE UM LAVADOR DE JANELAS

UNIVERSAL
Tel. 774402

Às 14.30 e 22.30

O CIO
Interdito a menores de 18 anos

17.00 (Int. a men. 18 anos)
O PROSTITUTO

20.30 - (Int. a men. 18 anos)
O VÍCIO

CONDES
Tel. 322523 14.00, 16.30, 18.45 e 21.15

Não acons. men. 13 anos

CAVALGADA FANTÁSTICA
com Lee Van Cleef - Catherine Spaak

BERNA
T. 776098 14.00, 16.30, 19.00 e 21.15

Não acons. men. 18 anos

UM LANCE NO ESCURO
a obra prima de Arthur Penn

Com Gene Hackman e Susan Clark

2.ª semana

LONDRES
T. 801313 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15

Não acons. a men. de 13 anos

PATO COM LARANJA

4.ª semana

ROXY
Tel. 48560 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15

Não acons. a men. 13 anos

O Último Adeus
com Sofia Loren e Marcello Mastroianni

TIVOLI
T. 570595 15 e 21.00

Não acons. a menores de 13 anos

Um história imortal

Um filme eterno

E TUDO O VENTO LEVOU

8.ª Semana

Com Clark Gable, Vivien Leigh

ALVALADE
Tel. 897480 15.30, 18.30 e 21.15

GATA EM TELHADO DE ZINCO QUENTE

c/ Elisabeth Taylor, Paul Newman

Para maiores de 18 anos

PATHÉ
T. 821933 14.15 16.30 18.45 e 21.15

Interdito a men. 18 anos
FOGO NO SANGUE

Um filme super-audacioso

Contém cenas eventualmente chocantes

2.ª semana

NIMAS
T. 574313 14.15, 16.30, 18.45, 21.15

Não acons. menores 18 anos

6.ª semana

CHOVE EM SANTIAGO

o Chile de Allende a Pinochet

DL

RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO-GERAL
RUA CASTILHO, 185, 1.º, 2.º
TELEF. 654531/2/3/4
REDACÇÃO, SERVIÇOS TÉCNICOS
E PUBLICIDADE
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEF. 321154/5, 320271/2/3
RUA DA ROSA, 75
END. TEL. DIBOA TELEX 12363
LISBOA-PORTUGAL

Portugal na Cimeira dos Não-Alinhados

Portugal vai estar presente na próxima Cimeira dos Países Não-Alinhados, que terá início no próximo dia 15, em Colombo — confirmou à ANOP um porta-voz do Ministério português dos Negócios Estrangeiros.

Depois de informar que a delegação portuguesa, cuja composição está ainda em estudo, partirá para Sri Lanka no próximo dia 14 e regressará no dia 20, o porta-voz do Ministério dos Negócios Estrangeiros esclareceu que não se sabe ainda o estatuto de Portugal na conferência, havendo dúvidas sobre a qualidade de «convidado» ou «observador».

O movimento dos não-alinhados, formado há 15 anos em Belgrado, constitui hoje o maior grupo político mundial depois da O. N. U., onde, aritmeticamente, dispõe de uma maioria que lhe permite ditar leis e interferir em quase todos os temas da politica mundial.

Na conferência do ano passado, realizada em Lima, a delegação portuguesa foi chefiada pelo almirante Rosa Coutinho e rodeada da simpatia de todos os participantes, tendo ocupado lugar de destaque nos trabalhos.

A política dos não-alinhados, que a sua facção progressista caracteriza pelo «neutralismo activo», ou seja, pelo não alheamento dos principais problemas mundiais e pela tomada de posição face aos mesmos, sintoniza-se com os princípios consignados na Constituição portuguesa no capítulo das relações internacionais, entre os quais se salientam «a abolição de todas as formas do imperialismo, colonialismo e agressão, o desarmamento geral, simultâneo e controlado, a dissolução dos blocos político-militares e o estabelecimento de um sistema de segurança colectiva com vista à criação de uma ordem internacional capaz de assegurar a paz e a justiça nas relações entre os povos».

Congresso do P.C.P. de 12 a 15 de Novembro

Realizar-se-á de 12 a 15 de Novembro do corrente ano o 8.º Congresso do Partido Comunista Português. Estas datas foram fixadas ontem pelo Comité Central do Partido, reunido para apreciar os trabalhos preparatórios. Outro tema em apreciação centrou-se no programa de Governo apresentado por Mário Soares.

No final desta reunião foi emitido o seguinte comunicado:

«No dia 3 de Agosto teve lugar uma reunião do Comité Central do Partido Comunista Português que procedeu ao exame do momento político, nomeadamente do programa apresentado pelo Governo à Assembleia da República.

«O Comité Central considerou também o andamento dos trabalhos preparativos do 8.º Congresso do Partido e decidiu marcar a data da sua realização para os dias 12 a 15 de Novembro de 1976.»

tome nota

OPINIÕES E ÁGUA BENTA...

A propósito de breves comentários que oportunamente publicámos acerca da viagem à China organizada pela denominada «Associação Democrática da Amizade Portugal-China» recebemos uma carta de Joana Neto, em nome do Secretariado daquela organização, solicitando-nos «a publicação na íntegra», ao «abrigo do direito de resposta». Ora o texto «que se segue» consiste principalmente numa mão cheia de insinuações e insultos ao «Diário de Lisboa».

Alguns exemplos: o nosso jornal seria racista, «inimigos do povo chinês» e do «estreitamento das relações de amizade entre Portugal e a China». Além disso não se limitou a «insinuações torpes e pseudo-análises». Mário Castrim, um «feroz racista antichinês», teria considerado um crime ser-se amarelo, etc.

O direito de resposta nada tem que ver com estas coisas do branco e do amarelo. E quanto a opiniões e água benta, cada qual toma as que quer.

SABEDORIA

Do jornal «O Dia», a propósito da mesa-redonda transmitida pela TV, com três dirigentes do CDS:

«Enfim, o CDS, que mais uma vez venceu sem qualquer dificuldade, não pôde, todavia, esclarecer o país como desejaria. Mas mais uma vez o país compreendeu e, por certo, comprovou quais são as rectas e democráticas intenções do CDS».

Aquele jornal tem o privilégio de saber o que o país compreende ou não. Isto é que é sabedoria!

NUCLEO P.S. NA SETENAVE ALERTA

"Excessos de tolerância face aos inimigos do socialismo"

«Necessário se torna saber distinguir, e isso devemos exigi-lo do Governo, entre os pequenos investidores como viúvas, reformados, emigrantes, pequenos agricultores, todos os que vivem do seu trabalho, e os outros, as «famílias», os grande sabotadores da actividade económica, a quem não deve ser permitido continuar a sugar o esforço dos trabalhadores» lê-se num comunicado do núcleo do Partido Socialista na Setenave, a propósito das anunciadas indemnizações motivadas pelas nacionalizações e pela Reforma Agrária.

«A todos esses — contínua o comunicado, referindo-se, aos sabotadores — a nossa sociedade nade deve, sentindo-se antes do direito de lhes exigir o que aos trabalhadores foi roubado ao longo de tantos anos e para o estrangeiro levado à sucapa».

O comunicado do núcleo do PS na Setenave refere-se por outro lado ao regresso ao País de «personalidades» do antigo regime, mostrando preocupação «porque os excessos de tolerância para com os inimigos declarados do Socialismo poderão levar-nos a grandes dificuldades». E sublinha: «Devemos exigir de todos nós uma firme recusa de cedência quando forem chamados a prestar contas dos seus crimes contra a sociedade portuguesa e devemos exigir uma atenta vigilância popular contra as infiltrações de direita no aparelho judiciário».

Esta manhã, em Alfama, os moradores da parte alta do bairro desceram ao fontanário

Abastecimento de água tende a normalizar-se

O abastecimento de água, afectado por um corte de energia em Valada do Tejo, tende a normalizar-se na área de Lisboa, segundo uma informação prestada pela Empresa Pública das Águas de Lisboa. A referida avaria obrigou a uma interrupção de serviços nas instalações da E. P. A. L., o que levou à redução para um terço do curso normal de água.

A falta de água também atingiu o concelho de Sintra, cujos serviços municipalizados informaram esta manhã que já se está a observar uma normalização em alguns locais. Porém, como a capacidade de armazenamento foi reduzida, prevê-se que a generalização do abastecimento normal só se venha a verificar dentro de quatro dias.

Como vem acontecendo nos últimos anos, a falta de água no concelho de Cascais constitui um grave problema que se mantém sem solução, levando o racionamento da água a três períodos de abastecimento: das 6 às 9; das 12.30 às 14, e das 20.30 às 22.

Militantes do M.R.P.P. recusam identificar-se

Continuam detidos nos calabouços da Polícia Judiciária, à ordem do juíz de instrução, er. Rebordão, três militantes do MRPP (duas raparigas e um rapaz), que se recusam a declinar a sua identidade às autoridades, inclusivé ao próprio juíz.

A obstinada posição dos três MRPP's, de não acatamento das formalidades legais, impede que o processo siga os seus trâmites que, eventualmente, poderiam conduzir à libertação dos detidos.

Curiosamente, uma das jovens detidas é filha do ex-bastonário da Ordem dos Advogados, dr. Ângelo de Almeida Ribeiro, membro da Comissão de Averiguações de Violência sobre Presos Sujeitos às Autoridades Militares que ontem fez entrega ao Presidente da República do inquérito elaborado.

De notar ainda que as fototrafias dos três MRPP's foram já publicadas no «Luta Popular» (órgão oficial daquele partido) mas, face à recusa dos detidos, a sua identidade continua a ser oficialmente desconhecida.

Por último, recorda-se que os detidos se encontram nos calabouços da P.J. desde que se meteram em confrontação com grupos de populares apoiantes da candidatura do major Otelo Saraiva de Carvalho, na Rua Barão Sabrosa.

Enquanto se mantem o impasse (as autoridades exigindo a identificação, os detidos recusando-se a dá-la) já um escriturário do tribunal foi agredido, a pretexto de assumir atitudes «fascistas».

Ambar à espera de máquinas estrangeiras

«Já com 500 trabalhadores ao serviço, a administração da fábrica «Ambar», completamente destruída há tempos por um incêndio, reafirma a arrancada decisiva para a recuperação integral da empresa» — segundo um «telex» enviado ao «D.L.» — tendo em vista o reequipamento da fábrica, com grande parte das instalações já reconstruídas, chegam hoje ainda do estrangeiro três grandes camiões com máquinas gráficas modernas.

Promessas reabrem Nacitex

Com a promessa da entidade patronal de que paga os salários em atraso — metade Junho e a totalidade do mês de Julho — os operários da fábrica de malhas Nacitex, em Matosinhos, retomaram ontem o trabalho.

Quanto ao pagamento do subsídio de férias pelo qual também lutavam desde que entraram em greve, no dia 28 de Julho, não foi tomado qualquer compromisso pelo patrão, que terá recebido um empréstimo bancário no valor de 3000 contos.

O recomeço do trabalho fez-se com a recusa de alguns operários, para os quais não bastava a palavra de honra do patrão. A ameaça patronal de que se ia embora se os trabalhadores não retomassem o trabalho, demoveu os hesitantes.

Os dirigentes sindicais foram impedidos de entrar na fábrica por várias vezes durante o conflito.

Eleições nas autarquias

Continuação da pág. 1

uma vitória P.P.D./C.D.S. em mais de metade dos concelhos do País a qual deitaria por terra a tal «maioria presidencial», ao acentuar que foi de facto a direita quem forneceu a maioria dos votos que elegeram Ramalho Eanes, e criaria enormes dificuldades à acção governativa.

Nos meios de esquerda teme-se quanto à atitude do P.S. Ameaçados por uma coligação da direita, furtando-se a fazer «passar» o princípio da proporcionalidade com o apoio do P.C.P., tentado a captar o P.P.D., o partido governamental, cuja actuação se vem pautando pela ambuiguidade, poderia dar assim uma forte guinada à direita, com reflexos aos mais diversos níveis.

Finançor: problema agrava-se

Os delegados sindicais da empresa Finançor reuniram-se ontem no departamento do comércio da Junta Regional dos Açores, e distribuiram um comunicado no qual afirmam que o «stock» de farinha para a indústria de panificação local se esgotou às 14 horas e 20 minutos.

Entretanto continuam a aguardar a chegada dos técnicos enviados pelo governo central a fim de resolverem os assuntos salariais e, conjuntamente, a reconversão do complexo industrial.

Obras em Portimão

PORTIMÃO, 4 — Após largos anos de expectativa, as obras do porto de Portimão foram agora iniciadas. Numa primeira fase a vila algarvia ficará com um complexo piscatório na margem esquerda do Arade, constituido por um doca de pesca, uma rampa de vazadouro e o plano inclinado para onde serão transferidos os estaleiros da margem direita.

Retomar de ponta-e-mola

Um cidadão que transitava ontem pelo Rossio, era uma e meia da tarde, sentiu uma navalha de ponta-e-mola «morder-lhe» o corpo e escutou a ameaça: se gritasse, era um homem morto.

A vítima foi Danuel Silva Ferreira, que não resistiu à força da ameaça (eram dois assaltantes) ficando sem 600 escudos. Levaram-lhe, ainda, os óculos de sol, no valor de 500.

Um dos assaltantes viria a ser detido. Trata-se de António Navarro, 18 anos, sem profissão, procedente de Angola. O seu companheiro logrou fugir.

BANDA DA CARRIS TOCA NA ESTRELA

A banda do pessoal da Companhia Carris de Ferro de Lisboa dá hoje um concerto no coreto do Jardim da Estrela, às 18 horas É uma promoção da Direcção de Serviços Culturais do Município.

Os mesmos Serviços aprazaram para amanhã à tarde (17 horas), na Praça do Império, outro concerto, este pela banda da Força Aérea, dirigida pelo maestro capitão Silvério de Campos.

Na PRAIA DE MONTE GORDO o DIÁRIO DE LISBOA vende-se no BEIRAL DAS ANDORINHAS